



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

LUAN ALVES MACHADO

**A FORMAÇÃO DO JIU-JITSU BRASILEIRO EM SALVADOR
E NO RIO DE JANEIRO: UM ESTUDO HISTÓRICO COMPARADO**

SALVADOR

2022

LUAN ALVES MACHADO

**A FORMAÇÃO DO JIU-JITSU BRASILEIRO EM SALVADOR
E NO RIO DE JANEIRO: UM ESTUDO HISTÓRICO COMPARADO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Coriolano Pereira da Rocha Junior

SALVADOR

2022

Machado, Luan Alves.

A formação do jiu-jitsu brasileiro em Salvador e no Rio de Janeiro : um estudo histórico comparado / Luan Alves Machado. - 2022.

148 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Coriolano Pereira da Rocha Junior.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2022.

1. Jiu-jitsu - Brasil - História. 2. Esporte - História. 3. Luta (Esporte). I. Rocha Junior, Coriolano Pereira da. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. III. Título.

CDD 796.8152 - 23. ed.

LUAN ALVES MACHADO

**A FORMAÇÃO DO JIU-JITSU BRASILEIRO EM SALVADOR
E NO RIO DE JANEIRO: UM ESTUDO HISTÓRICO COMPARADO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Educação.

Salvador, 15 de dezembro de 2022

Banca examinadora

Coriolano Pereira da Rocha Junior – Orientador _____

Doutor em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro.

Universidade Federal da Bahia

Junior Vagner Pereira da Silva _____

Doutor em Educação Física pela Universidade Católica de Brasília, Brasília.

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Alvaro Rego Millen Neto _____

Doutor em Educação Física pela Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

Universidade Federal do Vale do São Francisco

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação é resultado e consequência da contribuição de muitas pessoas, pelas quais a minha gratidão é muito maior do que consigo expressar em palavras. Ainda assim, com todo amor e afeto, faço deste um espaço de agradecimento e reconhecimento público.

Aos meus pais e a minha irmã, Ernani, Nilde e Luna, respectivamente, a quem sou grato não só por esta etapa da vida, mas por toda a minha vida. Por todo carinho, cuidado e apoio que foram essenciais para que eu pudesse seguir nessa trajetória. São os principais responsáveis pelo melhor de mim e pelo que melhor tento ser. A Maiza, irmã que a vida me deu e por quem tenho muito afeto.

A minha companheira Ivie, que esteve ao meu lado durante cada passo do mestrado e colaborou de diversas formas para que este trabalho pudesse ter êxito. Por todo amor e por todas as experiências compartilhadas, sem as quais eu certamente não estaria aqui.

Ao meu tio Sérgio, um dos maiores incentivadores que eu tive. Sempre presente, apoiando e me motivando a seguir firme nos estudos, responsável direto por eu ter chegado até aqui. Aos meus tios Helder, Vinicius, Aline e Alisson, por todo afeto e pelos ensinamentos de vida. Pessoas próximas desde que eu existo, desde as experiências da primeira infância até os dias atuais, minha família. A minha avó, Bernadete, que me amamentou, cuidou e sempre foi uma mãe pra mim.

A Zé Mário, tio que a vida me deu, por todo seu cuidado e acolhimento. Por ser uma referência fundamental que me influenciou a seguir na trajetória acadêmica.

A Áurea, Marcelo, Andreia e Yasmin, família que me acolheu como membro. Sem dúvida o maior presente que minha companheira Ivie me deu. Por todo afeto, carinho e por todas as trocas diárias.

Aos meus queridos amigos da UFBA, relações que pude construir na universidade durante a minha primeira graduação e que se tornaram laços tão profundos, que eu poderia dizer que nos tornamos uma grande família. Aos(as) queridos(as) sociólogos(as): Élide Franco, Filipe Baqueiro, Gabriela Mota, Gildásio Daltro, Leise Filgueiras, Lucas Catalan, Maiara Diana, e Virginia Clímaco.

Aos meus queridos amigos e amigas de Educação Física da UFBA, que compartilham comigo a profissão mais feliz e legal do mundo: Isis de Andrade, João Pedro Muniz, Francisco do Valle, Rafael Baptista, Tiago Ribeiro, Gabriel Santana, Kleydson Ferreira, Danilo Raniery, Tauan Maia, Rogério Silva, Ewerthon Almeida, Maiara Dourado, Raiane Carvalho e João Gabriel Dantas.

A minha equipe de Jiu-Jitsu LG System, a todos as pessoas que compartilharam vivências no tatame comigo e que semearam em mim um grande amor por essa modalidade. Em especial ao meu mestre Jadyr Guida, responsável pela minha formação no Jiu-Jitsu desde a faixa branca, sempre sendo uma referência de ética, dedicação e excelência no que faz, um verdadeiro mestre.

Aos meus queridos professores e amigos, Coriolano Junior e Romilson Santos, que, de forma sempre generosa, compartilharam tanto dos seus saberes. Sempre conduzindo os processos com leveza e altruísmo, com os olhares sempre no horizonte da superação das desigualdades e de um mundo mais justo. São as minhas maiores influências profissionais.

Ao meu querido grupo de pesquisa, CORPO. Que me acolheu desde o primeiro semestre da graduação, sendo um espaço de excelência acadêmica e de conexões verdadeiras, sempre com muita alegria e afeto. A querida Aline Machado pela sua especial contribuição neste trabalho.

A todos vocês citados dedico esta dissertação, entendendo que vocês são tão responsáveis pela realização dela quanto eu. Que eu possa em vida retribuir todo o bem que me fizeram e fazem. Saibam que vocês são mais do que especiais em minha vida.

Muito obrigado!

Alguns homens veem as coisas como são, e dizem 'Por
quê?' Eu sonho com as coisas que nunca foram e digo
'Por que não?'

George Bernard Shaw

MACHADO, Luan Alves. **A formação do Jiu-Jitsu Brasileiro em Salvador e no Rio de Janeiro: um estudo histórico comparado**. Orientador: Coriolano Pereira da Rocha Junior. 2022. 148f. il. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

RESUMO

O Jiu-Jitsu Brasileiro é uma modalidade esportiva mundialmente praticada e consolidada. Trata-se de um esporte praticado em todos os continentes, com federações e confederações organizadas. Diante deste fenômeno e da sua relevância na sociedade brasileira, este estudo buscou investigar o processo histórico de institucionalização da modalidade, entendendo a formação das primeiras federações como um marco organizativo que permite apontar o início da modalidade esportiva organizada. Esse processo se iniciou, de acordo com as fontes investigadas nesta pesquisa, no Rio de Janeiro com a fundação da Federação de Jiu-Jitsu da Guanabara, em 1967, autorizada pela Confederação Brasileira de Desportos. A partir dessa experiência a modalidade se consolidou e se expandiu para todo o Brasil. Em Salvador houve contatos anteriores com a modalidade, que passou por diversas tentativas de se organizar e se consolidar, mas foi apenas em 1996 que a cidade recebeu a primeira entidade organizativa da modalidade, a Federação Baiana de Jiu-Jitsu. Diante deste cenário, optou-se por utilizar a metodologia da História Comparada, compreendida como uma forma de tratar o processo de organização da modalidade em âmbito nacional, a partir da experiência do Rio e de Janeiro, a sua consolidação e expansão para outras cidades, com foco específico em Salvador. Com relação às fontes investigadas, foi feito um levantamento de produções específicas do campo (livros, biografias e revistas especializadas), entrevistas semiestruturadas com mestres relevantes da modalidade e contexto em questão, levantamento de informações no acervo digital da Hemeroteca Digital e do jornal O Globo. Perante o exposto, podemos apontar que o processo de fundação da primeira federação da modalidade, no Rio de Janeiro, foi marcado por disputas, com notável resistência das federações de Judô e Pugilismo, que eram responsáveis pela organização das competições de Jiu-Jitsu Brasileiro anteriormente. Já o processo em Salvador, foi consequência do acolhimento de mestres de Judô locais, que se associaram a Charles Gracie e trabalharam pela institucionalização da modalidade na capital da Bahia.

Palavras-chaves: Jiu-Jitsu Brasileiro. História do Esporte. Lutas.

MACHADO, Luan Alves. **The formation of Brazilian Jiu-Jitsu in Salvador and Rio de Janeiro: a comparative historical study**. Advisor: Coriolano Pereira da Rocha Junior. 2022. 147 s. ill. Dissertation (Master in Education) – Faculty of Education, Federal University of Bahia, Salvador, 2022.

ABSTRACT

Brazilian Jiu-Jitsu is a globally practiced and consolidated sport. It is a sport practiced on all continents, with organized federations and confederations. Faced with this phenomenon and its relevance in Brazilian society, this study sought to investigate the historical process of institutionalization of the modality, understanding the formation of the first federations as an organizational framework that allows pointing out the beginning of the organized sport modality. This process began, according to the sources investigated in this research, in Rio de Janeiro with the foundation of the Jiu-Jitsu Federation of Guanabara, in 1967, authorized by the Brazilian Sports Confederation. From this experience, the modality was consolidated and expanded throughout Brazil. In Salvador, there were previous contacts with the modality, which went through several attempts to organize and consolidate itself, but it was only in 1996 that the city received the first organizational entity of the modality, the Bahia Jiu-Jitsu Federation. Given this scenario, it was decided to use the methodology of Comparative History, understood as a way of dealing with the process of organizing the modality at the national level, based on the experience of Rio and Janeiro, its consolidation and expansion to other cities, with a specific focus on Salvador. With regard to the investigated sources, a survey of specific productions in the field (books, biographies and specialized magazines), semi-structured interviews with relevant masters of the modality and context in question, survey of information in the digital collection of Hemeroteca Digital and the newspaper O Globo . In view of the above, we can point out that the founding process of the first federation of the modality, in Rio de Janeiro, was marked by disputes, with notable resistance from the Judo and Boxing federations, which were responsible for organizing Brazilian Jiu-Jitsu competitions previously . The process in Salvador, on the other hand, was a consequence of the reception of local Judo masters, who joined Charles Gracie and worked for the institutionalization of the modality in the capital of Bahia.

Keywords: Brazilian Jiu-Jitsu. Sport History. Fights.

LISTA DE FIGURAS

- FIGURA 01** Emigrantes Japoneses embarcam no navio Kasato Maru em Kobe (Japão) rumo ao Brasil / 12
- FIGURA 02** Ilustração de Jimmu Tennō / 31
- FIGURA 03** Jigoro Kano / 37
- FIGURA 04** Vasili Oshchepkov / 39
- FIGURA 05** Tsunejiro Tomita / 41
- FIGURA 06** Maeda em seus vinte e poucos anos quando viajou para os EUA / 42
- FIGURA 07** Maeda em seus últimos anos com sua esposa Daisy May Iris e sua filha adotiva Celeste / 45
- FIGURA 08** Pedro Gracie citado em jornal como membro do Conselho Fiscal do Banco da Lavoura do Brasil / 47
- FIGURA09** Charles Gracie / 51
- FIGURA 10** Jorge Sobreira da Gomes / 51
- FIGURA 11** Luiz Augusto Barbosa de Souza "Rato" / 52
- FIGURA 12** Ricardo e Edson Carvalho, respectivamente da esquerda para a direita / 53
- FIGURA 13** Jiu-Jitsu: Empate Nas Cinco Lutas / 57
- FIGURA 14** No Brasil e no Japão de hoje não há diferenças entre Judô e Jiu-Jitsu / 58
- FIGURA 15** Da esquerda para a direita: Reilson, Reison e Charles Gracie / 60
- FIGURA 16** Francisco Magalhães Pinto "Cirão" a esquerda e Kazuo Yoshida a direita / 63
- FIGURA 17** Só queremos provar que o Jiu-Jitsu não está ultrapassado como afirmam / 64
- FIGURA 18** Primeira escola de Jiu-Jitsu Brasileiro, a Academia Gracie / 65

- FIGURA 19** Expectativa sobre a decisão da Confederação Nacional do Desporto sobre o destino do Jiu-Jitsu / 66
- FIGURA 20** Helio Gracie presente nas colunas sociais da época / 68
- FIGURA 21** Decisão da CND sobre a criação da primeira federação de Jiu-Jitsu Brasileiro do mundo / 69
- FIGURA 22** Sonha o jiu-jitsu com a confederação / 70
- FIGURA 23** Federação promove copa em shopping / 72
- FIGURA 24** Gracie critica falsos mestres e prega aliança no jiu-jítsu / 73

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1.1 OBJETIVOS	22
1.1.1 Objetivo geral	22
1.1.2 Objetivos específicos	22
1.2 JUSTIFICATIVA	23
1.3 METODOLOGIA	25
2 BASES HISTÓRICAS DO JIU-JITSU BRASILEIRO	30
2. 1 PERSONAGENS IMPORTANTES NA CRIAÇÃO DO JIU-JITSU – DO JAPÃO AO BRASIL	37
2. 2 A FAMÍLIA GRACIE E A CRIAÇÃO E INSTITUCIONALIZAÇÃO DO JIU-JITSU BRASILEIRO	45
3 AS BIOGRAFIAS	51
4 RIO DE JANEIRO E SALVADOR: A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO JIU-JITSU BRASILEIRO	56
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS	82
APÊNDICE A – Transcrição das Entrevistas	88
ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	147

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa compreender o processo histórico de formação do Jiu-Jitsu Brasileiro, com enfoque nas suas bases de construção que resultaram na formação desta experiência esportiva tal como a conhecemos atualmente. Inicialmente, na cidade do Rio de Janeiro e na sua expansão para todo o Brasil, a *posteriori*, e mais especificamente no seu desdobramento na cidade de Salvador, capital da Bahia.

O Jiu-Jitsu Brasileiro tem uma história recente, um processo que se inicia a partir de migrações japonesas para o Brasil no início do século XX, especificamente a partir da chegada de mestres oriundos da escola Kodokan, mundialmente famosa por ser a escola do sensei¹ Jigoro Kano reconhecido como o pai do Judô. Nunes e Rúbio (2013) afirmam, a partir de um estudo sobre a influência japonesa na formação e no desenvolvimento do Judô Brasileiro, que a prática dessas lutas no Brasil acontecia primordialmente nas colônias japonesas e eram formas de manutenção dessa cultura no país. Este estudo aponta que o Judô Brasileiro surgiu dentro das colônias e comunidades japonesas que se estabeleceram a partir de 1908, com a chegada de Kasato Maru.

Figura 1 – Emigrantes japoneses embarcam no navio Kasato Maru em Kobe (Japão) rumo ao Brasil



¹ Termo de referência a mestre em modalidades de matriz japonesa.

Fonte: Senado Federal (2022)².

Essa imagem apresenta o Kasato Maru, navio russo utilizado na Guerra Russo-Japonesa (1904-1905) e que, com o fim da guerra, passou a ser propriedade japonesa, sendo adaptado para transportar passageiros. Em 1908, esse navio trouxe o primeiro grupo oficial de imigrantes japoneses para o Brasil. O dia da chegada de Kasato Maru no Brasil, 18 de junho, é reconhecido como o dia nacional da imigração japonesa.³ Esse foi um marco inicial importante para o desenvolvimento da cultura japonesa no Brasil e, conseqüentemente, do nosso objeto de pesquisa. Compreender o cenário japonês que resultou neste processo é primordial para interpretar as bases históricas de formação do jiu-jitsu brasileiro, assim como os seus desdobramentos.

Neste sentido, a escola Kodokan foi fundada em 1882, na cidade de Tóquio, capital do Japão, por Kano Jigoro Shihan conhecido no ocidente como Jigoro Kano. A partir de conhecimentos adquiridos em estilos anteriores de jujutsu, que se trata de estilos de lutas japonesas, Kano desenvolveu o Judô. Essa, então, nova modalidade foi pensada para “as necessidades das pessoas modernas”, a partir do princípio de uso máximo da eficiência da força física e da energia mental. Havia neste período, para além das inovações técnicas, uma preocupação com a formação do indivíduo, “um conjunto de princípios para aperfeiçoar o eu”. Por isso, Kano substituiu o sufixo da palavra Jujutsu, onde “jutsu” significava técnica, para a palavra Judô, onde “dô” representava caminho. Kano desenvolveu uma escola para ser um centro de disseminação dessa modalidade. Esse local de treinamento fora nomeado Ko-do-kan (um lugar para ensinar o caminho).⁴

Seguindo o debate, considerando a importância do Judô e da escola Kodokan para o desenvolvimento do Jiu-Jitsu Brasileiro, cabe um destaque para o responsável por essas criações, o sensei Jigoro Kano.

² Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/07/04/senado-celebra-111-anos-da-imigracao-japonesa-no-brasil>>. Acesso em: 4 de jun. 2022.

³ Informações retiradas no site da Biblioteca Nacional da Dieta do Japão. Disponível em: <<https://www.ndl.go.jp/brasil/pt/column/kasatomaru.html>>. Acesso em: 2 de abri. 2022.

⁴ Informações retiradas do site oficial do Instituto Kodokan. Disponível em: <<http://kodokanjudoinstitutione.org/en/doctrine/history/>>. Acesso em: 2 de abri. 2022.

Nascido em 1860, teve o seu desenvolvimento educacional e cultural em Tóquio, na efervescência do governo Meiji. Trata-se de uma figura de notável acesso à educação formal. Estudou línguas estrangeiras, ciência política, economia, educação moral e estética, o que aponta uma larga vivência educacional e explica a sua preocupação com a formação ética e a relação com a educação presentes no Judô. Kano foi professor universitário, chegando a assumir o cargo de Diretor da Escola Secundária para Professores de Tóquio em 1893.

Cabe destacar que este estudo parte, inicialmente, da história hegemônica consolidada sobre o tema, compreendendo que em períodos anteriores houve representantes de outras escolas de Jiu-Jitsu no Brasil, tal como mostra o material de Lise e Capraro (2018). No entanto, partimos do pressuposto de que o processo que resultou na construção dessa modalidade, como a conhecemos hoje, é consequência, principalmente, da participação da família Gracie⁵.

Neste estudo foi feito um levantamento de referências com a finalidade de verificar a existência de uma narrativa histórica hegemônica sobre a história do Jiu-Jitsu Brasileiro. Tal história atribui ao Conde Koma, e aos membros da família Gracie a introdução do Jiu-Jitsu no país.

Neste sentido, de acordo com as fontes levantadas para este trabalho⁶, a chegada de Tsunejiro Tomita, Soishiro Satake e Mitsuyo Maeda (mestres da 1ª e 2ª geração da escola Kodokan) “nas Américas” aconteceu no início do século XX, e foi resultado de uma política de estado japonesa, cujo objetivo era levar ao mundo ocidental a sua cultura. Assim, o Judô Kodokan se enquadrava de forma assertiva para essa política, sendo um produto genuíno da recente modernização japonesa. Essa política foi consequência direta do fim do isolamento japonês em relação às nações ocidentais do período Edo.

A Era Meiji teve início em 1867, a partir da ascensão ao trono do Imperador Meiji (como ficou popularmente conhecido). Esse processo deu fim a dois séculos e

⁵ Trata-se da mais famosa família da história do Jiu-Jitsu Brasileiro. De acordo com a história hegemônica consolidada, os Gracie desenvolveram a modalidade a partir dos ensinamentos do Conde Koma, lutador japonês da escola Kodokan, que veio para o Brasil no início do séc. XX.

⁶ Referência aos estudos: BIZZAR, K. A história do jiu-jitsu brasileiro: do jujutsu ao jiu-jítsu. 1º ed. Rio de Janeiro: Autobiografia, 2017; GRACIE, Reila. Carlos Gracie: o criador de uma dinastia. Editora Record, 2008; VIRGÍLIO, S. Conde Koma: o invencível yondan da história. 2ºed. Campinas, SP: Editora Átomo, 2017.

meio de feudalismo japonês e a um longo período de isolamento demográfico desse país em relação às nações ocidentais. Esse cenário provocou profundos impactos culturais. Durante o isolamento, ficou prejudicada a circulação demográfica, o intercâmbio cultural e, com isso, houve um distanciamento dos conhecimentos que são grande importância para este estudo, as artes marciais e as lutas.

Investigar este processo traz também importantes contribuições em relação a uma discussão sempre presente neste campo: os conceitos de Artes Marciais e Lutas. De acordo com Reinhart Koselleck (1992), a análise destes conceitos demanda uma metodologia específica, que possibilite a construção do contexto em que o conceito é debatido. Faz-se necessário relacionar o fenômeno com o contexto histórico no qual ele está inserido, compreendendo que uma prática é uma produção humana, social e política.

Assim, no que se refere ao termo “Lutas”, dentre as possibilidades conceituais existentes, vale destacar como referência a dos Parâmetros Curriculares Nacionais de 1998:

As lutas são disputas em que o(s) oponente(s) deve(m) ser subjugado(s), com técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa. Caracterizam-se por uma regulamentação específica a fim de punir atitudes de violência e de deslealdade. Podem ser citados como exemplos de lutas desde as brincadeiras de cabo-de-guerra e braço-de-ferro até as práticas mais complexas da capoeira, do judô e do caratê. (1998, p. 70)

Gonçalves e Silva (2013) apresentam uma análise da produção de saberes no campo discursivo da Educação Física Brasileira, trazendo considerações ao debate em relação aos conceitos de Lutas e Artes Marciais:

Dentre as duas formações discursivas tensionadoras, podemos destacar o primeiro subconjunto por valorizar seus aspectos preservacionistas, que caracterizam uma noção orientalista e possibilitam reconhecer determinadas práticas por Artes Marciais. Já o segundo subconjunto, está atrelado a outros significados que nos permitem reconhecê-las como Lutas e associá-las a práticas de lazer, educacionais, atividades físicas e esportivas. Ao reconhecer a

dimensão que a discussão sobre este tema assume nos textos acadêmicos, é possível suspeitar que a diversidade de significações não se restrinja à disputa de legitimidade entre as concepções apresentadas. Além de dar visibilidade às Artes Marciais e às Lutas, os artigos apresentam outras formas de olhá-las e as constituem enquanto um saber passível de ser apropriado por diferentes perspectivas do universo científico. (2013, p. 665)

Outros autores apresentam posições sobre os referidos conceitos e ocasionalmente confluem as ideias tal como a polissemia do termo lutas. Para Correia e Franchini (2010), o termo lutas assume dimensões que transpõem as práticas corporais, designando, por exemplo, disputas por direitos sociais. Neste sentido, estes autores definem Lutas e Artes Marciais da seguinte forma:

O termo “Luta” de forma recorrente e dinâmica implica um investimento diversificado de representações e significados, o que por sua vez, lhe confere uma dimensão polissêmica. Como exemplificação, temos as noções de lutas de classe, dos trabalhadores, pelos direitos da mulher, pela vida e outros mais. No sentido lato, temos a situação em que o referido termo se circunscreve no contexto dos embates físicos/corporais por intenções de subjugações entre os sujeitos a partir de conflitos interpessoais e, invariavelmente, por conteúdos humanos contraditórios e ambivalentes. “Arte Marcial” faz referência a um conjunto de práticas corporais que são configuradas a partir de uma noção aqui denominada de “metáfora da guerra”, uma vez que essas práticas derivam de técnicas de guerra como denota o nome, isto é, marcial (de Marte, deus romano da guerra; Ares para os gregos). (FRANCHINI et al., 1996, apud FRANCHINI, 2010, p. 1)

O fenômeno das lutas, ao longo dos tempos, se institucionalizou como variados tipos de modalidades, cada uma com base na sua história, na sua origem e nas suas tradições, organizando um conjunto de técnicas e regras próprias. Todo esse conhecimento vem sendo passado de geração a geração e se espalhando por todos os cantos do mundo. O objeto pode ser, portanto, também abordado como Modalidade Esportiva de Combate, o que Correia e Franchini (2010) vão definir por:

A denominação Modalidades Esportivas de Combate implica uma configuração das práticas de lutas, das artes marciais e dos sistemas de combate sistematizados em manifestações culturais modernas,

orientadas a partir das decodificações propostas pelas instituições esportivas. Aspectos e conceitos como competição, mensuração, aplicação de conceitos científicos, comparação de resultados, regras e normas codificadas e institucionalizadas, maximização do rendimento corporal e espetacularização da expressão corporal são alguns exemplos dessa transposição moderna de práticas seculares de “combate”. (2010, p. 2)

Com base nas referências citadas, é possível afirmar que as Lutas, de maneira geral, são consideradas de forma parecida, adquirindo um desenho que vai numa lógica de múltiplos significados, dentre eles o lazer, a educação, atividade física e até o esporte, materializado em disputas interpessoais cujo objetivo é subjugar o oponente.

No que se refere à Arte Marcial, para além da referência orientalista, tradicional, que em relação ao Jiu-Jitsu Brasileiro é uma acepção coerente, é concebida como um instrumento marcial, de guerra, militar, o que acabou em desuso com o advento das tecnologias armamentistas. Embora seja recorrente o uso dessas práticas como método de treinamento e preparação militar, são métodos, meio, e não fim.

Quanto ao conceito Modalidade Esportiva de Combate, este contempla apenas o aspecto esportivo e competitivo do objeto, o que figura elementos importantes, mas não contempla toda a abrangência de significados deste objeto de estudo.

Pensando a conjuntura, no período Edo havia uma grande importância dos Samurais, enquanto soldados da aristocracia japonesa (Daymios). O Japão vivia um momento histórico marcado por profundas características feudais, em que os daymios eram subordinados ao Xogum (um militar que comandava o Japão, uma espécie de general). Havia um sentido de guerra, de segurança pública e forte influência militar na sua organização e disciplina. Os Samurais faziam uso principalmente de espadas como instrumento de batalha e a presença de arma de fogo no Japão era pouco evidente. Os estudos, técnicas e práticas que remontam este período, possuem um sentido bem diferente das práticas modernas que se organizaram a partir dessa matriz.

Com o início da Era Meiji, os Samurais perderam importância e poder na organização da sociedade japonesa. No entanto, houve uma ressignificação das

práticas, adequando os conhecimentos e as práticas marciais a esse novo cenário de organização da sociedade. Neste período se iniciava uma forte modernização e abertura comercial em relação às nações ocidentais. Foi nesse contexto que surgiu a escola que ficou conhecida mundialmente pela formulação do Judô, sistematizado pelo Sensei Jigoro Kano, a escola Kodokan. O Judô era um produto símbolo desse novo Japão e já trazia consigo características esportivas que favoreceram a sua consolidação mundial.

É a partir dessas transformações que se apresentam algumas relações desse objeto com os conceitos Artes Marciais e Lutas. A primeira trata de práticas pré-modernas que, no contexto japonês, se relacionava com o cenário histórico Pré-Meiji, cujo símbolo principal é o Samurai. O conceito de Lutas se torna adequado às práticas que se estabeleceram a partir da Era Meiji, como consequência da modernização do Japão. Nesse cenário, houve a sistematização do Judô que aliava tradições antigas a uma nova concepção de homem e corpo, para ser instrumento de “educação física e mental”.

Jigoro Kano, principal responsável por essa sistematização, foi influenciado pelo contexto de modernização que o Japão vivenciava na Era Meiji, isso impactou na maneira como ele pensou o Judô Kodokan. Havia uma preocupação com as técnicas e práticas físicas, mas também com a formação moral e intelectual dos praticantes. A ideia era em torno de uma modalidade que pudesse corresponder às novas necessidades de um país que avançava rapidamente na sua modernização. Kano também pensou o processo de expansão do Judô Kodokan para outros países, o que foi possível diante dos claros sinais esportivos que a modalidade já apresentava⁷.

O Judô Kodokan se materializou como uma política de Estado para representar uma nova identidade nacional. Os mestres da escola Kodokan que participaram das expedições pelo ocidente, fizeram como missões oficiais, como política do Ministério de Relações Exteriores Japonês, conforme aponta esse artigo da Biblioteca Nacional da Dieta do Japão (2014):

⁷ Informações acessadas na revista Judo Magazine. Disponível em: <https://judomagazine.pt/2020/11/16/historia-do-judo-jigoro-kano-i-viii/>

Como se estivesse sincronizado com estas atitudes do Maeda, o Japão também revisou a Política Emigratória que até então estava concentrada para o estado de São Paulo, e passou a estudar a Amazônia como nova terra promissora para colonização. Em adição, o estado de Pará também estava prestes a entregar a esperança de desenvolvimento das áreas intocadas da Amazônia na mão dos japoneses. Quando o membro contratado do Ministério das Relações Exteriores, o embaixador para o Brasil e a equipe de investigação da Kanebō visitou a Amazônia, o Maeda que já tinha se tornado pessoa influente perante os funcionários de alto nível de governo do Estado, voluntariou-se ativamente como um guia e explicou com entusiasmo o potencial da Amazônia. Após isso, o próprio Maeda tornou-se um membro contratado do Ministério das Relações Exteriores e quando a Sociedade Colonizadora da América do Sul foi estabelecida para realizar a colonização política governamental na Amazônia, ele passou a exercer a função de auditor da empresa de serviço local. Além disso, quando a Sociedade Produtora da Amazônia foi criada por Tsukasa Uetsuka e outros, o Maeda foi nomeado diretor e foi incansável na realização de negociações com o governo do Estado e na ajuda aos colonos. (BIBLIOTECA NACIONAL DA DIETA DO JAPÃO, 2014, n.p.)

Esta história ficou estabelecida, construindo o seu próprio passado através da repetição, algo parecido a uma “tradição inventada”. Sobre este conceito, Hobsbawm e Ranger (2008) apresentam:

Um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas. Tais práticas de natureza ritual ou simbólica visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado, aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer uma continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBSBAWM; RANGER, 2008, p. 9)

Foi a partir dessa matriz que o Jiu-Jitsu Brasileiro se engendrou, sob influência dos conhecimentos do Judô, trazidos pelo Conde Koma, e da migração da família Gracie para a cidade do Rio de Janeiro na década de 1920, que, por sua vez, vivenciava um contexto de implementação de reformas modernizantes propícias ao desenvolvimento esportivo.

No que se refere à categoria Esporte, faz-se pertinente para esse estudo a concepção de Bourdieu (1983, p. 184) de “campo desportivo”, que oferece subsídios para compreender o estudo da cultura esportiva como um campo relativamente autônomo, que leva em consideração categorias específicas tais como as práticas,

os produtos, consumo especializado, mercado interno, poderes simbólicos, construção de monopólios, dentre outros.

Ainda sobre a categoria Esporte, sob a perspectiva sociocultural e as suas diversas dimensões, Tubino (2001) apresenta:

O Esporte, como um problema profundamente humano e social, ocorrido principalmente após o redimensionamento conceitual, quando passou a abranger manifestações comprometidas com a educação, participação e performance, precisa ser interpretado como um campo sociocultural de estruturas e conteúdos de grande complexidade, que apresenta-se com fascínio para todos os atores ativos e passivos, propiciando oportunidades únicas para a convivência humana. (TUBINO, 2001, p. 89)

Neste sentido, cabe reconhecer que o Jiu-Jitsu Brasileiro se estabeleceu nesse contexto. A partir dos conhecimentos trazidos pelos japoneses da escola Kodokan que, por sua vez, já havia estabelecido o Judô como uma prática moderna e já pensava a formação dos indivíduos numa perspectiva ampliada, como “uma educação física e mental”, influência direta da formação universitária de Jigoro Kano, no contexto de modernização japonesa, já apresentando claros sinais esportivos.

Neste sentido, podemos dizer que o jiu-jitsu brasileiro se estabeleceu com suas características próprias, a partir das influências citadas. Cabe agora, centramos nosso olhar nas cidades aqui comparadas, o Rio de Janeiro e Salvador. O Rio de Janeiro se consolidou, historicamente, como a mais importante cidade do mundo em relação ao Jiu-Jitsu Brasileiro. Foi lá que o clã dos Gracie se fixou centralmente, onde foi fundada a primeira Federação de Jiu-Jitsu Brasileiro⁸ e de lá passou a se difundir como uma modalidade esportiva, tal como conhecemos nos dias atuais. O processo que culminou na migração da família Gracie do Pará, para a então capital da época é uma lacuna histórica a ser preenchida. Uma interpretação possível é de que a família Gracie percebeu que a capital era o local mais privilegiado do Brasil para o desenvolvimento e projeção do Jiu-Jitsu Brasileiro, em função da visibilidade

⁸ Referência a Federação de Jiu-Jitsu da Guanabara em 1967, que foi criada sob autorização da Confederação Nacional de Desportos do país. Informação retirada da revista GRACIEMAG, disponível no site: <<https://www.graciemag.com/historia-do-jiu-jitsu/>>.

que existia na cidade, consequência possível dos investimentos que ocorriam na época, em consonância com o projeto de modernização⁹.

Tratando de Salvador, ela também é uma cidade de significativa relevância histórica no que se refere ao contexto das lutas. Tal relevância pode ser atribuída, no cenário nacional, a Capoeira, já que a capital baiana é o local onde a prática se consolidou e segue sendo uma referência. É relevante citar que a cidade baiana é o local natural de Waldemar Santana, um destacado lutador de Vale Tudo¹⁰ brasileiro, que nos anos de 1950 protagonizou lutas emblemáticas numa severa rivalidade com o clã dos Gracie. Estas características atribuem a Salvador um papel de eminente destaque no cenário nacional das lutas.

Diante desse cenário apresentado, esta pesquisa se propõe a investigar como se deu o processo de formação do Jiu-Jitsu Brasileiro nas cidades de Salvador e do Rio de Janeiro.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Analisar comparativamente o processo de formação do Jiu-Jitsu Brasileiro na cidade de Salvador e do Rio de Janeiro, identificando as relações entre a constituição da modalidade e a dinâmica cultural das cidades.

1.1.2 Objetivos específicos

Com base nos levantamentos anteriores para a realização dessa pesquisa, desenhou-se os seguintes objetivos específicos: analisar as consequências da formação inicial do Jiu-Jitsu Brasileiro ter ocorrido na cidade do Rio de Janeiro; Compreender as relações entre a formação da modalidade e a vivência cultural das cidades de Salvador e Rio de Janeiro; Investigar os impactos da formação da

⁹ Para ver mais sobre o projeto de modernidade e a conformação do campo esportivo no Rio de Janeiro ver: ROCHA JUNIOR, C. P. Esporte e Modernidade no Rio de Janeiro e Salvador: Um estudo comparado. PODIUM: Sport, Leisure and Tourism Review, São Paulo, v. 2, n.1, p.99-116, jan./jun. 2013.

¹⁰ Pode ser compreendido, como um confronto entre dois lutadores com poucas regras.

modalidade no contexto nacional das lutas; Analisar o histórico da formação das Federações representativas do Jiu-Jitsu Brasileiro nas duas cidades, com enfoque nos elementos da dinâmica de organização histórica da modalidade e a sua institucionalização.

1.2 JUSTIFICATIVA

Apesar da relevância, o tema ainda é pouco estudado. São poucos¹¹ os estudos que buscam investigar os aspectos históricos deste objeto. Neste cenário, é evidente que muitas modalidades de lutas, seus processos e significados históricos acabaram por não serem investigados, o que salienta lacunas importantes na compreensão desses processos.

As lutas, nas suas amplas dimensões, são temas que merecem a atenção da comunidade acadêmica, sobretudo em função da relevância social que possuem. Correia e Franchini (2010), a partir de uma criteriosa análise de revistas acadêmicas no cenário nacional da Educação Física, apresentam que as categorias lutas, artes marciais e modalidade esportiva de combate representam apenas 2,93% de toda produção do campo e que dentro desse percentual, apenas 2,7% se referem ao Jiu-Jitsu, evidenciando que estas categorias são bastante esquecidas pela comunidade acadêmica. Nesse sentido, este trabalho se apresenta enquanto uma contribuição acadêmica para diminuir este abismo, na medida em que busca resgatar e investigar um tema relativo a história das lutas do Brasil, em específico, sobre a história do Jiu-Jitsu Brasileiro.

O Jiu-Jitsu Brasileiro assumiu nas últimas décadas um destaque midiático, decorrente da contribuição marcante das estratégias de marketing que se iniciaram a partir das ações da família Gracie, e que foram tomando corpo, e se

¹¹ Vale citar o trabalho de LISE, R.S. e CAPRARO, A.M. Primórdios do jiu-jitsu e dos confrontos intermodalidades no Brasil: contestando uma memória consolidada. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Vol.40. Nº 3. Porto Alegre. Jul/Set, 2018. E também: MAÇANEIRO, G. G. B. Do Judô ao Gracie Jiu-Jitsu: A influência do judô Kodokan na idealização e no desenvolvimento do Jiu-Jitsu brasileiro. TCC (Graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Desportos. Curso de Graduação em Educação Física. 2012.

materializaram numa modalidade que é atualmente praticada em todos os continentes do planeta.

No que se refere ao alto rendimento, apesar do Jiu-Jitsu Brasileiro não ser uma modalidade olímpica, possui um privilegiado espaço no mercado esportivo mundial. Como exemplo desse sucesso, vale destacar o evento Abu Dhabi World Pro Jiu-Jitsu realizado pela UAEJJF¹², que oferece grandes premiações e tem significativa visibilidade nos principais canais midiáticos de lutas. Há também os tradicionais mundiais de Jiu-Jitsu realizados pela IBJJF¹³, principal confederação da modalidade, e que também goza de significativa visibilidade. Nesse sentido, aprofundar estudos sobre esta modalidade se apresenta também como um importante campo de intervenção profissional ao professor de Educação Física, que tem um mercado esportivo amplo e em ascensão para entender e se inserir.

Um levantamento feito em 2018 pelo Ministério da Saúde¹⁴, revela que depois das corridas de rua, as lutas e artes marciais foram as atividades físicas que mais cresceram nas preferências do povo brasileiro. O estudo revelou que cerca de 2,3% de todos os brasileiros que praticaram alguma atividade física, optaram por alguma modalidade de luta ou arte marcial, estatística muito expressiva se compararmos com os 11,7% do futebol, que é considerado uma grande paixão nacional. Esta pesquisa envolveu 8.902 entrevistas com brasileiros de várias idades e regiões, e o Jiu-Jitsu foi citado como o esporte de 1,3% dos brasileiros, algo em torno de 2,5 milhões de praticantes. Trata-se possivelmente da luta mais popular do país na atualidade.

Em 2005, iniciei os meus primeiros contatos com o Jiu-Jitsu Brasileiro, que foi um marco significativo na minha formação pessoal. As experiências como atleta amador e como professor da modalidade, levaram-me a graduação em Educação Física. Esta última só aconteceu por conta da primeira e é parte de um processo de autodescobrimento que teve como impulso inicial a prática da modalidade. Neste cenário, um trabalho que visa investigar e compreender como se desenvolveu os

¹² Sigla em inglês que se refere à Federação de Jiu-Jitsu dos Emirados Árabes Unidos.

¹³ Sigla em inglês que se refere à Federação Internacional de Jiu-Jitsu Brasileiro.

¹⁴ Disponível em: <<http://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/45003-corrída-e-artes-marciais-crescem-entre-os-brasileiros>>. Acesso em: 06 de set. 2021.

processos históricos de formação do Jiu-Jitsu Brasileiro em Salvador e a sua relação com o Rio de Janeiro, poderá deixar não apenas uma contribuição científica específica para o campo, mas também explicará as minhas origens.

No meu estudo realizado em 2019, para o trabalho de conclusão de curso, foi identificado que a cidade de Salvador teve contatos difusos com a modalidade desde a década de 1970, mas que a vinda de Charles Gracie em 1987 para a cidade teve um impacto significativo no processo de consolidação da modalidade na capital baiana. Charles era um legítimo representante da família Gracie, que nesse período já tinha um sobrenome reconhecido no cenário nacional, centralmente a partir do destaque nos eventos de Vale Tudo. Nesse sentido, ficou a curiosidade de compreender melhor as raízes dessa modalidade que se consolidou na capital baiana. Dessa forma, é essencial entender as relações entre a família Gracie, a cidade do Rio de Janeiro e a cidade de Salvador.

1.3 METODOLOGIA

O presente trabalho é de natureza histórica, cujo recorte temporal é balizado pela institucionalização da modalidade no Rio de Janeiro e em Salvador. No Rio de Janeiro, considera-se como período de referência a fundação da Federação de Jiu-Jitsu da Guanabara, em 1967. Trata-se da primeira Federação da modalidade de todo o mundo. Já em Salvador, a fundação da Federação Baiana de Jiu-Jitsu, a primeira de todo o estado, ocorreu em 1993. Foi estabelecida essa referência por entender que a fundação das primeiras federações é um parâmetro sólido para o reconhecimento da consolidação inicial da modalidade esportiva.

Vale destacar que este estudo reconhece que a gênese do Jiu-Jitsu Brasileiro foi um processo que se iniciou anteriormente ao período aqui analisado, que passou por influências diversas até se consolidar, estabelecer as suas federações, regras universais e se popularizar em todo o mundo. A opção de estudo pela cidade do Rio de Janeiro se deu pelo fato de que se trata da cidade berço da modalidade. Já a opção de estudo pela cidade de Salvador, se deu pelos seguintes fatores: trata-se da minha cidade natal, onde o acesso aos sujeitos entrevistados para esta pesquisa é de fácil acesso. Para além disso, trata-se da primeira capital do Brasil, uma cidade

de grande relevância política e cultural no contexto nacional. Portanto, um estudo histórico comparado com enfoque nas duas cidades em questão, para além de apresentar dados relevantes sobre o tema, permitirá estudos e análises futuras sobre o cenário nacional das lutas.

Cabe esclarecer que houve adaptações no procedimento de construção desta pesquisa, haja vista que a estruturação deste trabalho se deu na efervescência de acontecimentos do período pandêmico (COVID-19) que impactou diretamente nas possibilidades de acesso às fontes que seriam importantes para este trabalho. No entanto, graças a digitalização de acervos e as possibilidades de comunicação por intermédios de tecnologias diversas, foi possível garantir aquilo que é foco deste estudo: analisar, na perspectiva da história comparada, o processo de formação do Jiu-Jitsu Brasileiro na cidade de Salvador e do Rio de Janeiro, identificando as relações entre a constituição da modalidade com a ambiência cultural.

Portanto, trata-se de um trabalho de natureza qualitativa, que pode ser definido a partir do que Cristiano Lessa de Oliveira pautava em seus estudos no que diz respeito à interpretação do mundo real, “preocupando-se com o caráter hermenêutico na tarefa de pesquisar sobre a experiência vivida dos humanos” (2009, p. 7).

Para a realização desta pesquisa, foi feito, inicialmente, uma revisão bibliográfica, cruzando as informações do que se produziu sobre a história do Jiu-Jitsu Brasileiro, com a finalidade de remontar o processo de formação e consolidação desta prática corporal, enquanto modalidade esportiva. Concomitantemente, buscamos referências que evidenciassem características da cidade do Rio de Janeiro, buscando entender o objeto no contexto em que ele se localiza.

Projetamos, também, aprofundar os estudos realizados no meu trabalho de conclusão de curso, da graduação em Educação Física, que tematizou a história do Jiu-Jitsu Brasileiro em Salvador/Bahia, apresentando o cenário que propiciou a formação e consolidação desta modalidade. E por fim, buscamos produzir uma análise histórico-comparativa dos dois cenários, tentando evidenciar semelhanças e diferenças entre as duas cidades, com o enfoque em abarcar os processos que tangem o Jiu-Jitsu Brasileiro.

No que se refere ao método da História Comparada, Themi & Bustamante concebem:

O processo do método comparativo é justamente o que permite estabelecer o estranhamento, a diversificação, a pluralização e a singularidade daquilo que parecia empiricamente diferente ou semelhante, posto pelo habitus e reproduzido pelo senso comum. Os historiadores não criam abstrações tipológicas e conceituais a partir de condições ideais de temperatura e pressão que possam ser demonstradas em qualquer tempo ou espaço, ou seja, a partir de condições fenomenológicas de repetição. (THEML; BUSTAMANTE, 2007, p.15)

A metodologia da história comparada se mostra interessante por permitir a produção de compreensões sobre os objetos de pesquisa numa perspectiva ampliada, já que permite relacionar diferentes localidades. Analisar a história do Jiu-Jitsu Brasileiro em Salvador e no Rio de Janeiro possibilitará, mais do que entender diferenças e semelhanças das duas localidades, compreender o nascimento da modalidade que se deu na cidade berço do fenômeno esportivo brasileiro¹⁵, o Rio de Janeiro, e o seu processo de expansão para o Brasil, em específico para a cidade de Salvador.

A opção pelo método comparado nos permitirá ampliar o olhar sobre o local, para além das suas peculiaridades, relacionando ao global, conforme aponta Melo (2007):

A história comparada pode conceder boas contribuições para que, não só extrapolemos a nossa visão sobre os arranjos locais do fenômeno esportivo (a partir de problemas centrais que serão elencados pelo historiador), como redimensionemos essa visão inicial, já que na comparação possivelmente surgirão problemas antes não visualizados. A questão não é, portanto, abandonar o local, mas, passando do local ao global, tanto compreender o objeto para além de suas peculiaridades, como mesmo reforçar ou negar nosso entendimento primeiro sobre essas especificidades. (MELO, 2007, p. 33)

¹⁵ Para ver mais sobre a conformação do campo esportivo brasileiro a partir do Rio de Janeiro ver: ROCHA JUNIOR, C. P. Esporte e Modernidade no Rio de Janeiro e Salvador: Um estudo comparado. *PODIUM: Sport, Leisure and Tourism Review*, São Paulo, v. 2, n.1, p.99-116, jan./jun. 2013.

Neste cenário, a metodologia da história comparada garante subsídios para aprofundar os estudos sobre o processo que culminou na formação do Jiu-Jitsu Brasileiro. Esta pesquisa pretende resgatar a gênese da prática, perpassando por sua consolidação enquanto modalidade, até sua expansão para outras cidades, em específico para Salvador – Bahia.

No que se refere às fontes investigadas neste trabalho, inicialmente, fizemos um levantamento de diversas produções do campo, livros, biografias, revistas especializadas e etc. A partir daí, iniciamos a segunda fase, onde ocorreu um levantamento de informações nos acervos digitais da Hemeroteca Digital, dos acervos existentes no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e da Biblioteca dos Barris. E por fim, faremos o contraste das informações com entrevistas. Cabe apontar também que serão utilizadas figuras para ilustrar informações, cenários e personagens relevantes para esta pesquisa.

No que se refere as entrevistas, foi feita a opção pelo tipo semiestruturada. Sobre esse tipo de entrevista, consideramos relevante para este estudo a definição de Boni e Quaresma (2005):

As **entrevistas semi-estruturadas** combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados. (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75)

Quanto aos sujeitos a serem entrevistados, foram selecionados por meio do critério de relevância no cenário da modalidade e contextos em questão, especificamente, antigos mestres de Jiu-Jitsu Brasileiro e Judô da cidade de Salvador, Bahia. Em relação aos temas chaves das perguntas, se basearam basicamente em três grandes questões: como se deu o processo de formação do

Jiu-Jitsu Brasileiro na cidade de Salvador, Bahia? Como se deu o processo de organização da primeira federação da modalidade na cidade? Como se organizou as primeiras competições esportivas específicas da modalidade na cidade?

Vale destacar que por influência da pandemia de COVID-19, que afetou diretamente o alcance dessa pesquisa, não foi possível ir ao Rio de Janeiro e proceder com entrevistas aos mestres locais, inviabilizando uma construção histórica dos dois locais com os mesmos tipos de fonte, o que já se aponta como limitação desta pesquisa. Contudo, outras fontes foram utilizadas para dar conta dos nossos objetivos.

2 BASES HISTÓRICAS DO JIU-JITSU BRASILEIRO

O presente capítulo visa discutir as bases históricas do Jiu-Jitsu Brasileiro. Compreendendo que a modalidade é resultado de um longo e complexo processo histórico, é importante situar, ainda que brevemente, os diferentes contextos por onde as matrizes dessa prática transitaram, o que permite um entendimento mais aprofundado deste objeto de pesquisa.

É importante reconhecer que o Jiu-Jitsu Brasileiro é uma modalidade esportiva moderna e de institucionalização relativamente recente, mas que o processo que permitiu que esta prática se conformasse nos moldes atuais, decorre de mais de um milênio de história.

Desde o surgimento da nossa espécie, a humanidade precisou utilizar do combate corporal para necessidades diversas, seja para a sobrevivência, para a caça ou para a defesa do seu território. Um caminho foi o que resultou na sistematização de técnicas de combate, consequência da capacidade de nossa espécie de racionalizar sobre a sua existência. Então, essas sistematizações recebem influências culturais que se relacionam com os diferentes povos que as praticaram, nos diversos períodos históricos em que se localizam.

A palavra *Jiu-Jitsu*, *Jujutsu* ou *Jujitsu* são as expressões romanizadas do japonês 柔術 (*Jūjutsu*). O prefixo *ju*, ou *jiu* representado pelo kanji¹⁶ 柔, quer dizer macio, flexível, adaptado ou suave. Já o sufixo *jutsu*, ou *jitsu* representado pelo kanji 術, significa arte ou técnica. Em suma, a tradução romanizada deste termo significa arte suave ou técnica suave. Consideramos importante apresentar a definição deste termo, sobretudo porque ele continua presente ao refletirmos sobre o significado da modalidade na sua formatação mais atual.

Muitos estudos ao tratarem sobre os primórdios das lutas e artes marciais, sem o devido rigor e cuidado histórico, reforçam a ideia do mito fundador. Os autores Mayor e Neto (2014) apresentam a seguinte definição sobre este conceito:

¹⁶ Trata-se de um sistema de escrita japonês composto de caracteres que derivam de ideogramas chineses. Disponível em: <https://www.meudicionario.org/kanji> . Acesso em: 29 de mai. 2022.

A construção de mitos fundadores está profundamente arraigada na tentativa de se perpetuar, via personalização heroica, um ideário pertencente a um determinado grupo social (quase sempre estrato de uma elite detentora dos códigos de transmissão). Neste sentido, a chamada “história oficial”, que segundo Vainfas (1997, p. 127) representa uma “história historicizante” marcada por um arcaico, tradicional e pragmático modo de elaboração histórica; bem como a imprensa, tornam-se importantes ferramentas da consecução desta estratégia de convencimento. (MAYOR; NETO, 2014, p. 52)

Nesse sentido, vale destacar que este estudo assume o compromisso de refletir sobre o processo histórico em questão, sem reforçar mitos ou atribuir personalizações heroicas, ponderando com rigor científico sobre os fatos históricos narrados, conforme as fontes se apresentam, com toda honestidade intelectual possível.

Algumas produções apontam¹⁷, sem o devido tratamento de fontes, que o Jiu-Jitsu nasceu há 2500 anos, na Ásia, como forma de autodefesa criada por monges budistas, baseado na observação do comportamento animal. Trata-se de uma narrativa simplista, baseada numa construção histórica que não reflete com profundidade a respeito dos conceitos, transformações históricas e influências culturais por onde a prática foi circulando.

Reconhecemos para este estudo, conforme apontado largamente em produções e fontes que serão discutidas neste capítulo, que o Jiu-Jitsu Brasileiro descende da escola Kodokan, que se localizava na cidade de Tóquio, no Japão, criada em 1882¹⁸.

Partindo dessa premissa, consideramos importante para esta pesquisa, apresentar uma breve introdução histórica sobre o Japão, com recortes relevantes sobre os diferentes períodos históricos. Compreendemos que o desenvolvimento da história política e cultural desse país teve grande impacto na organização do Jiu-Jitsu, apontando contribuições para compreendermos o percurso histórico dessa prática que, posteriormente, influenciou as formas de organização de modalidades

¹⁷ Referência aos estudos: BIZZAR, K. A história do jiu-jitsu brasileiro: do jujutsu ao jiu-jítsu. 1º ed. Rio de Janeiro: Autobiografia, 2017; GRACIE, Reila. Carlos Gracie: o criador de uma dinastia. Editora Record, 2008.

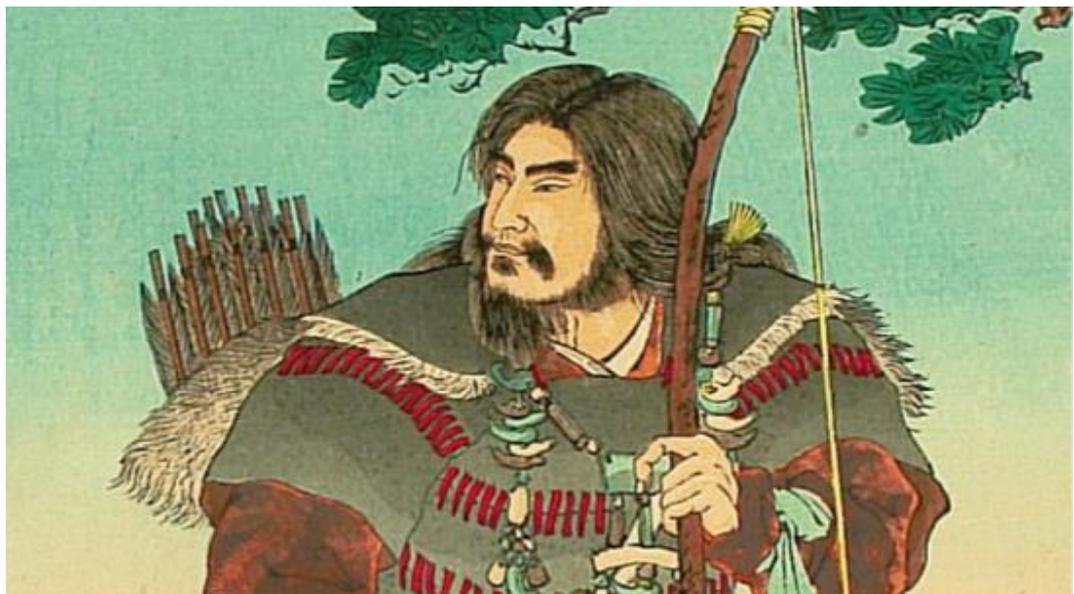
¹⁸ Informações retiradas no website oficial do Instituto Kodokan. Disponível em: <http://kodokanjudoinsitute.org/en/doctrine/history/>. Acesso em: 29 de mai. 2022.

de lutas em diversas partes do mundo, incluindo o Sambô russo, e o Jiu-Jitsu Brasileiro, por exemplo.

O Japão é um país localizado no extremo oriente do globo, partindo da referência de projeção de mapa cilíndrica, onde a Europa fica localizada no centro, projeção mais comum e recorrentemente utilizada. Seu território geográfico é constituído por um arquipélago de relevo acidentado e formado por quatro ilhas maiores: Kyushu, Honshu, Shikoku e Hokkaido, além de milhares outras menores, a maior parte não habitadas.

A história japonesa é usualmente dividida nos períodos: Arcaico Primitivo (VI-VII), Nara (VIII), Hei (VIII-XI), Kamakura (XII-XIV), Ashikaga (XIV-XV), País em Guerra (XV-XVII), Tokugawa (XVII-XIX), Meiji (XIX-XX), Taisho (XX) e Showa (XX) (TALLON, 1992). Contudo, tomamos como importante nos ater aos períodos citados até a era Meiji, que se inicia em 1868. Esta compreensão se dá pelo fato de que a partir da era Meiji se consolidou a expansão do Judô para diversas partes do mundo, incluindo o Brasil, a partir da escola Kodokan. Este é o fato histórico que conecta centralmente a história do Jiu-Jitsu Brasileiro com a sua matriz japonesa.

Figura 2 – Ilustração de Jimmu Tennō



Fonte: Opera Mundi UOL¹⁹.

¹⁹ Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/hoje-na-historia/27109/hoje-na-historia-660-a-c-jinmu-tenno-funda-o-imperio-do-japao>>. Acesso em: 31 de mai. 2022.

Convém, iniciar a exposição apontando a história mitológica de Jimmu Tennō, reconhecido como o primeiro imperador do Japão. Consta que este fora imperador no Japão entre 660 a.C. e 585 a.C., tendo vivido por 126 anos. Trata-se de um período muito anterior ao Arcaico Primitivo, mas que vale ser citado por se tratar do primeiro imperador de acordo com a história oficial. A base para a compreensão desse período está presente em dois livros: o *Kojiki* e o *Nihongi* (que também é chamado de *Nihonshoki*). Sobre estas fontes Soares Junior (2020) aponta:

A base para os estudos sobre o imperador Jimmu, provém de duas fontes, a saber: O *Kojiki* e o *Nihongi*. O *Kojiki* (Registros de Assuntos Antigos) é uma história oficial do Japão, editada no ano de 712 d.C. Estas histórias foram contadas por Hieda-no-Arei e escritas por Ō no Yasumaro. A segunda compilação surgiu 8 anos após o *Kojiki*. O *Nihonshoki* (Crônicas do Japão) consiste em trinta volumes que descrevem a era dos deuses, desde a origem do mundo, até o reinado da Imperatriz Jito, no sétimo século d.C. A primeira metade do *Nihonshoki* também contém mitos, baseados em relatos orais e escritos chineses, que trazem particularidades em relação a primeira compilação, e em certas partes, mudanças de narrativa. Assim, juntamente com o *Kojiki*, o *Nihonshoki* é uma fonte importante para compreensão da religião xintoísta. (GREENE, 2005, p. 43, apud SOARES JUNIOR, 2020, p. 88-89)

Tallon (1992, p. 70) aponta que somente a partir do século V d.C. é que efetivamente se pode ter credibilidade quanto aos períodos e fatos históricos, de acordo com os antigos livros japoneses. A chegada da família Soga ao poder do Japão, em 552 é reconhecida como o início do período Primitivo. A família Soga permaneceu no poder até 621, e os fatos mais relevantes desse período são a aproximação do Japão com a China e, conseqüentemente, do Budismo. A família Soga também foi responsável pela “Constituição dos dezessete artigos” (Jûshichijô Kempô)²⁰, conhecida como a primeira constituição do Japão, promulgada no ano de 604 d.C. Tratava-se de um documento fundamentado em doutrinas budistas e confucionistas, que incidia essencialmente sobre aspectos morais, bem diferente das constituições modernas. A família Soga se manteve no poder entre os séculos VI e VII, quando em 645 foi sucedida pelo clã dos Fujiwara (TALLON, 1992).

²⁰ Mais informações podem ser encontradas em: GONÇALVES, Ricardo Mário. A mais antiga lei escrita do Japão: a “ordenação dos dezessete artigos” do príncipe regente Shôtoku. Estudos Japoneses, v. 1, p. 53-60, 1979.

O clã Fujiwara implementou uma reforma no estado japonês, a Reforma Taika, que instituiu a posse pública de terras, entendidas como propriedade da coroa e controlando a distribuição para os camponeses. Foi nesse período, início do século VIII, que foi fundada a cidade de Nara e deu-se origem ao período conhecido como Período Nara. Tratava-se da nova capital do país, centro do império e também do Budismo. Esse período foi marcado por um governo enfraquecido e pela eclosão de lutas internas entre os clãs. Num contexto de instabilidade política e disputas internas, houve a saída da capital de Nara para Nagaoka em 748 que, por sua vez, se manteve por pouco tempo (TALLON, 1992).

As disputas levaram a cidade de Hey-Kyo, que mais tarde viria a dar origem a Kyoto, a ser a capital Japonesa. Tallon (1992) aponta que essa capital se tornou um florescente centro de cultura que perdurou por três séculos. A ascensão de Hey-Kyo como capital japonesa deu início ao que ficou conhecido como período Hey. Foi a partir do século XI que o poder começou a ser enfraquecido, com o fortalecimento dos Daimyos²¹ das províncias. Diante do enfraquecimento do clã Fujiwara, esse passou a usar com mais frequência os militares para garantir o poder e influência (TALLON, 1992, p. 73). Esses militares, os Samurais, com seus códigos de honra e indumentária são a principal referência cultural desse Japão antigo, mesmo nos dias atuais.

Em meados do século XII houve o declínio do clã Fujiwara, o que deu origem a uma violenta guerra civil no Japão. Uma disputa entre, centralmente, dois clãs, os Taira e os Minamoto. Essa disputa perdurou algumas décadas, quando ao final do mesmo século, especificamente em 1185, os Minamoto saíram vencedores. (TALLON, 1992, p. 74)

A vitória dos Minamoto resultou na mudança da capital japonesa para a cidade de Kamakura, dando início ao período Kamakura (1185 a 1333). Este período deu início a um modelo de governo com características militares que perdurou por setecentos anos. Foi durante o período Kamakura que o Japão foi invadido pelo exército do grande imperador mongol Kublai-Khan, duas vezes²². Kublai Khan

²¹ Termo de referência aos poderosos senhores de terra japoneses.

²² Ver mais em: ALMEIDA, D. M. A. Importância das Invasões Mongóis ao Japão do Séc. XIII na Construção do Guerreiro Samurai. Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh – Rio: Saberes e práticas científicas (2014).

(1215-1294) era neto do grande imperador Ghengis Khan que foi um dos maiores e mais bem sucedidos comandantes militares da história da humanidade, reconhecido como o pai do Império Mongol. Ambas as tentativas de invasão foram frustradas pela resistência dos Samurais, que também contaram com o apoio de furacões que se abateram sobre as frotas invasoras, nas duas tentativas de invasão (TALLON, 1992, p. 74-75).

A partir de 1318 iniciou-se um período conturbado na sucessão imperial, Ashikaga Takauji liderou um poderoso exército que depôs o imperador e tomou o poder japonês. Foi a partir de então que se iniciou o período Ashikaga que perdurou por aproximadamente dois séculos. Foi um período de relativa estabilidade política e retorno da capital a antiga cidade de Hey-Kyo, que passou a se chamar de Kyoto. Em meados do século XV, iniciou-se uma rebelião camponesa que viria a estabilizar o governo, inicialmente nas cidades vizinhas à capital e, posteriormente, a queda da capital Kyoto. Esses fatos resultaram na queda da família Ashikaga em 1477 e deu início a um período que ficou conhecido como País em Guerra (TALLON, 1992).

Foi um período de descentralização do poder. Os Daimyos acabaram por estabelecer pequenos estados em seus domínios, o que levou o Japão a um longo período de fortes características feudais. De acordo com Fuzii (2004), em 1543 houve a descoberta do Japão pelos primeiros portugueses, que foram os responsáveis pela introdução de armas de fogo no país. Foi um longo período marcado por conflitos internos e perseguição a jesuítas e cristãos, isolando o Japão, que era conhecido como “País Fechado”. Esse período só foi superado em 1603, com a ascensão do Xogunato²³ Tokugawa (TALLON, 1992).

A ascensão da família Tokugawa ao poder deu início ao período Tokugawa, também conhecido como período Edo. Durante esse período foram adotadas uma série de medidas destinadas a romper e dificultar qualquer relação do Japão com o exterior. Nesse momento, os Samurais detinham quase poder absoluto, eram os responsáveis pela expulsão dos estrangeiros, pela garantia da lei e da ordem. Esse período isolacionista e feudal perdurou até 1853, quando o xogum cede a uma ameaça feita pela marinha estadunidense e assina o Tratado de Kanagawa, abrindo os portos do Japão as nações ocidentais. O xogunato perdurou até 1868 com a

²³ Sistema de governo ditatorial imposto pelo chefe militar supremo da nação, o xogum.

chegada da era Meiji, o início da modernização japonesa, momento fundamental para a nossa análise (TALLON, 1992).

Embora reconheçamos nesse estudo que a palavra seja anterior, o Jiu-Jitsu, do qual a forma brasileira descende, veio a ser praticado de forma sistematizada a partir da segunda metade do século XVI no Japão. E foi durante o período Edo (1603-1868) que ele se desenvolveu e passou a ser ensinado por mestres japoneses de muitas escolas²⁴.

É importante reconhecer também que faltam referências que reflitam sobre o processo de organização das diferentes escolas de Jiu-Jitsu durante o período Edo, entre os séculos XVII e XIX. A ausência dessas referências, certamente, impacta na compreensão das bases históricas do Jiu-Jitsu Brasileiro. Sendo assim, vamos nos ater as interpretações da história a partir da Era Meiji, que se inicia em 1868, considerando centralmente a experiência da escola Kodokan, de onde descende o Jiu-Jitsu Brasileiro.

A Era Meiji teve início com a ascensão do príncipe Mutsuhito ao posto de imperador japonês. Esse período, que também ficou conhecido como Restauração Meiji, fechou um ciclo de mais de 250 anos do sistema feudal japonês. Com a preocupação de garantir a estabilidade do novo regime, centralizado, o governo modernizou o exército e fortaleceu as relações comerciais externas.

O Japão é um país que não possuía as matérias primas necessárias ao seu desenvolvimento, precisava avançar e se desvencilhar das suas características agrárias herdadas pelo longo período isolacionista e feudal. Sendo assim, a oligarquia dominante deste período, composta por Daymios reformistas, compreendeu a necessidade de estabelecer uma balança comercial favorável ao país, superando a importação de matérias primas com a exportação de produtos manufaturados.

O governo consolidou uma política de desenvolvimento nacional, induzindo o crescimento da economia, estimulando a criação e fortalecimento de empresas, como forma de se tornar competitivo no mercado global que, por sua vez, já vivia a efervescência das transformações da Revolução Industrial. Foi nesse contexto que

²⁴ Informações retiradas do livro: KANO, J. Judô Kodokan. Tradução Wagner Bull. São Paulo: Cultrix, 2008.

se formaram os Zaibatsus²⁵, que deu origem as grandes empresas conhecidas até os dias atuais, como a Mitsubishi²⁶.

Nesse contexto, também houve a promulgação de uma nova constituição, a Constituição do Império do Japão, mais conhecida como Constituição Meiji. Esta estabelecia um modelo de governo próximo a uma monarquia constitucional, na qual havia um imperador com considerável poder político, mas que também garantiu a instalação da Dieta Imperial, uma espécie de parlamento eleito que dividia o poder com o imperador.

2. 1 PERSONAGENS IMPORTANTES NA CRIAÇÃO DO JIU-JITSU – DO JAPÃO AO BRASIL

No processo de desenvolvimento do jiu-jitsu, como em outras práticas, alguns personagens se destacaram e, não podemos tratar dessa história, sem citá-los. Assim, seguimos esta compreensão e apresentamos os enlaces entra o desenvolvimento da prática e as figuras de destaque, desde o Japão até suas chegadas ao Brasil.

Nessa cena, surgiu um sujeito fundamental para a história das lutas modernas e para o Jiu-Jitsu Brasileiro, o sensei Jigoro Kano.

²⁵ Termo japonês utilizado para se referir a grupos econômicos, industriais e financeiros que controlaram parte significativa da economia japonesa durante o período Meiji.

²⁶ Ver mais em: História do Grupo Mitsubishi. Mitsubishi Eletric. Disponível em:<https://emea.mitsubishielectric.com/pt/about/global/history/overview/group_history/index.html>. Acesso em 30 de mai. 2022.

Figura 3 – Jigoro Kano



Fonte: Revista Budô²⁷.

Kano foi influenciado pelo contexto de modernização que o Japão vivenciava na Era Meiji, isso impactou na maneira como ele pensou o Judô Kodokan. Sobre esse cenário Kano (2008) aponta:

Com a revolução dos costumes que abalou o Japão, de 1868 em diante, Jigoro Kano dedicou-se a viver o ju-jitsu. A partir de antigas escolas e de antigos mestres, ele reuniu em sua técnica o que neles encontrava de melhor. Acabou lançando um método próprio – ao qual chamou de judô –, que eliminava os golpes mais lesivos (socos e pontapés), pois a finalidade já não era mais formar guerreiros, mas cidadãos pacíficos: ao contrário do ju-jitsu antigo, que visava o combate e podia ser usado em batalhas. (KANO, 2008, p. 12)

Havia uma preocupação com as técnicas e práticas físicas, mas também com a formação moral e intelectual dos praticantes. Uma modalidade que pudesse corresponder as novas necessidades de um país que avançava rapidamente na sua modernização. A partir dessa matriz se formou o Judô, uma modalidade que se constituiu no contexto de modernização do Japão, recebendo influências gestuais e

²⁷ Disponível em: <<https://revistabudo.com.br/jigoro-kano-e-o-beisebol-a-iniciacao-esportiva-escolar-do-criador-do-judo/>>. Acesso em 4 de jun. 2022.

técnicas do Jiu-Jitsu antigo, praticado pelos Samurais, mas que eliminava o seu sentido marcial, na sua filosofia e nos seus gestos.

É possível afirmar que essa transformação apresenta as contribuições desse objeto de pesquisa ao debate conceitual histórico das artes marciais e lutas. O Jiu-Jitsu antigo representado pelos Samurais, figura num contexto em que os combates corporais, complementado como as espadas, eram a finalidade dessas práticas, no seu sentido marcial. Já o Judô surgiu no contexto da Restauração Meiji, onde o Japão dava largos passos no sentido da sua modernização, num cenário onde os Samurais perderam poder e importância política. O Judô tinha como filosofia a formação de indivíduos modernos, de uma prática que pudesse contribuir com as novas necessidades desse homem moderno. Para o Judô Kodokan o conceito de Lutas é mais coerente.

Vale destacar que não foram encontradas produções que discutissem os diferentes centros de formação de Samurais do período feudal. Levando em consideração que o Japão era um país bastante isolado, em relação às nações ocidentais, e que os Daymios por muitas vezes mantinham os seus feudos fechados em função de disputas internas. É possível deduzir que há nesse cenário potenciais contribuições para se compreender melhor o processo de formação do Judô e, conseqüentemente, do Jiu-Jitsu Brasileiro. Sendo assim, nos referimos neste estudo como Jiu-Jitsu japonês, ou antigo, em referência a essas artes marciais praticadas no Japão feudal e, possivelmente, de períodos anteriores.

Com o intuito de desenvolver e disseminar essa nova prática, Kano Jigoro Shihan, mais conhecido como apenas Jigoro Kano fundou, em 1882, uma escola nomeada como Ko-do-kan (um lugar para ensinar o caminho), na cidade de Tóquio, capital do Japão. Kano também pensou o processo de expansão do Judô Kodokan para outros países, o que foi possível diante dos claros sinais esportivos que a modalidade já apresentava. Para que isso se realizasse, lutadores da escola Kodokan percorreram diversos países do mundo.

De acordo com Stanley Virgílio (2008), um dos primeiros divulgadores dessa modalidade se chamava Takeo Hirose, um adido militar na Rússia em 1897. Hirose passou a lecionar o Judô em terras russas e formou alunos que se desenvolveram na modalidade. Dentre eles, vale destacar Vasili Oshchepkov, que mais tarde

passou um período de estágio na escola Kodokan. Com a eclosão da Guerra Russo-Japonesa, o Judô, nesse país, deu origem à luta russa Sambô.

Figura 4 – Vasili Oshchepkov



Fonte: International Sambo Federation²⁸.

Virgílio (2008) aponta ainda outros representantes da escola Kodokan pelo mundo, Sasaki Kisaburo foi um deles, que teve passagem pela Hungria em 1906 e pela Alemanha em 1907. O autor cita também um lutador chamado Ishiguro, que teve passagem pela França, Romênia, Turquia e Egito, por volta de 1905. Há também o Hikoichi Ada que estava alocado na Inglaterra e se transferiu para a Alemanha para ensinar, principalmente, a Polícia de Munique, onde permaneceu por um ano. Vale destacar que o autor cita outros lutadores representantes de outras matrizes de Jiu-Jitsu japônês nesses países, sem fornecer maiores detalhes sobre suas afiliações. Isso apresenta uma pista sobre a existência de outras escolas japonesas que também se lançaram nesse processo de expansão.

Conforme já citado anteriormente nesse estudo, essas expedições de lutadores japoneses, oriundos da escola Kodokan pelo ocidente, eram consequência de uma política de estado japonesa, cujo objetivo primordial era levar ao mundo ocidental a cultura nipônica. O próprio Mitsuyo Maeda, figura central da escola Kodokan e

²⁸ Disponível em: <<https://sambo.sport/en/news/vasiliy-oshchepkov-mify-i-realnost/>>. Acesso em: 30 de mai. 2022.

fundamental para o Jiu-Jitsu Brasileiro, fora um membro contratado do Ministério das Relações Exteriores do Japão.

A chegada dos primeiros representantes da Kodokan nas Américas aconteceu no início do século XX. Tsunejiro Tomita, Soishiro Satake e Mitsuyo Maeda, mestres da 1ª e 2ª geração da escola Kodokan, foram os responsáveis pelo início da expansão do Judô nesse continente. Embora, antes da chegada desses lutadores, Yoshiaki Yamashita, um dos quatro primeiros discípulos de Jigoro Kano, já tinha viajado para os Estados Unidos e chegou a ensinar Judô ao presidente norte-americano, Theodore Roosevelt.

É relevante citar que os representantes da escola Kodokan não foram os primeiros, nem tampouco os únicos lutadores japoneses a desembarcarem em terras brasileiras. Os autores Lise e Capraro (2018), a partir de um estudo de matérias jornalísticas de época, encontraram registros:

Portanto, segundo as fontes selecionadas para este estudo, a chegada do jiu-jitsu ao Brasil se deu, num primeiro momento, pela vinda de dois lutadores japoneses, Sada Miyako e M. Kakiora, cuja função era ensinar as técnicas dessa arte marcial aos marinheiros brasileiros em 1908. (2018, p. 322)

Esse estudo aponta, de maneira incontroversa, aquilo que outras referências apresentam enquanto vestígios, que havia outras escolas de Jiu-Jitsu Japonês transitando pelo mundo. O estudo cita informações dos japoneses Sada Miyako e M. Kakiora como representantes de um Jiu-Jitsu Japonês, cuja matriz é desconhecida, e que eles chegaram ao país com a finalidade de treinar marinheiros brasileiros em 1908.

Essas informações abrem questões, como: o que havia de especial em Jigoro Kano e no Judô Kodokan, que fez dessa modalidade hegemônica? Seriam as suas características esportivas e modernas? Seriam as relações de Jigoro Kano com o estado japonês que possibilitaram que representantes da Kodokan fizessem expedições chanceladas pelo Ministério de Relações Exteriores Japonês? Seriam as características subjetivas de um homem, Jigoro Kano, que pertencia a uma elite intelectual, com formação universitária, que facilitaram esse processo? São

indagações que esse estudo não se propõe a responder, mas que se apontam como caminhos para estudos futuros.

Voltando ao desenvolvimento histórico, Tsunejiro Tomita foi o primeiro discípulo do sensei Jigoro Kano, e o seu nome está registrado no Hall da Fama do instituto Kodokan. Trata-se de uma figura destacada da história do Judô Kodokan. Foi diretor e responsável pela organização e funcionamento burocrático do Kodokan, além de dominar o inglês com fluência, o que tinha um valor fundamental diante da expansão do Judô.

Figura 5 – Tsunejiro Tomita



Fonte: Kodokan Judo Institute²⁹.

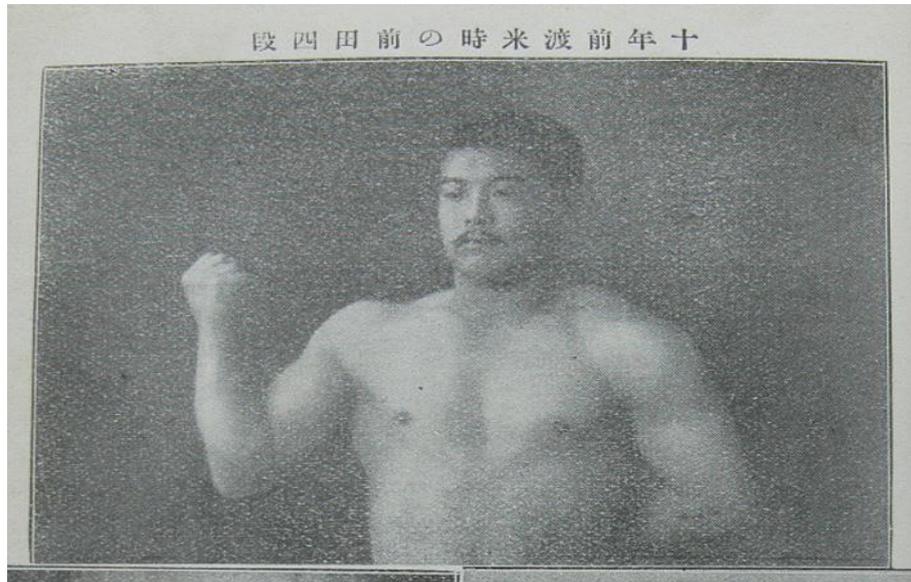
Em 1907, Tomita, Maeda e Satake foram enviados aos Estados Unidos da América, por lá circularam pela costa oeste e leste. Em um artigo³⁰ da Biblioteca Nacional da Dieta do Japão (2014), aparecem evidências de que essa expedição não fora um sucesso por algumas razões. Primeiro, o desconforto das técnicas de queda e o tédio dos exercícios repetitivos dificultaram a permanência de discípulos. Segundo, havia japoneses que fingiam ser lutadores de Judô e se lançavam em duelos de lutas contra lutadores de *wrestling*³¹ de várias regiões e eram derrotados, o que difamava o nome da escola e dificultava a afirmação da modalidade.

²⁹ Disponível em: <<http://kodokanjudoinstitut.org/en/doctrine/palace/>>. Acesso em: 1 de jun. 2022.

³⁰ Disponível em: <<https://www.ndl.go.jp/brasil/pt/column/kodekoma.html#point01>>. Acesso em: 02 de jun. 2022.

³¹ Trata-se de uma modalidade de luta agarrada, onde acontecem combates entre dois adversários que têm como objetivo controlar os movimentos do rival, com a intenção de manter as costas do oponente no chão. A modalidade também é conhecida como Luta Olímpica ou Luta Livre e faz parte do quadro esportivo dos Jogos Olímpicos de Verão.

Figura 6 – Maeda, em seus vinte e poucos anos, quando viajou para os EUA



Fonte: Biblioteca Nacional da Dieta (Japão)³².

Diante deste cenário, Maeda deixou os Estados Unidos da América e mudou-se para a Inglaterra. Por lá circulou, abriu uma academia, consolidou discípulos e até deu palestras. Realizou diversas lutas em várias regiões, contra lutadores de diferentes estilos. Transitou também por outros países europeus, como a França e a Espanha, onde nasceu o seu outro nome, pelo qual ficou bastante conhecido, “Conde Koma”, conforme aponta o artigo da Biblioteca Nacional da Dieta do Japão (2014):

Quando o Maeda entrou em Barcelona, ele viu um anúncio sobre uma palestra a ser realizada por uma pessoa que dizia ser o campeão japonês de judô, mas esta era a pessoa que o Maeda também conhecia e não era de maneira alguma, uma pessoa com habilidade suficiente para ser chamado de campeão. Então, decidiu dar-lhe uma lição e resolveu chamá-lo para uma luta utilizando outro nome, para que a pessoa não descubra que o seu oponente seria o Maeda e não fuja da luta ao saber disso. Ele não conseguia imaginar um nome bom e também estava sem dinheiro nesta época, portanto reunindo estes fatos ele primeiramente pensou em utilizar o nome “Maeda Komaru” (“Komaru” representa em japonês uma situação em que “está com problemas”). No entanto, ele utilizou somente o “Koma”

³² Disponível em: <<https://www.ndl.go.jp/brasil/pt/data/R/S005/S005-004r.html>>. Acesso em: 4 de jun. 2022.

deste termo e colocou a palavra “Conde” do espanhol na sua frente, nascendo assim o nome “Conde Koma”. O Maeda desafiou uma luta como Conde Koma, mas o oponente logo percebeu que seu adversário era o Maeda e fugiu da luta. (BIBLIOTECA NACIONAL DA DIETA DO JAPÃO, 2014, n.p.)

Depois de circular por alguns países da Europa ocidental, Maeda se deslocou de volta para o continente americano, desta vez para o México, a América Central e América do Sul, conforme aponta também o artigo da Biblioteca Nacional da Dieta do Japão (2014):

Após a Europa, Maeda foi para a América Central e América do Sul. As demonstrações de artes marciais também eram populares em Cuba e México, onde o público ficava entusiasmado quando via o pequeno Maeda dominar facilmente os lutadores gigantes e isto formou a sua grande popularidade. Após isso, ele foi para Guatemala, Panamá e deixou a América Central para entrar no continente da América do Sul, onde seguiu a costa pacífica e visitou o Peru, Bolívia, Chile, Argentina, Uruguai e chegou no porto de Santos em 1914, onde pisava pela primeira vez a terra do Brasil. Após ensinar judô na academia naval por um período, ele seguiu para o norte no ano seguinte onde acabou chegando na foz do rio Amazonas e também na terra em que permaneceria o resto da sua vida, a cidade de Belém. (BIBLIOTECA NACIONAL DA DIETA DO JAPÃO, 2014, n.p.)

Foi a partir desse contexto que chegou ao Brasil Tsunejiro Tomita, Soishiro Satake e Mitsuyo Maeda. Inicialmente se localizaram em Porto Alegre em 1914, de lá viajaram o país, fazendo demonstrações e desafios de lutas, até se firmarem em Belém do Pará em 1915. No Pará, Mitsuyo Maeda, que ficou mais conhecido como Conde Koma, conheceu Gastão Gracie e seu filho Carlos que, por sua vez, se tornou aluno de Koma. Esse processo foi fundamental para a criação do clã dos Gracie e da constituição do Jiu-Jitsu Brasileiro³³.

Em Belém, capital do estado do Pará, Maeda participou de lutas, ensinou Judô em academias militares, recrutou discípulos para a sua academia e também utilizou seus conhecimentos de *Seitai*, técnicas de terapia manual, isso possibilitou a sua

³³ Informações amplamente divulgadas em diversas obras. Trata-se da história hegemônica consolidada. A modo de exemplo, ver: GRACIE, Reila. Carlos Gracie: o criador de uma dinastia. Editora Record, 2008.

circulação na alta sociedade belenense. Foi nesse contexto que Maeda conheceu um empresário de descendência escocesa, chamado Gastão Gracie. Fato que foi imprescindível para o desenvolvimento no jiu-jitsu no país.

2. 2 A FAMÍLIA GRACIE E A CRIAÇÃO E INSTITUCIONALIZAÇÃO DO JIU-JITSU BRASILEIRO

A história hegemônica consolidada do Jiu-Jitsu Brasileiro estabeleceu o seu próprio passado através da repetição, uma “tradição inventada” (HOBBSAWM E RANGER, 2008). De acordo com essa narrativa, a criação do Jiu-Jitsu Brasileiro, que também é reconhecido como Jiu-Jitsu Gracie, é resultado do processo de sistematização e organização encabeçado pela família Gracie. A partir da relação dos Gracie com os mestres japoneses da escola Kodokan que vieram para o Brasil no início do século XX, desenvolveu-se essa modalidade esportiva mundialmente conhecida e organizada nos seus moldes atuais. Essa história é reconhecida e recorrentemente contada nos principais canais midiáticos especializados com a história do Jiu-Jitsu Brasileiro.

No entanto, entendemos a história hegemônica como um ponto de partida para a interpretação dos fatos históricos em questão, mas que é papel deste estudo apontar veracidades e contradições deste processo, produzindo uma história conforme as fontes investigadas apresentem, com toda independência e honestidade intelectual que uma pesquisa científica pública exige. Buscamos, então, dialogar com fontes diversas que apresentassem a constituição dessa história para além da produção midiática consolidada.

Seguindo essa esteira de pensamento, encontramos Gracie (2008) que, em seu livro biográfico sobre seu pai Carlos Gracie, conta que Gastão, pai de Carlos, era um empresário e, dentre as suas atividades, estava a administração de um circo *The American Circus*. O circo, sobretudo nesse contexto, era reconhecido como um espaço cultural, por onde aconteciam espetáculos musicais, de dança, teatro e, dentre outros, as lutas. Foi nesse cenário que Gastão conheceu uma trupe de lutadores japoneses que passava pelo Brasil, dentre eles Mitsuyo Esai Maeda,

reconhecido como o Conde Koma, com quem ele desenvolveu uma grande amizade.

Gastão pediu que Maeda ensinasse Judô a seu filho, Carlos, que estava numa idade de enorme rebeldia. A partir daí, Koma passou a ensinar os conhecimentos de luta, que ele aprendera na escola Kodokan do Japão, para Carlos Gracie. Esta relação foi o impulso inicial que possibilitou a criação do Jiu-Jitsu Brasileiro, que também é reconhecido como Jiu-Jitsu Gracie, de acordo com a história hegemônica consolidada.

Conforme aponta um artigo da Biblioteca Nacional da Dieta do Japão (2014), em 1922, aos 40 anos de idade, Mitsuyo Esai Maeda decidiu se aposentar como lutador e passou a se dedicar mais ativamente a projetos de colonização nipônica na região da Amazônia. Durante as suas expedições, Maeda sentiu os impactos da xenofobia anti-japonesa, experiências que o aproximou das colonizações japonesas. Em 1924, Maeda conheceu Daisy May Iris, uma enfermeira de origem inglesa, com quem se casou.

Figura 7 – Maeda em seus últimos anos com sua esposa Daisy May Iris e sua filha adotiva Celeste



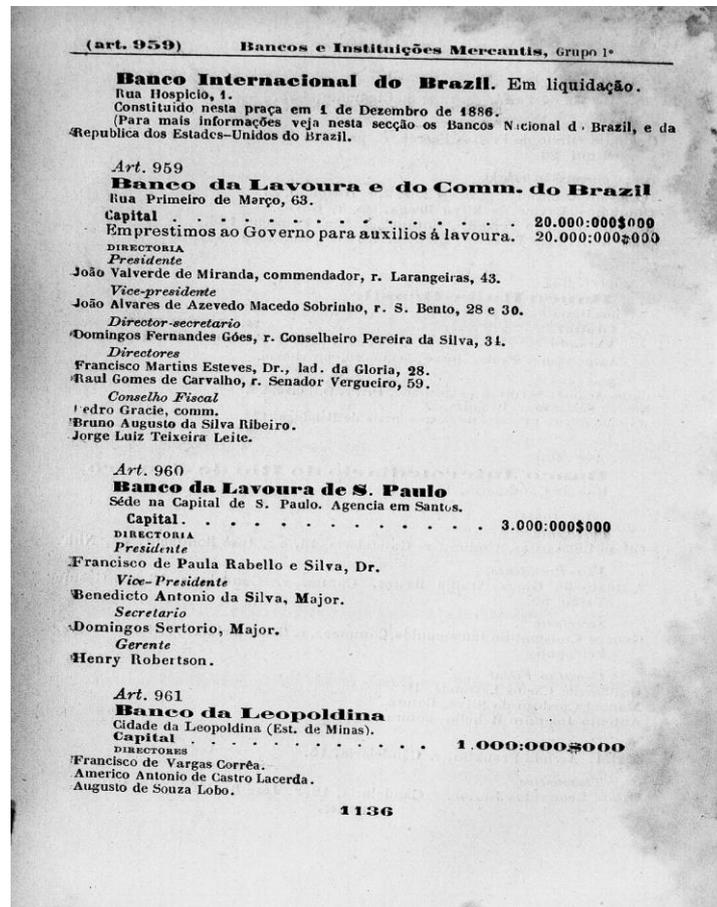
Fonte: Biblioteca Nacional da Dieta (Japão)

Maeda se tornou uma figura central no processo de colonização japonesa na região amazônica. Enquanto membro contratado do Ministério das Relações Exteriores do Japão, Maeda influenciou o estado japonês na revisão de sua política emigratória para o Brasil, que era centrada, anteriormente, no estado de São Paulo, passou então a considerar a região amazônica como uma terra promissora para a colonização nipônica.

Mitsuyo Esai Maeda faleceu em 1941, aos 63 anos de vida, vítima de uma doença renal. O Conde Koma deixou um grande legado de contribuição e influência na expansão da cultura japonesa em alguns países ocidentais. No que se refere às lutas modernas, ele possibilitou que diversos países conhecessem a grandiosidade do Judô, que nessa época possuía uma organização gestual e técnica diferente dos moldes atuais. Com apenas 1,64m de altura e 68kg de peso, neutralizou diversos oponentes, demonstrando a potência da prática. Além de todas estas contribuições, a sua vivência com a família Gracie foi o que garantiu as bases para a formação do que mais tarde se tornaria o Jiu-Jitsu Brasileiro.

De acordo com Gracie (2008), George Gracie, um escocês de formação protestante calvinista, desembarcou na cidade do Rio de Janeiro em 1826, no Porto do Rio de Janeiro. George consolidou uma importante carreira como homem de negócios, caminho usualmente seguido por britânicos e escoceses no país, na época. Foi sócio da firma Stockmayer, Gracie, Hobkirk & Co, que desenvolviam importantes atividades econômicas na cidade, possuindo inclusive relações comerciais com o Barão de Mauá. Casou-se com Maria Carolina Martins Pinheiro que pertencia à família do Barão da Lagoa Dourada. Juntos tiveram 15 filhos: Pedro, Alice, Albina, Samuel, Frederico, Maria Carolina (Mary), Livia, Sara, Carlos, Maria, Gastão, Ernesto, Sylvia e Dulce.

Figura 8 – Pedro Gracie citado em jornal como membro do Conselho Fiscal do Banco da Lavoura do Brazil



Fonte: Jornal Almanak Laemmert: Administrativo (1891, p. 1136)³⁴.

A autora aponta, ainda, que um dos filhos de George, Pedro Gracie, frequentava os salões e saraus do segundo reinado e chegou até a receber a Comenda Imperial Ordem da Rosa, que premiava figuras distintas pela fidelidade ao Imperador e por serviços prestados ao Estado. Dirigiu a firma Gracie-Ferreira e chegou a ser primeiro comissário da Casa do Café e presidente do Banco da Lavoura.

Gastão Gracie, membro da família que teve o primeiro contato com o Conde Koma, era filho do escocês George e foi um personagem importante para a história

³⁴Disponível

em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=313394&pasta=ano%20189&pesq=Gracie&pagfis=1564>>. Acesso em: 4 de jun. 2022.

do Jiu-Jitsu Brasileiro. Assim como todos os seus irmãos homens, foi estudar numa universidade alemã, onde ele viveu por dez anos. Formou-se em química em Berlim, aprendeu oito idiomas e ingressou na carreira diplomática, que mais tarde viria a ser abandonada.

Embora tenha estabelecido morada na Alemanha, Gastão costumava viajar nas férias pelo Brasil. Pelas bandas de cá, havia uma cidade especial para ele, Belém do Pará. Uma cidade que estava consolidada como um entreposto comercial riquíssimo, impulsionado pelo Ciclo da Borracha, assim como um porto de escala dos navios que vinham da Europa com destino para o Rio de Janeiro, a então Capital Federal da época. Gastão se apaixonou por Cesalina, uma belenense cuja família veio do Ceará, com quem ele se casou e teve oito filhos. Dentre esses, Carlos e Hélio, que se tornaram reconhecidos como os principais responsáveis pela criação do Jiu-Jitsu Brasileiro.

Carlos Gracie fora apresentado a Mitsuyo Maeda aos 15 anos de idade. Gastão, pai de Carlos, acreditava que essa experiência com a luta japonesa poderia servir como válvula de escape a agressividade recorrente de Carlos. Gracie (2008) afirma que se estabeleceu enorme empatia entre Carlos e Maeda, já desde o primeiro contato. Carlos tornou-se um disciplinado e dedicado praticante. Embora tenha havido intervalos provocados por algumas viagens do japonês, as aulas com o Conde Koma duraram aproximadamente três anos, tempo suficiente para despertar em Carlos uma grande paixão pela modalidade.

Em 1920, a decadência do Ciclo da Borracha levou o *The American Circus*, e conseqüentemente, Gastão à falência. Em 1921, Gastão recebeu a notícia da morte do seu pai, o que o levou a decisão de mudar-se com a sua família para a cidade do Rio de Janeiro, a então capital do Brasil, onde o seu pai havia deixado uma herança.

A partir do Rio de Janeiro e, centralmente, das ações da família Gracie, a modalidade Jiu-Jitsu Brasileiro se constitui e se tornou hegemônica em todo o mundo, conforme veremos mais detalhadamente no próximo capítulo deste trabalho. As diversas influências japonesas em território brasileiro são incontestáveis, mas foi o trabalho exercido pela família Gracie, *a posteriori*, numa conjuntura favorável na cidade do Rio de Janeiro, reconhecida como a cidade berço do fenômeno esportivo

no país, que foi possível a institucionalização da modalidade, que se desenvolveu e se organizou nos moldes atuais.

O Jiu-Jitsu Brasileiro é uma modalidade que carrega uma história de intercâmbio cultural entre duas nações, o que fica evidente inclusive no nome. Uma modalidade esportiva desenvolvida no Brasil, mas que apresenta influências de mais de um milênio de experiências históricas e culturais japonesas. Com as mudanças da modernidade, fruto do período Meiji, surgiu um produto com claras características esportivas que influenciou o mundo, no que tange as lutas, o Judô da escola Kodokan. Do Judô ao Sambô, ou ao Jiu-Jitsu Brasileiro, uma nova e moderna modalidade que garantiu as condições para o surgimento de outras modalidades, influenciadas pelas dinâmicas culturais de cada país, por onde foi sendo ressignificada.

Assim sendo, a partir de uma família de origem escocesa, em contato com um lutador japonês, se construiu a base do que, gestualmente, viria a ser o Jiu-Jitsu Brasileiro. Com a mudança da família Gracie para o Rio de Janeiro, se consolidou o cenário ideal para o desenvolvimento da modalidade. A então capital federal da época é reconhecida como o berço do esporte moderno brasileiro, a partir das mudanças ocorridas com o projeto de modernidade (MELO, 2001).

O processo de formação e organização desta modalidade, assim como a sua expansão para o Brasil, em específico, Salvador, capital da Bahia, será abordado no capítulo seguinte, intitulado: A formação do Jiu-Jitsu Brasileiro nas duas primeiras capitais do Brasil. Para nortear o estudo, foram levantadas as seguintes questões centrais: A instalação inicial da família Gracie na cidade do Rio de Janeiro e a sua participação na formação da modalidade; A expansão do Jiu-Jitsu Brasileiro para o Brasil, em específico para a cidade de Salvador da Bahia; O cenário cultural das duas cidades, nos períodos relacionados (Rio de Janeiro em meados da década de 1960 e Salvador em meados da década de 1990); E a consolidação das federações esportivas da modalidade nas duas cidades, entendidas como marcos organizativos que permitem reconhecer a consolidação da modalidade.

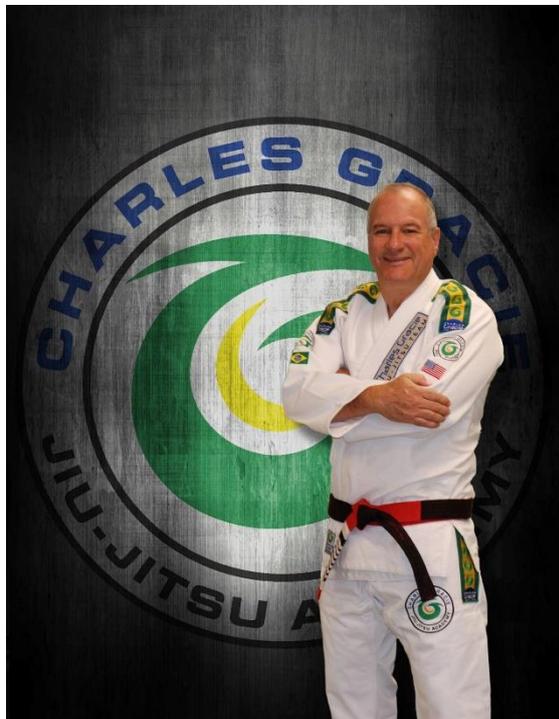
3 AS BIOGRAFIAS

Compreendendo a importância de reconhecer e valorizar aqueles que foram os responsáveis pela construção do Jiu-Jitsu Brasileiro na Bahia, construímos um momento neste trabalho para apresentar aqueles que, com muita gentileza e boa vontade, contribuíram para a realização deste trabalho.

Trata-se de mestres de Jiu-Jitsu Brasileiro e/ou Judô que vivenciaram o período de organização da modalidade na cidade de Salvador, culminando na institucionalização da prática, a partir da fundação da primeira federação de Jiu-Jitsu Brasileiro da Bahia. Estes foram sujeitos fundamentais deste processo.

Antes de apresentar um pequeno recorte sobre esses sujeitos, vale destacar que optamos por anuncia-los em ordem alfabética, entendendo que todos eles possuem grande e igual importância.

Figura 9 – Charles Gracie



Fonte: Página do Facebook de Charles Gracie.

Charles Gracie nasceu no Rio de Janeiro, filho de Robson Gracie, se tornou um dos principais articuladores para a fundação da primeira federação de Jiu-Jitsu do estado da Bahia. Charles se mudou para Salvador no final da década de 1980 e, logo que chegou, estabeleceu turmas de Jiu-Jitsu nos bairros da Barra e da Graça.

Ele foi o primeiro presidente da Federação Baiana de Jiu-Jitsu, se estabelecendo numa posição de liderança na instituição e estando a frente de ações fundamentais que permitiram a consolidação da entidade e, conseqüentemente, da organização da modalidade na cidade de Salvador.

Atualmente, Charles mora nos Estados Unidos da América, possuindo uma grande rede de academias, por onde também já deixou um importante legado na expansão da modalidade.

Figura 10 – Jorge Sobreira da Gomes



Fonte: Arquivo pessoal de Jorge Sobreira da Gomes.

Outra figura importante é Jorge Sobreira da Gomes. Uma das principais referências do Judô no estado da Bahia, sendo um dos mestres locais que acolheu o Jiu-Jitsu Brasileiro e contribuiu para o processo de organização da modalidade no estado. Sobreira, como é popularmente conhecido, é o diretor técnico da Federação Baiana de Judô (FEBAJU) e foi o principal articulador da primeira competição esportiva oficial de Jiu-Jitsu Brasileiro no estado da Bahia, a Copa Fala Garoto de Jiu-Jitsu.

A partir da sua articulação e expertise em eventos esportivos, consequência da sua atuação junto a FEBAJU, Sobreira movimentou e articulou a Copa que aconteceu em um dos principais shoppings da cidade, o Shopping Barra. Esse foi um evento que levou grande visibilidade a modalidade, na época, e afirmou a federação no cenário da cidade.

Figura 11 – Luiz Augusto Barbosa de Souza, "Rato"



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Luiz Augusto Barbosa de Souza, o Rato, como é popularmente conhecido, é um sujeito altamente reconhecido na cena do Jiu-Jitsu Brasileiro em Salvador. Luiz vivenciou todo o processo de consolidação da prática na cidade, sendo um praticante e um dos primeiros alunos de Charles Gracie, quando ele chegou na capital baiana.

“Rato” era competidor no Jiu-Jitsu Brasileiro, tendo vivenciado como atleta e professor os primeiros campeonatos da modalidade na cidade. Ele também é graduado faixa marrom de Judô, tendo sido aluno de Kazuo Yoshida, um dos maiores expoentes do Judô em Salvador, em períodos anteriores ao estudado nesta pesquisa. Luiz também é fisioterapeuta, terapeuta ocupacional e é especialista em Medicina Chinesa, sendo atuante no atendimento na rede de saúde privada da cidade nos tempos atuais.

Figura 12 – Ricardo e Edson Carvalho, respectivamente da esquerda para a direita



Fonte: Arquivo pessoal de Ricardo Carvalho.

Ricardo Carvalho é um dos mais notáveis mestres de lutas agarradas da Bahia. Natural de Salvador, foi aluno de Judô do seu pai, Francisco Magalhães Pinto, o sensei Cirão, que foi um importante mestre de Judô da cidade, fundador do Itapagipano de Judô, na região do Bonfim³⁵. Ricardo é um dos líderes da equipe Edson Carvalho Team, que leva o nome do seu irmão e sócio. Trata-se de uma das mais tradicionais equipes de Jiu-Jitsu Brasileiro da cidade, tendo ampliado inclusive a sua influência com academias em vários países do mundo.

No processo de articulação para a fundação da primeira federação de Jiu-Jitsu Brasileiro na cidade de Salvador, Ricardo foi um dos mestres de Judô locais que acolheu a modalidade. Neste momento, ele também passou a se dedicar a treinar e lecionar Jiu-Jitsu em aproximação com Charles Gracie. Ele é o atual presidente da Federação Baiana de Jiu-Jitsu, a mais antiga das quatro federações em atividade na organização do Jiu-Jitsu baiano.

Neste sentido, compreendemos que a história se faz através de experiências e vidas, assim estas pessoas mencionadas foram de grande relevância para

³⁵ Trata-se de um bairro da cidade de Salvador conhecido principalmente pela Igreja Basílica do Senhor do Bonfim, onde acontece a Lavagem do Bonfim, um dos principais acontecimentos religiosos da cidade. O bairro fica localizado na Península de Itapagipe, numa região conhecida como Cidade Baixa.

institucionalização e consolidação do Jiu-Jitsu Brasileiro na Bahia. Desta forma, sinalizar devidamente estas figuras é reconhecer os atores principais da história que contamos nesta pesquisa.

4 RIO DE JANEIRO E SALVADOR: A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO JIU-JITSU BRASILEIRO

Durante o período compreendido nesta pesquisa, o Brasil e as duas cidades estudadas viviam diferentes momentos. De um lado, o Rio de Janeiro perdia o status de capital brasileira em 21 de abril de 1960. Como consequência do Plano ou Programa de Metas do governo Juscelino Kubitschek. Houve a construção de Brasília, um planalto, no centro do Brasil, pensado para abrigar o governo central brasileiro, assim como toda a sua estrutura governamental.

O processo de transferência da Capital Federal pode ser apontado, a partir dos estudos de Motta (2000), como um processo de redefinição da identidade do Rio de Janeiro, impactada pela perda da condição de capital, de transformação da cidade, de Distrito Federal, em estado da Guanabara. A historiadora aponta que o Rio de Janeiro, durante esse período como Capital, era considerada a grande “vitrine da nação”, um exemplo para o país, um modelo daquilo que o Brasil foi, ou deveria ter sido.

Dentre as diversas razões para a transferência da capital federal, cabe citar o fato de que o Rio de Janeiro era um cenário de amplas mobilizações populares, o que interferia na política nacional. Brasília seria uma capital distante, um espaço político apartado da maioria da população e, conseqüentemente, protegido das manifestações populacional.

Assim, como consequência da transferência da capital federal, foi aprovada a Lei Santiago Dantas, a Lei 3.752, de 14 de abril de 1960. Esta lei garantia a constituição do Estado da Guanabara, com os mesmos limites geográficos, e tendo como capital e sede do governo a cidade do Rio de Janeiro. O Estado da Guanabara, território que atualmente faz parte do Estado do Rio de Janeiro, foi a localidade que recebeu a primeira federação de Jiu-Jitsu Brasileiro da história, a Federação de Jiu-Jitsu da Guanabara em 1968, fato que discutiremos com mais detalhes no decorrer deste capítulo.

Já a cidade de Salvador, que também foi Capital Federal, teve uma trajetória bastante diferente do Rio de Janeiro. Embora o sentimento de “Primeira Capital do Brasil” – slogan utilizado pela atual gestão da prefeitura da cidade (2020-2024) –

seja possivelmente uma questão eterna a se lidar, no idos dos anos 1990, período aqui também estudado, a capital baiana apresentava certa estabilidade no que se refere à cena política, e a experiência de ter sido Capital Federal.

Neste período, o Brasil já tinha passado por um processo de redemocratização e já estava sob o regimento da Constituição de 1988. A Bahia vivia sob a liderança de Antônio Carlos Magalhães, conhecido pelo acrônimo ACM, um político que ocupava cargos e, em alguma medida, comandava politicamente o estado desde a década de 1950. ACM foi governador da Bahia (1991-1994) e senador (1995-2001). Ele também garantiu sucessores, apoiando a eleição de Paulo Souto (1995-1999) e César Borges (1999-2002) para o governo do estado, políticos ligados ao Partido da Frente Liberal (PFL).

Também nesse momento, Salvador era uma referência nacional e mundial, principalmente pela sua produção cultural. Dentre as diversas vertentes, um destaque a sua produção musical, em específico o estilo musical Axé. Segundo LEME (2001), houve na Bahia, durante as décadas de 80/90, a construção e consolidação de um mercado musical regional autônomo, que teve como desdobramento uma grande “exportação” de produtos musicais para o Brasil e também para o exterior.

No que tange à produção cultural das práticas corporais, a primeira capital do Brasil também tinha tradição nas lutas. Era uma cidade bastante conhecida pela Capoeira, já que a capital baiana era um local onde a prática se consolidou e segue sendo uma referência até os dias atuais. A cidade também foi o local natural de um destacado lutador de Vale Tudo da década de 1950, o Waldemar Santana.

O Leopardo Negro, como ficou bastante conhecido, nasceu em Salvador em 1929. Iniciou no pugilismo e na luta livre aos 18 anos, junto ao professor José de Arapiraca, na Península de Itapagipe, Cidade Baixa³⁶. Waldemar deixou Salvador no início da década de 1950 com destino ao Rio de Janeiro, então capital federal da época. Lá, passou a trabalhar na academia da família Gracie, onde iniciou a sua relação com o Jiu-Jitsu Brasileiro. Waldemar foi mais do que um lutador brilhante que esteve em evidência em sua época, foi um elo entre as duas cidades

³⁶ Trata-se de uma região localizada abaixo da falha geológica da cidade de Salvador. Uma região de planície banhada pela Baía de Todos os Santos.

investigadas neste estudo, a partir do Jiu-Jitsu Brasileiro, da Capoeira e do Vale Tudo.

Ele construiu uma relação conturbada com a família Gracie que teve Hélio e seu sobrinho Carlson enfrentando o Leopardo Negro, no Rio de Janeiro, em diferentes ocasiões, em lutas de grande visibilidade na época. Waldemar faleceu em Salvador, aos 54 anos, e deixou um legado de visibilidade a Bahia no cenário de Vale Tudo nacional.

Figura 13 – Jiu-Jitsu: Empate Nas Cinco Lutas



Fonte: O GLOBO (01 de Fevereiro de 1960, p. 05).

Neste sentido, enquanto a Bahia viu a consolidação do Jiu-Jitsu Brasileiro na última década do século XX, o Rio de Janeiro era uma cidade onde a prática já era plenamente instituída e consolidada durante a década de 1960. Era recorrente e corriqueiro notícias nos jornais de época associadas à modalidade. Estas notícias passavam pelos cadernos de esportes, trazendo resultados de lutas, mas também transitava por outras questões.

[...] – Então, qual a diferença essencial entre um estilo e outro? – Não há antinomia entre o jiu-jitsu e o judô. Este fica para aquele como a espécie para o gênero. O jiu-jitsu é arte milenar oriental, golpes de ataque e defesa, que vem aperfeiçoando através inúmeras seitas de praticantes. Enquanto isso, o judô é, justamente, a mais moderna e difundida dessas seitas, consagrada por corresponder ideologicamente às ansiedades do povo nipônico em determinado momento histórico. É, enfim, o jiu-jitsu oficial do Japão. (O GLOBO, 06 de Fevereiro de 1960, p. 03)

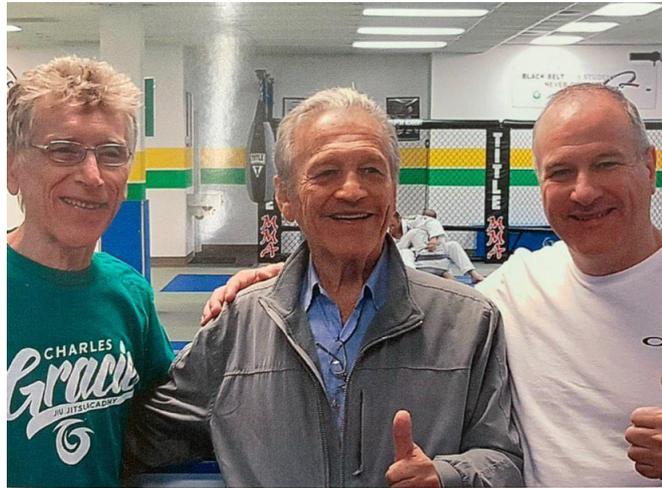
Pensar a história do Jiu-Jitsu Brasileiro em Salvador é remontar um passado mais recente. Foi na década de 1970 que encontramos o primeiro vestígio de contato entre a modalidade e a cidade. De acordo com o relato de Luiz Augusto Barbosa de Souza, o Luiz “Rato” como é conhecido popularmente na cena, foi especificamente em 1973 que se deu este fato:

Rapaz... o primeiro contato do Jiu-Jitsu com a cidade de Salvador foi na antiga Faculdade Amec Trabuco em 1973. Meu irmão, Ricardo, estudava Administração na época, quando aconteceu uma situação muito inusitada... aconteceu numa quarta-feira quando dois irmãos que tomavam conta dos carros lá na faculdade brigaram, e chegaram a puxar a faca um pro outro. Foi nessa que um cara chamado Paulo Fiuza, um colega de meu irmão, se meteu na situação e neutralizou facilmente, e apaziguou a situação. Aquilo chamou muita atenção, né? E a partir daí Fiuza se apresentou como um faixa preta de Jiu-Jitsu Gracie... e que ele estava afim de juntar uma galera interessada pra formar uma turma e praticar. Essa turma aconteceu, meu irmão Ricardo foi um dos primeiros alunos, e manteve os treinos até 74, quando Fiuza precisou ir embora pra Ilhéus... abandonou o curso de Administração e também os treinos. (SOUZA, 2015, p. 02)

Não foi possível encontrar nenhuma outra fonte que pudesse confirmar a história contada. Há um registro no site oficial do Ministério da Educação sobre essa instituição de ensino, a Faculdade Amec Trabuco, onde diz que ela foi credenciada em 2004 e descredenciada em 2009. Contudo, não é possível afirmar que se trata da mesma instituição citada pela fonte.

Luiz “Rato”, fonte entrevistada neste trabalho, é um ator importante e amplamente reconhecido na cena do Jiu-Jitsu Brasileiro em Salvador, na atualidade. Além de faixa preta da modalidade, é também faixa marrom de Judô, fisioterapeuta, terapeuta ocupacional e especialista em Medicina Chinesa, com ênfase em Acupuntura.

Figura 15 – Da esquerda para a direita: Reilson, Reison e Charles Gracie



Fonte: Arquivo pessoal de Charles Gracie.

Charles Gracie apontou também, em relato para este estudo, que o seu tio Reison esteve em Salvador no início da década de 1980 e que passou alguns meses ensinando a um pequeno grupo de pessoas no Clube Bahiano de Tênis³⁷.

[...] então, o quê que acontece? tinha um grupo de cariocas... an... e duas pessoas... nesse grupo... an... ... a maioria baianos queriam porque queriam aprender o jiu-jitsu, né? e eu tava lá só de férias... e eu não queria me envolver com negócio de jiu-jitsu porque eu tava só de passagem né? porque antes teve meu tio... meu próprio tio Reison que teve na Bahia por alguns meses e ensinou a um grupo pequeno de pessoas lá. – cê lembra quando ele veio aqui mestre? – aí eu não sei, eu acho que é... final de oitenta... oitenta não, desculpa... começo de oitenta... mais ou menos que ele teve aí... então... esse grupo tinha alguns conhecidos no Yacht Clube da Bahia, né? Oh... no Yacht Clube não... desculpa... na verdade, no Clube Bahiano de Tênis. (GRACIE, 2020, p. 7)

Com esses relatos, podemos afirmar que encontramos vestígios de que a cidade de Salvador teve contatos anteriores com a modalidade, mas que não se consolidaram. Charles Gracie, fonte entrevistada neste trabalho, foi um ator essencial no processo de consolidação e institucionalização do Jiu-Jitsu Brasileiro

³⁷ Trata-se de um dos clubes mais tradicionais de Salvador. Fundado em 1916, é até hoje um espaço de referência para práticas esportivas, de cultura e lazer, localizado em uma região prestigiada da cidade.

em Salvador, sendo um dos principais articuladores da modalidade na cidade durante os anos 1990.

Luiz “Rato” confirma a importância de Charles, em seu relato sobre a história do Jiu-Jitsu baiano, afirmando que a formação da modalidade na cidade se iniciou efetivamente com a chegada de Charles Gracie na capital baiana.

Então... mas os primeiros contatos mesmo com o Jiu-Jitsu em Salvador... que realmente firmaram a arte marcial na cidade, foi em 1987 quando Charles Gracie veio morar aqui. Charles era filho de Robson e aluno de Rolls... ele montou as suas primeiras turmas pra dar aula aqui em fevereiro de 87 no Clube Bahiano de Tênis, na Barra, e depois em março ele montou outra turma na Triathlon, na Graça. Eu fui aluno dele nessa época. Eu já treinava Judô e fui um dos primeiros alunos dele nesse período. Em 88... aproximadamente... Charles se afastou dos treinos por motivos pessoais. Nesse meio tempo, eu já era faixa azul de Jiu-Jitsu... tinha passado uns meses no Rio... treinando na Carlson³⁸... já treinava Judô há muito tempo, resolvi comprar uns tatames e montar um treino na minha própria casa. (SOUZA, 2015, p. 03)

As informações coincidem com o relato de Charles, ele quando sinaliza que montou suas primeiras turmas de Jiu-Jitsu na capital baiana durante esse período, nos anos finais da década de 1980.

[...] aí o quê que aconteceu? Em 86... 87 a gente começou com um grupo lá no Bahiano de Tênis... e logo depois ampliamos lá pra academia Triathlon na Graça, né? Que era do falecido Rubão... eu dei aula nos dois lugares por alguns anos... e depois disso eu... acabei indo pra Pituba, né? Na academia de Judô Budokan e dei aula lá... an... de 92 até 97... entendeu? E quando deixei a Triathlon... um ano... dois anos depois... Guilherme Assad apareceu lá e resolveu se estabilizar também... estabelecer em Salvador, né? E começou a dar aula na Triathlon. (GRACIE, 2020, p. 08)

Foi nos primeiros anos da década de 1990 que se iniciaram os movimentos na cena que levariam a institucionalização da modalidade na cidade. Com a ida de

³⁸ Referência a academia do mestre Carlson Gracie em Copacabana no Rio de Janeiro. Reconhecido como um dos maiores mestres da modalidade de todos os tempos, foi atleta de Vale Tudo e formador de grandes lutadores que tiveram expressão nacional e internacional.

Charles à academia Budokan³⁹, aconteceria uma articulação entre Charles e alguns mestres de Judô locais, que garantiria as bases para a fundação da primeira federação de Jiu-Jitsu Brasileiro da cidade. Sobre a experiência de Charles na cidade, ele cita como foi importante o acolhimento do Judô ao Jiu-Jitsu:

Então, né? O que acontece é que na época... quando eu cheguei, né? Até os anos 90... começo de noventa não tinha nenhum praticante de jiu-jitsu... é do Judô, entendeu? Então o que a gente fez, é... eu levei algumas pessoas... como a gente não tinha campeonato de Jiu-Jitsu... eu levei algumas pessoas... alguns atletas nossos pra participar de um campeonato de Judô... daí eles teve um pouquinho de experiência pra saber o quê que era Jiu-Jitsu... porque o treino era de Jiu-Jitsu... – competição, né? – exatamente... e nós fomos muito bem recebidos, entendeu? Inclusive quem abriu as portas pra gente pra isso foi o professor Yoshida no Yacht Clube da Bahia. (GRACIE, 2020, p. 10)

Outro nome que emerge das fontes é o do Sensei Kazuo Yoshida. Ricardo Carvalho, atual presidente de uma das federações de Jiu-Jitsu em atividade na Bahia, professor de Jiu-Jitsu e de Judô também contribuiu com este estudo. Em seu relato, ele cita Kazuo Yoshida como o precursor do Jiu-Jitsu baiano.

Na verdade... na Bahia todo processo começa com o mestre Kazuo Yoshida. Um japonês daqueles “casca grossa”. Aí ele foi e passou pro meu pai, o mestre Ciro... só que ele dava aula de Judô, só que o Judô dele era muito bom de chão. (CARVALHO, 2019, p. 01)

Este relato traz informações importantes. Primeiro, aponta que o Jiu-Jitsu não era uma modalidade estranha na cidade de Salvador. Já havia na cidade uma prática do Judô plenamente consolidada, e este judô tinha semelhanças gestuais com o Jiu-Jitsu. Tratava-se de um Judô diferente do praticado na atualidade, onde o foco do treino é quase sempre voltado para o treino em pé, de quedas.

³⁹ Trata-se de uma academia especializada em lutas, localizada no bairro da Pituba, em Salvador. Foi fundada em 1991 e segue sendo um espaço de referência nos dias atuais.

Figura 16 – Francisco Magalhães Pinto "Cirão" a esquerda e Kazuo Yoshida a direita



Fonte: Arquivo pessoal de Ricardo Carvalho.

Para este estudo, contamos também com o relato do Sensei Jorge Sobreira da Gomes. Sobreira, como é conhecido popularmente na cena, é um destacado e antigo Sensei de Judô da cidade de Salvador. Foi um ator de relevante contribuição para a história do Jiu-Jitsu Brasileiro na cidade e é atualmente o diretor técnico da Federação Baiana de Judô. Ele traz em seu relato considerações sobre a mistura do Judô e do Jiu-Jitsu durante o período em questão.

O que aconteceu na Bahia com a febre do Jiu-Jitsu, foi que... se você perguntar: "Sobreira, você conhece professor de Jiu-Jitsu da Bahia?", todos que eu indicar a você, 90% é judoca. Porque viram uma maneira... aproveitaram o modismo e começaram a dar aula de Jiu-Jitsu e se deram bem. (GOMES, 2019, p. 02)

Diante desses relatos e pelo que apontam as fontes, de um modo geral, é possível afirmar que o Judô foi uma modalidade que teve grande relevância no processo de institucionalização do Jiu-Jitsu Brasileiro, tanto no cenário do Rio de Janeiro, durante a década de 1960, quanto em Salvador, nos anos 1990. No entanto, esta relação se deu de forma diferente. Em Salvador houve um processo de acolhimento. Mestres de Judô locais acolheram Charles Gracie, deram espaço e contribuíram com a fundação da primeira federação de Jiu-Jitsu no estado da Bahia.

Figura 17 – Só queremos provar que o Jiu-Jitsu não está ultrapassado como afirmam

ATHAYDE, EM DEFESA DE UMA FEDERAÇÃO:

"Só Queremos Provar Que o Jiu-Jitsu Não Está Ultrapassado Como Afirmam"

João Carlos Austregásilo de Athayde é um dos líderes para a fundação da Federação Carioca do Jiu-Jitsu, não concordando com os obstáculos que estão sendo colocados à instalação da nova entidade. E muito menos concordando com as razões apresentadas pela Federação Carioca de Pugilismo e a Federação de Judô, que situam o Jiu-jitsu no rol dos esportes ultrapassados. E o diretor da Academia Athayde retruca que uma das provas da atualidade do jiu-jitsu é a sua própria escola que, inaugurada em Copacabana há dois meses, ultrapassa agora os 100 alunos de todas as idades, num movimento que o obriga a funcionar das 8 às 20 horas:

— O máximo que poderiam dizer é que o jiu-jitsu é um esporte antigo, porém o judô também não é novo, como não seria o boxe. O que importa é saber que o jiu-jitsu conserva a sua motivação, aliando à prática esportiva uma ação social, um trabalho psicológico que não pode ser esquecido. Daí ser difícil a formação de professores na nossa modalidade, de vez que cada mestre tem missão maior a cumprir, ajudando os alunos a vencerem timidez e complexos, ensinando inclusive formas regradas de vida, doutrinando até quanto à alimentação.

— Há quanto tempo se arasta essa discussão?

— Estamos solicitando le-

galização há meses, esbarrando no entanto com várias incompreensões. Talvez imaginem alguns que queremos, por exemplo, acabar com o judô, coisa que absolutamente não nos passou pela cabeça. Acharmos, para começo de conversa, que existe campo para todos nós, cabendo ao público — o mais interessado no assunto — escolher qual o melhor.

— Por que a necessidade de uma federação?

— Sem estarem reunidas as diversas academias em uma entidade própria, ficará vedado ao jiu-jitsu promover campeonatos e competições oficiais. E isso esmagará injustamente um esporte nobre, impedindo-o de gozar dos privilégios de uma divulgação intensa que até agora só beneficiou o judô. Sempre lembrando que o jiu-jitsu merece um tratamento mais condigno pois foi ele, há 30 anos, que descobriu e iniciou o esporte do quimono no Brasil, saindo dele, como árvore frondosa, as ramificações simples que são judô e karatê, para não irmos mais longe.

E Athayde, empolgado sinceramente com a sua defesa — no caso, não pessoal, mas do esporte que admira como filosofia de vida — acrescenta:

— Um campeonato é coisa importantíssima, haja visto o certame interno que promovi na minha academia. Não faltou o entusiasmo do público, não faltaram os aplausos dos que realmen-

te encaram o jiu-jitsu com o devido respeito. Não tenho medo de errar, friso que só podem ser contra o jiu-jitsu aqueles que não o conhecem a fundo ou então temem sua

concorrência. Uma concorrência sempre honesta, pois os homens que o ensinam e o praticam são sempre corretos em todas as suas atitudes.



Athayde acentua ao nosso companheiro que é uma injustiça esmagar-se o esporte que introduziu o quimono no Brasil

Fonte: O GLOBO (10 de Fevereiro de 1968, p. 03).

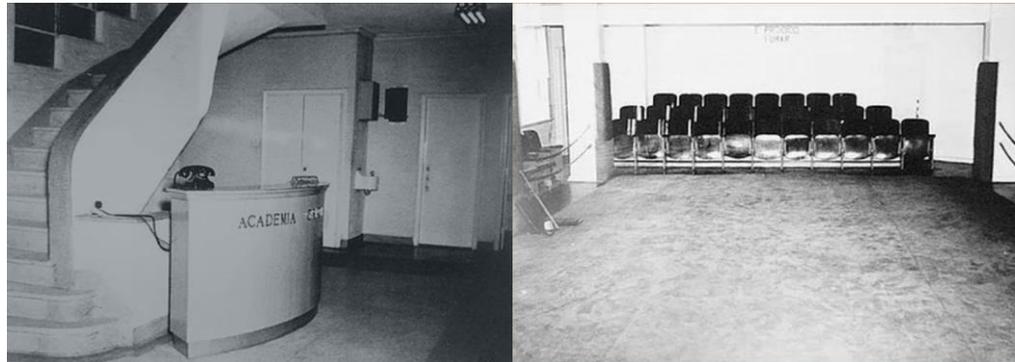
Noutro lado, no Rio de Janeiro, o Judô construiu uma disputa no sentido de deslegitimar o Jiu-Jitsu Brasileiro, enquanto uma modalidade com autonomia e capaz de construir os seus próprios passos. Havia também um processo de resistência por parte da Federação Carioca de Pugilismo. Com a inexistência de uma federação própria no Rio de Janeiro, o Jiu-Jitsu precisava organizar os seus eventos a partir das federações de Judô e de Pugilismo. Havia, portanto, uma disputa de poder em jogo, onde as federações não queriam perder prestígio e poder.

Essa matéria do jornal O Globo, a cima citada, evidencia que a fundação da primeira federação de Jiu-Jitsu Brasileiro enfrentou resistência no Rio de Janeiro e que este processo ocupou espaços privilegiados dos jornais da época. Demonstra também que este enfrentamento aconteceu a partir de atores pouco citados na

história hegemônica consolidada do Jiu-Jitsu Brasileiro. Uma figura que salta das notícias é João Carlos Austregésilo de Athayde.

Foi feita uma busca por este nome nos mecanismos de busca da internet e nas redes sociais, onde foi possível encontrar o perfil do mestre Athayde, como era mais conhecido. Nestas redes, ele se apresenta como um dos fundadores da primeira academia de Jiu-Jitsu da história. De acordo com Gracie (2008), a primeira academia de Jiu-Jitsu Brasileiro da história foi fundada na Rua Marquês de Abrantes, nº 106.

Figura 18 – Primeira escola de Jiu-Jitsu Brasileiro: Academia Gracie



Fonte: Gracie Humaitá RN.

Esta rua fica localizada no bairro do Flamengo, na zona sul do Rio de Janeiro. Trata-se de um bairro privilegiado economicamente e central para a prática esportiva do Rio de Janeiro, sendo, por exemplo, berço de dois dos principais clubes da atualidade: Clube Regatas do Flamengo e Fluminense Football Club. Diante destas informações, é possível apontar que Athayde possuía relação com os Gracie, sendo ainda hoje um ator próximo à família.

Além de Athayde, havia outros atores e academias que recorrentemente aparecem nos jornais de época. Vale citar Almir Ribeiro e João Alberto Barreto, além da presença do Jiu-Jitsu em importantes clubes sociais do período, como o Paquetá late Clube e o Bandeirantes Praia Club. Com isso, não há intenção em afirmar que estes são os únicos ou mais importante do cenário, apenas que são os que mais apareceram nas fontes pesquisadas.

Figura 19 – Expectativa sobre a decisão da Confederação Nacional do Desporto sobre o destino do Jiu-Jitsu

FINALMENTE, DEPOIS DE AMANHÃ:

No CND a Decisão Sobre o Destino do Jiu-Jitsu

Finalmente depois de amanhã o CND estará julgando o pedido de filiação direta da Federação Carioca de Jiu-Jitsu, pois a entidade deseja ser independente dos demais esportes de ringue e tatami, ou melhor, dependente apenas do órgão máximo do esporte nacional. O próprio presidente General Elói Meneses vê com simpatia a solicitação do pessoal do jiu-jitsu, sabendo-se no entanto que a decisão final virá do plenário. E o Prof. Ataíde um dos líderes do movimento, afirma:

— Acreditamos que o CND verá com bons olhos a nossa iniciativa, pois temos idéias novas, promoções diferentes, que não apenas levarão o progresso ao jiu-jitsu, mas paralelamente desenvolverão ainda mais o esporte brasileiro, como desejam as autoridades. Temos meios e modos de empregar seriamente grande parte da juventude, colocando-a no caminho do que é justo e bom e só uma autonomia relativa, como a que pretendemos, não tolheria os nossos passos. Queremos fazer as nossas competições, realizar torneios, trazer mais gente para o esporte — para a sadia convivência do esporte — e não podemos supor que o CND tome medida que acabe por marginalizar os milhares de praticantes do jiu-jitsu no Rio.

E o Prof. Ataíde, sempre dentro de sua confiança inabalável, acrescenta:

— Dizem que há pressões para que não nos seja concedida a filiação direta, como se tal pedido fosse um crime. Mas os conselheiros saberão pesar bem a justiça de nossa petição, pois reafirmamos que não é ideal do jiu-jitsu, ao querer viver na dependência exclusiva do CND, segregar-se do restante do esporte nacional ou abrir polémica com qualquer outro ramo de atividade esportiva. Sonhamos, isso sim, ganhar a projeção que até agora só foi reservada para alguns privilegiados.

AS ARRECADAÇÕES:

Nada Mudou na Luta Pelas Cinco Vagas

Não houve alteração nas colocações em arrecadação com vista as cinco vagas cariocas para o próximo Roberto Gomes Pedrosa, o Vasco disputando com o Botafogo o primeiro lugar e Bangu e América lutando pelo quinto posto. Com os resultados financeiros da segunda rodada do re-turbo, sábado e ontem, é a seguinte a classificação: — 1 — Vasco — NCr\$ 767 700,08; 2 — Botafogo — NCr\$ 722 100,26; 3 — Flamengo — NCr\$ 706 637,05; 4 — Fluminense — NCr\$ 647 281,51; 5 — Bangu — NCr\$ 382 564,45, e 6 — América — NCr\$ 288 858,72. Para a Taça Guanabara, se o certame acabasse ontem, estariam classificados o Botafogo vencedor da Taça em 1967, mais os outros cinco pela ordem e que seriam Vasco, Flamengo, América, Bangu e Madureira. Fora, portanto, o Bonsucesso, que está empatado com os tricolores suburbanos mas tem maior déficit de "goal" e o Fluminense, que continua em 7º lugar apesar do bom empate de ontem com o líder Vasco.

Fonte: O GLOBO (13 de Maio de 1968, p. 24).

De acordo com as notícias, o processo de fundação da primeira federação de Jiu-Jitsu Brasileiro do mundo, no Rio de Janeiro, entrou em discussão na Confederação Nacional do Desporto (CND) em meados de 1968. A matéria acima aponta que a CND era presidida por um general, Elói Meneses. Foi encontrada uma matéria sobre este general no site oficial da Confederação Brasileira de Hipismo⁴⁰.

⁴⁰ Informações retiradas do site oficial da Confederação Brasileira de Hipismo. Disponível em: <<http://cbh.org.br/index.php/noticias-geral/8816-hipismo-brasil-no-tunel-do-tempo-estrela-do-salto-em-jogos-ol%C3%ADmpicos>>. Acesso em: 25 de out. 2022.

Eloy Menezes foi um atleta brasileiro de hipismo, fez parte da equipe brasileira nas Olimpíadas de Helsinque, em 1952. Esta ocasião foi a segunda participação brasileira na modalidade em jogos olímpicos na história, e Eloy registrou a quarta colocação, resultado inédito para o Brasil.

Nesse momento, já é possível perceber a influência dos militares no cenário esportivo brasileiro. Em 1968, período em que estava em discussão no CND a fundação da primeira federação de Jiu-Jitsu Brasileiro da história, havia um general a frente da principal entidade reguladora do esporte. Diante das disputas colocadas nesse período, a partir das resistências para a criação da federação, podemos perceber que os atores colocados à frente da disputa pela oficialização da entidade, possuíam boa relação com os militares, “o próprio general Elói Meneses vê com simpatia a solicitação do pessoal do jiu-jitsu”, como aponta a matéria acima.

A presença de atores do Jiu-Jitsu Brasileiro em movimentos políticos nacionais foi noticiada em outros momentos da história. Vale citar que em 2020, o UOL publicou uma matéria sobre a vinculação de Hélio Gracie ao integralismo, o fascismo brasileiro⁴¹. A publicação aponta que Hélio foi um membro ativo e que frequentava o núcleo de Ipanema da Ação Integralista Brasileira. A matéria revela ainda que Hélio tentou vaga como deputado em 1958 e que fez uma campanha baseada em apresentações populares de jiu-jitsu, mas sem êxito na votação.

⁴¹ Nos anos 1930, Hélio Gracie foi membro do integralismo, o fascismo brasileiro. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/lutas/ultimas-noticias/2020/08/09/nos-anos-30-helio-gracie-foi-membro-do-integralismo-o-fascismo-brasileiro.htm>>. Acesso em: 25 de out. 2022

Figura 20 – Helio Gracie presente nas colunas sociais da época

NOVOS CLUBES DESCOBREM PARA OS CARIOCAS O QUE DE MAIS BELO OFERECE O RIO, DIZ HÉLIO GRACIE

— PELA primeira vez em muitos anos de atividades esportivas, tomo parte em uma reunião social, como membro da diretoria do Bandeirantes Praia Club. Isto porque vejo que o carioca começa a libertar-se do ambiente de agitação da cidade, organizando-se em clubes nas áreas livres de paisagem privilegiada que aqui temos — disse Hélio Gracie, falando com o entusiasmo que caracteriza a juventude dos seus cabelos brancos.

Hélio Gracie, entrevistado no escritório de sua Academia, na Avenida Rio Branco, trajando um costume de linho branco, bem próprio para a temperatura reinante, foi dizendo: "Aqui nós temos ar nem espaço. Precisamos fugir da cidade ao menos nas horas dedicadas ao lazer, à convivência social e ao esporte. No Rio temos locais ótimos que só agora estamos descobrindo. E o Recreio dos Bandeirantes é um deles, oferecendo todas as condições para um clube".

LEVARÁ O JIU-JITSU

— Não vou formar no Bandeirantes Praia Club uma Academia de Jiu-Jitsu, mas para lá levarei esse esporte, a que me dediquei a vida inteira. Atualmente, encontro as melhores condições e apoio integral para sua melhor difusão.

— Além — disse Hélio Gracie — minha primeira preocupação ao ser chamado a integrar o Bandeirantes Praia Club, foi a de introduzir o esporte da minha especialidade no programa de realizações do clube. E para isso — diga-se — conto desde o início com os meios e espaço necessários.

Hélio Gracie já estudou a organização de uma seção de Jiu-Jitsu para o Bandeirantes Praia Club.

PROXIMIDADE DE CASA

Tomando em mãos um prospecto do clube, Hélio Gracie demonstrou conhecer bem a área dos Bandeirantes, onde "não sei como ainda não está apinhado de casas uma região tão bonita, com uma excelente praia e tendo ao fundo uma cordilheira de montanhas. E o que é ainda importante; lá estamos diante do ambiente da vida cotidiana, e ao mesmo tempo próximos de casa".

Hélio Gracie falou nas vantagens da região, "inclusive uma que servirá de panorama frontal para a sede do Bandeirantes Praia Club, onde os sócios poderão praticar esportes aquáticos, além de se beneficiar com a beleza da paisagem".

ORGANIZAÇÃO DO QUADRO SOCIAL

— Outra coisa que quero ressaltar — foi dizendo Hélio Gracie sem esperar pelas perguntas — é o critério que está sendo adotado pelos organizadores do clube na formação do quadro social da entidade, bem como as providências que estão tomando para a construção de um clube moderno e funcional, com o aproveitamento dos recursos que oferece a região.

— O Clube, pelo seu projeto, será um dos mais bonitos da Guahabara, permitindo convivência em ambiente de saúde e tranquilidade, onde não foi esquecida a parte referente aos jovens e às crianças — acrescentou.

REUNIÃO DAS FAMILIAS

Finalizando, disse Hélio Gracie: "Quero congratular-me com



Em companhia do Sr. Druatt Ernanny Filho, Hélio Gracie expôs seus planos para o Bandeirantes Praia Club

os proprietários de terrenos no Recreio dos Bandeirantes pela feliz ideia da construção do clube. E como uma antecipação da sociedade que nã se está formando, com as melhores condições para reunir as famílias que estão construindo suas casas para os fins-de-semana. O Bandeirantes Praia Club, eston certo, dará início a uma série de programas na região, que se apresenta como um dos mais belos panoramas da Guahabara".

sorria e use
MAIOS
Jantzen
nada melhor
Fabricados no Brasil por
CONFORT S. A. COM E IND
RIO DE JANEIRO

Você conhece MISQUEY?
Misquey
R. dos Marujos, 14 — Tel. 32-9167

RESTAURANTE
húngaro Sator
R. Santa Luzia, 87

ARPOADOR — Superluxe!!! Av. Rainha Elizabeth, 676. Últimos apartamentos de 250 m², no 3.º andar, sendo um por andar, com vista para o mar, permanente! Prédio em fase de acabamento. Entrega em 6 meses. Preço fixo e irrevogável com escritura pública em tabelião imediatamente. Cr\$ 10 500 000,00, 20% de entrada, 40% a combinar, saldo de 40% após as chaves, com o nosso já consagrado financiamento inédito. Construção da SIMPLEX. Atenção, ver no local a tratar com a

PREDIAL ARPOADOR
RUA 7 DE SETEMBRO DE CALVO 406
TEL. 32 2619
Futura PREDIAL ARAXÁ,
mesma diretoria.

Fonte: O GLOBO (13 de Outubro de 1961, p. 04).

A família Gracie era um nome de peso na cidade do Rio de Janeiro durante década de 1960. A matéria acima mostra a imponência do Jiu-Jitsu Brasileiro e a notoriedade de Hélio Gracie. Nesta, ele é apresentado como um convidado para fazer parte de um clube social da época, o Bandeirantes Praia Club. Na imagem, ele

aparece ao lado do Sr. Drault Ernanny Filho, filho de um importante político brasileiro que chegou a ser senador.

Figura 21 – Decisão da CND sobre a criação da primeira federação de Jiu-Jitsu Brasileiro do mundo



Fonte: O GLOBO (16 de Maio de 1968, p. 22).

Mesmo com o notável peso do nome Gracie e a sua presença marcante na história hegemônica consolidada, este nome não é citado no processo de oficialização da primeira federação de Jiu-Jitsu Brasileiro. Podemos ver na matéria apresenta, a decisão da CND sobre a legalização da Federação de Jiu-Jitsu da Guanabara em 15 de maio de 1968, a primeira da modalidade da história. Nela aparecem nomes do Jiu-Jitsu da época, Hélcio Leal Neto, Orlando Barradas, Osvaldo Fada, João Carlos Athayde, Tony de Pádua e Barreto Mangueti, mas não faz menção aos Gracie.

Esta matéria traz informações fundamentais para analisar o contexto de fundação da modalidade. Primeiro, trata-se de uma matéria de um dos jornais de grande circulação da época, apontando certa relevância do debate no contexto do

período. Também, cabe citar que a institucionalização, de acordo com o que apontam as fontes investigadas, não foi responsabilidade exclusiva da família Gracie, sugerindo um movimento diferente do que insiste em aparecer nas mídias e produções do campo, como uma tradição inventada.

Figura 22 – Sonha o jiu-jitsu com a confederação

***Sonha o jiu-jitsu
com a confederação***

Vencida a primeira batalha do jiu-jitsu, com o CND reconhecendo ao tradicional esporte do quimono o direito a isolar-se como federação a fim de promover seus próprios certames e campeonatos, o Prof. Atalide começa nova luta, como ele mesmo explica:

— Os estudantes do jiu-jitsu no Estado do Rio, em São Paulo e no Ceará já se arregimentam no sentido de também fundarem as entidades locais. E daí partiremos para o sonho maior, que é o da organização da Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu. A receptividade tem sido enorme e aí então teremos a completa emancipação do nosso esporte.

— E os progressos do jiu-jitsu?

— Espectaculares, felizmente. Aos poucos todos se comparam que mais do que um esporte de competição, o jiu-jitsu representa aprimoramento mental e físico a um só tempo. A juventude está procurando as academias e nós não temos mãos a medir. Prova? A minha já está pequena e vou abrir outra, em Ipanema.

— Só para jiu-jitsu?

— Especialmente para jiu-jitsu, mas teremos lá todos os demais esportes de quimono, além de saunas e duchas, para o conforto completo dos nossos alunos.

Fonte: O GLOBO (12 de Outubro de 1968, p. 17).

Nesta cena, o Jiu-Jitsu Brasileiro vivia um cenário de organização e enraizamento na cidade do Rio de Janeiro, com sujeitos atuantes e presentes, disputando espaço e contribuindo com o desenvolvimento da modalidade na cidade. A matéria acima evidencia que já havia uma perspectiva de expansão desse processo de institucionalização no campo. Havia uma intenção de oficializar a fundação de federações locais em outros estados, como exemplo de São Paulo e Ceará e, até mesmo, o desejo de organização de uma Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu.

No que se refere ao contexto de Salvador, em meados da década de 1990, o Jiu-Jitsu Brasileiro já era bastante conhecido. Consequência provável do espaço que a modalidade tinha nas mídias e também pelo protagonismo que a modalidade assumiu nos eventos de Vale Tudo. Apesar de não ser ainda largamente praticado na cidade, já despertava interesse de praticantes e de alguns mestres de Judô que almejavam sucesso financeiro com uma aproximação com a modalidade.

Foi nesse período, em 1993, que aconteceu o primeiro Ultimate Fighting Championship (UFC) da história. Esse evento, que na atualidade se tornou o principal evento de lutas do planeta, foi uma iniciativa de John Milius, Rorion Gracie, Art Davie, Campbell McLaren, Bob Meyrowitz e David Isaacs. E teve sua primeira edição em novembro de 1993 nos Estados Unidos da América.

Esse evento reunia interesses diversos. Empresários americanos visualizavam um produto que poderia monetizar e se projetar, mas havia a presença de um Gracie que almejava projetar a modalidade Jiu-Jitsu Brasileiro para o mundo, assim como o nome de sua família que, recorrentemente, se colocava no protagonismo de ações de marketing da modalidade. O evento reunia especialistas de modalidades diferentes, dentro de uma jaula, numa luta sem limite de tempo, sem itens de proteção e com pouquíssimas regras. Foi um sucesso mundial, tendo como primeiro campeão Royce Gracie, um jovem magro e franzino que venceu facilmente os seus adversários com suas técnicas de Jiu-Jitsu Brasileiro.

Esse cenário aumentou a visibilidade do Jiu-Jitsu Brasileiro, gerando demandas, inclusive, na cidade de Salvador. Assim, alguns mestres de Judô locais se associaram a Charles Gracie que estava morando na capital baiana, somando esforços para garantir a fundação da federação. Sobre o nascimento da Federação Baiana de Jiu-Jitsu (FBJJ), Charles Gracie traz em seu relato considerações sobre esse cenário.

[...] o que eu fiz foi o seguinte... quando a confederação brasileira de jiu-jitsu tava nascendo em noventa e quatro... e você é... pra oficializar mais o jiu-jitsu na Bahia e botar a Bahia num cenário nacional e internacional... eu resolvi montar essa academia... essa federação de jiu-jitsu... só que a federação de jiu-jitsu pra ser montada precisa, por exemplo... umas três ou quatro agremiações, né? Pra elas serem a base de sustentação de uma federação... não posso abrir só com o meu nome... com a minha academia e esquece o resto pra lá... então eu tive a adesão de algumas academias de

judô... que a gente se dava muito bem na época... tem o Serrinha... o próprio Ricardo Carvalho... o Alex Cintra. (GRACIE, 2020, p. 19)

Assim, nasceu a FBJJ, uma das quatro federações que estão em atividade na atualidade, atuando na organização do Jiu-Jitsu baiano.

Há atualmente quatro federações em atividade no estado da Bahia, que são: Federação Baiana de Jiu-Jitsu (FBJJ), Federação Baiana de Jiu-Jitsu Olímpico (FBJO), Federação de Jiu-Jitsu do Estado da Bahia (FJJEBA) e a Federação Baiana de Jiu-Jitsu e MMA (FBJJ MMA). Dentre elas, a que mais se aproxima das características da primeira federação, presidida por Charles Gracie na sua fundação, é a FBJJ. Atualmente ela é presidida por Ricardo Carvalho, um dos atores que contribuíram com esta pesquisa.

Figura 23 – Federação promove copa em shopping



Fonte: Correio da Bahia (15 de novembro de 1996).

O evento que afirmou a recém-criada Federação Baiana de Jiu-Jitsu foi a Copa Fala Garoto de Jiu-Jitsu. Foi uma competição que aconteceu no Shopping Barra, um espaço bastante prestigiado da capital baiana, e foi um grande sucesso, de acordo com o relato de Jorge Sobreira.

O Charles Gracie dava aula de Jiu-Jitsu na Budokan. Eu dava aula de Judô e ele dava aula de Jiu-Jitsu. Então fizemos amizade. Ele conversando comigo... como eu era o diretor técnico da Federação Baiana de Judô... ele tinha um projeto de organizar uma Copa de Jiu-Jitsu na Bahia. Eu disse: “vamos, eu ajudo”. Eu tinha muita influência no pessoal de marketing do Shopping Barra. Aí eu fiz a primeira Copa “Fala Garoto de Jiu-Jitsu da Bahia”. Primeira e única. Na época, pra se ter uma ideia, Minotauro, Daniel Valverde, Lauro eram tudo faixa branca. Inclusive Daniel Valverde ganhou o peso e Minotauro ganhou o absoluto pra Lauro Fontes. Pra se ter uma ideia, eu consegui o patrocínio da Coca-Cola, consegui o patrocínio do Shopping pra colocar o som, montei os tatames da Federação... Pra se ter uma ideia, eu ganhei tanto brinde dos caras das lojas, camisas, kimonos, luvas... Todo mundo no em torno assistindo e perguntando quando teria outro... Pra se ter uma ideia, deu 9h da noite do sábado as cantinas não tinham nada mais pra vender, vendeu tudo. Sabe o público estimado rotativo? 60 mil pessoas. Foi o público estimado de acordo com o marketing do Shopping. (GOMES, 2019, p. 6-7)

A Copa Fala Garoto de Jiu-Jitsu firmou a presença do Jiu-Jitsu Brasileiro na capital baiana e garantiu a popularidade da Federação que passou a assumir um papel regulador da prática no estado, conforme aponta a matéria a seguir:

Figura 24 – Gracie critica falsos mestres e prega aliança no jiu-jítsu



Fonte: Acervo pessoal de Charles Gracie.

Assim sendo, o Jiu-Jitsu Brasileiro estava consolidado na cidade. A Federação já assumia o papel de organização da prática que já estava afirmada na capital baiana. Assim, podemos apontar que o processo de institucionalização da modalidade, tendo como referência a consolidação das federações, aconteceu com quase 30 anos de diferença entre as cidades comparadas aqui, em 1968 na cidade do Rio de Janeiro e em 1996 em Salvador.

A federação, enquanto entidade institucionalizada e reguladora, permite um processo de regulação da prática a partir da fiscalização e da constituição de regras competitivas. Estes fatos, dentre outros, impactam de forma considerável em como a prática acontece. Vale ressaltar que nas duas cidades, a fundação das federações foi uma demanda espontânea do campo, resultado dos seus processos e disputas, o que também aponta a consolidação da prática e a sua demanda social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tratarmos sobre o Jiu-Jitsu Brasileiro numa perspectiva histórica, entendíamos as dificuldades que encontraríamos. Seja pela baixa quantidade de produções do campo, pelas diversas disputas de poder existentes que se colocam em embate por meio de narrativas históricas e/ou pela dificuldade de acesso e manejo de fontes, tudo isto colocado à prova num período especialmente conturbado da história, a pandemia de COVID-19.

Contudo, o cenário de desafios encontrados não foi maior do que as provocações existentes no sentido de aprofundar conhecimentos sobre esta modalidade que, além de popularizada mundialmente nos dias atuais, é reconhecida como um produto cultural brasileiro. Partindo de uma premissa rigorosamente crítica, ancorada nos recursos que a metodologia da história comparada oferece, fizemos deste estudo um olhar sobre a história do Jiu-Jitsu Brasileiro, compreendendo que o resultado disto é consequência principalmente das fontes escolhidas, da metodologia optada e do sujeito pesquisante.

Entendemos que produzir compreensões sobre esta modalidade é ativar disputas de narrativas da história e que isto demanda uma grande responsabilidade, no sentido de não reforçar mitos e nem corroborar com uma narrativa linear e hegemônica. Cabe pontuar que produzir provocações, reflexões e críticas faz parte do processo de produção intelectual livre e independente, pilares constitutivos da universidade pública, espaço que abrigou a construção deste estudo.

Para melhor compreender sobre o processo de formação do Jiu-Jitsu Brasileiro, é necessário entender que este é consequência do intercâmbio cultural de dois países: o Brasil e o Japão. Embora seja um produto genuinamente brasileiro, ele apresenta influências de mais de um milênio de experiências históricas e culturais japonesas.

A partir das transformações do período Meiji no Japão, houve um processo de abertura econômica e cultural do país ao resto do mundo. Este estudo encontrou fontes que apontam que o Judô Kodokan, produto fruto da efervescência Meiji japonesa, foi expandido para todo o mundo como uma política de estado japonesa, o que explica a sua grande influência na constituição de modalidades de lutas

agarradas em diversos países do mundo. Do Jiu-Jitsu Brasileiro ao Sambô na antiga União Soviética, essa atuação dificilmente seria possível de forma espontânea, sem a ação potencializadora do estado japonês.

Neste sentido, o Judô Kodokan trouxe consigo mais do que um conjunto de técnicas e práticas gestuais, ofereceu uma perspectiva de formação moral e intelectual dos praticantes, um produto com claras características modernas e que representava uma mudança importante na sociedade japonesa, rompendo com as antigas tradições existentes.

Este produto chegou ao Brasil através de um grupo de lutadores japoneses, dentre eles, Mitsuyo Esai Maeda, mais conhecido como o Conde Koma. Na cidade de Belém, capital do estado do Pará, Koma conheceu um empresário brasileiro de origem escocesa, chamado de Gastão Gracie. A história hegemônica do Jiu-Jitsu Brasileiro perpassa centralmente por este acontecimento.

Não há dúvidas sobre a importância do Conde Koma e da família Gracie na história do Jiu-Jitsu Brasileiro. No entanto, existem estudos que apontam que Koma não foi o único, nem tampouco o primeiro representante de luta japonês no Brasil nesse período. O estudo de Lise e Capraro (2018) aponta que Sada Miyako e M. Kakiora vieram para o Brasil em 1908 e passaram um período treinando marinheiros brasileiros na modalidade Jiu-Jitsu.

Há algumas reflexões importantes sobre esses fatos. Primeiro, havia outras escolas de Jiu-Jitsu no Japão e não somente a escola de Judô Kodokan, durante esse período. É possível que tenha havido um processo de disputa no Japão que colocou a escola Kodokan como protagonista no processo de expansão cultural do Japão a partir das Lutas. Há também a possibilidade de que outras escolas tenham recebido algum tipo de incentivo do governo ou que a expansão dessas tenha sido de forma espontânea. São lacunas históricas que não puderam ser respondidas neste estudo e que deixam espaço para futuras pesquisas.

Também visualizamos que a família Gracie mudou-se de Belém do Pará para a cidade do Rio de Janeiro, então capital federal da época, cidade berço do fenômeno esportivo brasileiro. Foi a partir desse cenário que se iniciou a formação da modalidade Jiu-Jitsu Brasileiro. A história hegemônica da modalidade aponta que a

família Gracie foi a responsável pela sistematização da modalidade, consolidando uma tradição inventada sobre este tema.

Diante disto, surgiu uma questão central: como se deu o processo de institucionalização do Jiu-Jitsu Brasileiro? Entendemos que o processo de organização institucional da modalidade pode ser compreendido como o marco que nos permite conhecer como a prática já se consolidou nos moldes que conhecemos, com regras universais. Assim, a fundação da primeira federação foi tomada como marco de institucionalização e consolidação da modalidade e, portanto, um ponto central de análise deste estudo.

A primeira federação de Jiu-Jitsu Brasileiro da história foi a Federação de Jiu-Jitsu da Guanabara, reconhecida pela Confederação Nacional do Desporto em 15 de maio de 1968, na cidade do Rio de Janeiro. O contexto de fundação desta federação, de acordo com as fontes investigadas, sinaliza uma realidade diferente do que indica a história hegemônica.

Os jornais de época evidenciam uma modalidade plenamente consolidada na cidade do Rio de Janeiro durante esse período, com diversos sujeitos e academias organizadas pela cidade. A modalidade gozava de prestígio social, com espaços voltados para a prática instalados em regiões privilegiadas da cidade. A modalidade e os lutadores relacionados a ela ocupavam recorrentemente espaços nos jornais, com matérias que tratavam sobre resultados e ações esportivas, mas também se fazia presentes nas colunas sociais de época.

Neste contexto, a família Gracie era um nome bastante conhecido e prestigiado na cidade, sendo associado a clubes sociais de elite, empresários e políticos, o que nos permite interpretar que, efetivamente, eram referências da modalidade na época. No entanto, não eram os únicos. Alguns nomes eram recorrentes nas matérias da época: Hélcio Leal Neto, Orlando Barradas, Osvaldo Fadda, João Carlos Athayde, Tony de Pádua, Barreto Mangueti, Almir Ribeiro e João Alberto.

Sobre o processo de fundação da federação, os jornais de época sinalizam que foi um movimento de disputa na cidade, especialmente com as federações de Judô e Pugilismo que abrigavam os eventos de Jiu-Jitsu Brasileiro. Havia uma intenção de manter o Jiu-Jitsu sem uma federação própria para que a modalidade se mantivesse sob a tutela do Judô e do Pugilismo.

Diante deste cenário, o Jiu-Jitsu Brasileiro se colocou na disputa e venceu, alcançou a legalização da sua primeira federação. Nesse período o Brasil vivia sob o regime da ditadura militar, onde o próprio presidente da Confederação Nacional do Desporto era um general do exército. Há indícios de que os lutadores envolvidos na disputa da fundação possuíam boa relação com o regime vigente. O próprio general, presidente da federação, afirma em matéria que via com bons olhos a prática da modalidade na cidade.

Vale destacar que o processo de organização do campo que possibilitou a fundação da primeira federação, também colocou outras metas no horizonte, como a fundação de federações da modalidade em outros estados brasileiros. Havia também a intenção de que esse movimento pudesse resultar na fundação de uma Confederação para que pudesse organizar a modalidade em nível nacional.

Esse processo permitiu que a modalidade tomasse corpo institucional e se organizasse em federações em outros estados brasileiros, como a Bahia. Em Salvador, primeira capital do Brasil e cidade investigada nesse estudo, a fundação da primeira federação da modalidade no estado só foi possível quase 30 anos depois, em 1996, e foi um processo bem diferente da cidade do Rio de Janeiro.

Conforme apontam as fontes investigadas nessa pesquisa, a cidade de Salvador teve contatos anteriores difusos com o Jiu-Jitsu Brasileiro. Há vestígios de que houve, na década de 1970, iniciativas nesse sentido, mas que não tiveram continuidade. Foi em 1987, com a chegada de Charles Gracie na cidade, que se iniciaram os movimentos de formação e consolidação da modalidade. As primeiras turmas formadas por Charles aconteceram no Clube Bahiano de Tênis, no bairro da Barra, e na academia Triathlon, no bairro da Graça. Podemos dizer que as primeiras experiências com a modalidade se deram em regiões privilegiadas da cidade.

A cidade de Salvador vivia um cenário histórico diferente do momento em que o Jiu-Jitsu se institucionalizou no Rio de Janeiro. Na década de 1990 o Brasil já tinha passado pelo seu processo de redemocratização, embora ainda estivesse governado pelo grupo de Antônio Carlos Magalhães, político brasileiro que se consolidou como dirigente político baiano durante a ditadura militar. Enquanto o Rio na década de 1960 era a cidade espelho do Brasil e capital federal, Salvador dos

anos 1990 era uma referência nacional e mundial pela sua produção cultural, em específico o estilo musical Axé.

Salvador tinha um cenário de lutas consolidado, sendo bastante conhecida principalmente pela Capoeira, mas foi o Judô, prática também organizada na época, que teve importância especial para o Jiu-Jitsu baiano. É possível afirmar que o Judô baiano acolheu o Jiu-Jitsu. Enquanto no Rio de Janeiro essa relação se deu a partir de uma disputa, em Salvador houve acolhimento.

Analisando as fontes investigadas nesta pesquisa, é possível afirmar que Charles Gracie se associou a tradicionais mestres de Judô locais para a fundação da Federação Baiana de Jiu-Jitsu, a primeira de todo o estado. Quando isso aconteceu, a cidade já conhecia o Jiu-Jitsu Brasileiro e havia demanda pela prática.

O Jiu-Jitsu Brasileiro já era presente nas mídias, principalmente a partir das suas participações no Vale Tudo. Neste período, aconteceu também a primeira edição do UFC que teve um papel importante na promoção da modalidade a nível mundial. A cidade teve o seu primeiro campeonato da modalidade em 16 de novembro de 1996, em um dos shoppings de maior circulação da cidade. Essa competição contou com a articulação e com a estrutura da Federação Baiana de Judô, na figura de um dos seus membros.

A Copa Fala Garoto de Jiu-Jitsu foi um marco para a modalidade na capital baiana, levando grande visibilidade à prática e aos seus atletas e professores. Houve uma migração de professores de Judô para o Jiu-Jitsu Brasileiro. Estes perceberam que havia um mercado promissor para a modalidade, o que os incentivou a se dedicarem a esta prática.

É possível afirmar, a partir dos relatos dos sujeitos investigados nesta pesquisa, que o Jiu-Jitsu Brasileiro, apesar de ainda não ter a sua prática consolidada na cidade de Salvador, não era uma modalidade estranha para os mestres de locais. O Judô praticado por estes mestres possuía semelhanças gestuais com o Jiu-Jitsu Brasileiro, fato que certamente facilitou este intercâmbio.

A fundação das federações, nas duas cidades, foi mais do que uma consequência formal e burocrática de uma modalidade esportiva que buscava se

afirmar e encontrar o seu espaço. Foi mesmo consequência de uma demanda existente no campo e da articulação e organização dos sujeitos envolvidos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Adriano. **UFC 20 anos: como nasceu o evento que revolucionou as artes marciais.** O Globo. Rio de Janeiro, 12 de nov. 2013. Combate. Disponível em: <<http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2013/11/ufc-20-anos-como-nasceu-o-evento-que-revolucionou-artes-marciais.html>>. Acesso em: 25 de out. 2022.

ALMEIDA, Douglas Magalhães. **Importância das Invasões Mongóis ao Japão do Séc. XIII na Construção do Guerreiro Samurai.** Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh – Rio: Saberes e práticas científicas (2014).

BIZZAR, Kauê. **A história do jiu-jitsu brasileiro: do jujutsu ao jiu-jítsu.** Rio de Janeiro: Autobiografia, 2017.

BONI, Valdete e QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **Como se pode ser desportista?** In: BOURDIEU, P. Questões de sociologia. Trad. Miguel Serras Pereira. Marco Zero Limitada, 1983.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: educação física.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Corrida e artes marciais crescem entre os brasileiros.** Disponível em: <<http://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/45003-corrída-e-artes-marciais-crescem-entre-os-brasileiros>>. Acesso em: 06 de set. 2019.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ. **História do Judô.** Disponível em: <http://www.cbj.com.br/historia_do_judo/>. Acesso em: 8 set. 2021.

CORREIA, Walter. e FRANCHINI, Emerson. **Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate.** Motriz, Rio Claro, v.16, n. 1, p. 1-9, jan./mar. 2010.

CORREIO DA BAHIA. **Federação promove copa em shopping.** 15 de novembro de 1996.

Entrevista concedida por CARVALHO, Ricardo. [mar. 2019]. Entrevistador: Luan Alves Machado. Salvador, 2019.

Entrevista concedida por COSTA, Jorge Sobreira Gomes da. [abr. 2019].
Entrevistador: Luan Alves Machado. Salvador, 2019.

Entrevista concedida por GRACIE, Charles. [nov.2020]. Entrevistador: Luan Alves Machado. Salvador, 2020.

Entrevista concedida por SOUZA, Luiz Augusto Barbosa de. [mai. 2015].
Entrevistador: Luan Alves Machado. Salvador, 2015.

FILHO, Ubaldo M. P. **Waldemar Santana**. 2006. Disponível em:<<http://www.ubaldomarquesportofilho.com.br/paginas.aspx?id=394&tipo=2>>. Acesso em: 8 de set. 2021.

FUZII, Estela Okabayaski. Uma Síntese da Influência da Cultura Lusíada no Japão. **Signum: Estudos da Linguagem**, v. 7, n. 2, p. 13-25, 2004.

GONÇALVES, Arisson V. L. e SILVA, Méri R. S. Artes Marciais e Lutas: uma análise da produção de saberes no campo discursivo da Educação Física brasileira. **Revista Brasileira de Ciências de Esporte**, Porto Alegre, v. 35, n. 3, 2013.

GONÇALVES, Ricardo Mário. A mais antiga lei escrita do Japão: a “ordenação dos dezessete artigos” do príncipe regente Shôtoku. **Estudos Japoneses**, v. 1, p. 53-60, 1979.

GRACIEMAG: A REVISTA TRADICIONAL DO JIU-JITSU DESDE 1994. **A história do Jiu-Jitsu**. Disponível em:<<http://www.graciemag.com/pt/historia-do-jiu-jitsu/>>. Acesso em: 08 de abr. 2022.

GRACIEMAG: A REVISTA TRADICIONAL DO JIU-JITSU DESDE 1994. **Quantas pessoas praticam Jiu-Jitsu e esportes de luta no Brasil? Pesquisa dá estimativa**. Disponível em:< <https://www.graciemag.com/2019/04/15/quantas-pessoas-praticam-jiu-jitsu-e-esportes-de-luta-no-brasil-pesquisa-da-estimativa/>>. Acesso em: 8 de set. 2021.

GRACIE, Reila. **Carlos Gracie**: o criador de uma dinastia. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

Hipismo Brasil no Túnel do Tempo: estreia do Salto em Jogos Olímpicos. Confederação Brasileira de Hipismo, 2020. Disponível em:<<http://cbh.org.br/index.php/noticias-geral/8816-hipismo-brasil-no-tunel-do-tempo-estreia-do-salto-em-jogos-ol%C3%ADmpicos>>. Acesso em: 25 de out. 2022.

HISTÓRIA DO GRUPO MITSUBISHI. **Mitsubishi Eletric**. Disponível em: <https://emea.mitsubishielectric.com/pt/about/global/history/overview/group_history/index.html>. Acesso em 30 de mai. 2022.

HISTÓRIA DO JUDO Jigoro Kano (I-VIII). **Judo Magazine**, 2020. Disponível em: <<https://judomagazine.pt/2020/11/16/historia-do-judo-jigoro-kano-i-viii/>>. Acesso em: 10 de abr. 2022.

KODOKAN JUDO INSTITUTE. **History of Kodokan Judo**. Disponível em: <<http://kodokanjudoinstitutione.org/en/doctrine/history/>>. Acesso em: 29 de mai. 2022.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

JUDÔ BAHIA. Perfil: Cirão. **Revista Oficial da Federação Baiana de Judô**. n. 2, p. 16-18, fev. 2017. Disponível em: <https://issuu.com/febaju/docs/revista_febaju_ii_edicao_21_fev_p>. Acesso em: 8 set. 2021.

KANO, Jigoro. **Energia mental e física: escritos do fundador do judô**. Tradução Wagner Bull. São Paulo: Pensamento, 2008.

KANO, Jigoro. **Judô Kodokan**. Tradução Wagner Bull. São Paulo: Cultrix, 2008.

KODOKAN HALL OF FAME. **Kodokan Judo Institute**. Disponível em: <<http://kodokanjudoinstitutione.org/en/doctrine/palace/>>. Acesso em 2 de jun. 2022.

KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 134-146, 1992.

LAZZAROTTI FILHO, Ari et al. Os termos práticos corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 11-29, jan./mar. 2010.

LEME, Mônica. “Segure o Tchan!”: identidade na “áxe-music” dos anos 80 e 90. **Cadernos do Colóquio**, v. 4, n. 1, 2001.

LISE, Riqueldi S. e CAPRARO, André M. Primórdios do jiu-jitsu e dos confrontos intermodalidades no Brasil: contestando uma memória consolidada. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Porto Alegre, v. 40. n. 3, Jul/Set, 2018.

MAÇANEIRO, Gustavo Goulart Braga. **Do Judô ao Gracie Jiu-Jitsu**: A influência do judô Kodokan na idealização e no desenvolvimento do Jiu-Jitsu brasileiro. TCC (Graduação em Educação Física) – Centro de Desporto, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2012.

MAZZONI, Alexandre V.; OLIVEIRA JUNIOR, Jorge Luiz de. **Lutas**: da pré-história à pós-modernidade. São Paulo: GEPEF – USP, 2011.

MELO, Victor Andrade de. **CidadeSportiva**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: FAPERJ, 2001.

MELO, Victor Andrade de. Por uma história comparada do esporte: possibilidades, potencialidades e limites. **Movimento**, Rio Grande do Sul, v. 13, n. 3, p. 11-41, 2007.

MELO, Victor Andrade de. Por uma história do conceito esporte: diálogos com Reinhart Koselleck. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 32, p. 41-57, 2010.

MOTTA, Marly Silva da. **O Rio de Janeiro continua sendo?**. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6775/1160.pdf>>. Acesso em: 25 de out. 2022.

NATHANY, Morgana. **Senado celebra 111 anos da imigração japonesa no Brasil**. Senado Federal, 2019. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/07/04/senado-celebra-111-anos-da-imigracao-japonesa-no-brasil>>. Acesso em: 5 de jun. 2022.

NATIONAL DIET LIBRARY. **O Invencível Conde Koma que desafiou a luta contra a Amazônia**. Japan. Disponível em: <<https://www.ndl.go.jp/brasil/pt/column/kodekoma.html>>. Acesso em: 2 de jun. 2022.

NATIONAL DIET LIBRARY. **O KASATO-MARU**. Japan. Disponível em: <<https://www.ndl.go.jp/brasil/pt/column/kasatomaru.html>>. Acesso em: 30 de mai. 2022.

NUNES, Alexandre Velly e RUBIO, Kátia. **The Japanese immigration influence on the formation and development of Brazilian judô**. International Journal of Sport Studies. Vol. 3 (10), 1087-1094, 2013.

O GLOBO. **ATHAYDE, EM DEFESA DE UMA FEDERAÇÃO: “Só Queremos Provar Que o Jiu-Jitsu Não Está Ultrapassado Como Afirmam”**. 10 de Fevereiro de 1968, p.03.

O GLOBO. **Decidiu o CND: Reconhecidos Inteiramente os Direitos do Jiu-Jitsu**. 16 de Maio de 1968, p. 22.

O GLOBO. **FINALMENTE, DEPOIS DE AMANHÃ: No CND a Decisão Sôbre o Destino do Jiu-Jitsu**. 13 de Maio de 1968, p. 24.

O GLOBO. **Jiu-Jitsu: Empate Nas Cinco Lutas**. 01 de Fevereiro de 1960, p. 05.

O GLOBO. **No Brasil e no Japão de hoje não há diferenças entre Judô e Jiu-Jitsu**. 06 de Fevereiro de 1960, p. 03.

O GLOBO. **NOVOS CLUBES DESCOBREM PARA OS CARIOCAS O QUE DE MAIS BELO OFERECE O RIO, DIZ HÉLIO GRACIE**. 13 de Outubro de 1961, p. 04.

O GLOBO. **Sonha o jiu-jitsu com a confederação**. 12 de Outubro de 1968, p. 17.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. **Um Apanhado Teórico-Conceitual Sobre a Pesquisa Qualitativa**: tipos, técnicas e características. Paraná: Travessias, 4. ed. 2009.

PINSKY, Carla Bassanezi, et al. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

PRETI D. (org). **O discurso oral culto**. 2ª. ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, (Projetos Paralelos. V.2), 1999.

ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira da. **Esporte e Modernidade no Rio de Janeiro e Salvador: Um estudo comparado**. **PODIUM: Sport, Leisure and Tourism Review**, São Paulo, v. 2, n.1, p.99-116, jan./jun. 2013.

SOARES JUNIOR, Eubre Pessoa. **O mito do primeiro imperador do Japão: Jimmu Tennō (660 – 585 a.C.)**. **Revista Mythos**, ano IV, n. 1, p. 88-100, 2020.

TALLON, Miguel Depes. História do Japão. **Dimensões**, n. 3, 1992.

THEML, Neyde; BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. História comparada: olhares plurais. **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, v. 1, nº. 1, p. 1-23, 2007.

VIRGÍLIO, Stanlei. **Conde Koma: O Invencível Yondan da História**. 2. ed. Campinas, SP: Editora Átomo, 2017.

APÊNDICE A – Transcrição das Entrevistas⁴²

Entrevista 1 –

Entrevistado: Charles Gracie

Data: 16/11/2020

Local: Remoto

Entrevistador: Luan Alves Machado

Entrevistador: pronto... começamos aqui com o mestre Charles Gracie.

Oh mestre seu nome aparece o tempo todo... há muito tempo que eu venho tentando de alguma forma conseguir o seu contato para poder conversar um pouco sobre a história do Jiu-jitsu em Salvador

Entrevistado: certo

Entrevistador: antes queria falar um pouco sobre mim para o senhor entender um pouco onde esta pesquisa se encaixa... eu sou faixa preta recém-graduado faixa preta de jiu-jitsu... recebi minha faixa no início ano... já treino jiu-jitsu desde 2005... e assim... uma paixão de vida... como para todo mundo praticamente que prática né? é apaixonante é bom demais (...)

Entrevistado: éh... pra quem já treina esse tempo todo... é porque esse estilo já virou uma paixão mesmo um estilo de vida.

Entrevistador: Sim... um estilo de vida... eu amo pra caramba gosto muito... e aí o que acontece? eu tive muitas dúvidas em relação à história da nossa modalidade né? a gente conhece um pouco da história no âmbito nacional que está extremamente colocado na mídia... pelo Hélio... tem o canal combate que está sempre colocando alguma coisa mas eu queria entender mais... entender como isso chega em Salvador né? a gente sabe que a família Gracie foi fundamental... eu inclusive compreendo e coloco nas minhas pesquisas que o Jiu-Jitsu Brasileiro ele é resultado daquilo que vocês formataram... óbvio que as lutas agarradas elas sempre existiram na história da humanidade(...)

⁴² Todas as transcrições foram feitas seguindo as normas de Dino Preti (1999).

Entrevistado: é sim

Entrevistador: a humanidade só existe por causa das lutas agarradas... mas o Jiu-jitsu Brasileiro nesse conjunto de regras que ele existe nessa organização com essa federação da maneira que ele está formatado hoje ele é um produto sim da família Gracie... e não só um produto da família Gracie como foi um produto fundamental pra poder vender a imagem do Brasil... como o próprio nome Jiu-jitsu Brasileiro(...)

Entrevistado: correto

Entrevistador: eu vejo que o senhor mora nos Estados Unidos... Já tentei entrar em contato com o senhor pelo facebook... e não só o senhor como várias pessoas da sua família que fizeram “supersucesso” no exterior e assim... é importante salientar que o Jiu-jitsu Brasileiro ele tem essa importância

Entrevistado: lógico

Entrevistador: e aí eu sempre tive essa dúvida né? aonde é que isso entra na cidade de Salvador? e aí eu fazia um curso de Ciências Sociais lá na UFBA... eu cursei até o sexto semestre... eu resolvi jogar tudo pra cima e entrei na faculdade de Educação Física também lá pela universidade... fiz o ENEM de novo e entrei

Entrevistado: joia

Entrevistador: e aí já no meu trabalho de conclusão de curso... eu já investiguei um pouco coletei um pouco desses dados... fui atrás de jornal de época... apesar de que é tudo muito pulverizado a gente não consegue muita coisa embora o seu nome seja uma coisa que sempre grita... “não não... Charles Gracie primeiro presidente da Federação da Bahia... Charles Gracie... Charles Gracie”... falei... preciso conversar com mestre Charles... eu queria ouvir essa história de perto entende? aí agora eu tive a oportunidade de ingressar no programa de mestrado da universidade... eu me formei e passei na pós-graduação assim que eu me formei(...)

Entrevistado: parabéns

Entrevistador: oh obrigado

(...) com o objetivo de investigar a história do Jiu-jitsu Brasileiro em Salvador em comparação com a construção da história no Rio de Janeiro... e aí tenho aqui

que lhe agradecer profundamente... profundamente pela sua disposição... pela sua ajuda nesse processo porque sinceramente eu acho que a minha pesquisa não teria uma qualidade... que eu ficaria satisfeito sem ouvir você... a pessoa que é um legítimo aí... da família Gracie que veio pra Salvador e que pelo que... tudo que eu venho conseguindo coletar foi um dos principais responsáveis pra que isso se consolidasse na cidade né?

Entrevistador: isso... a realidade... primeiro eu queria te agradecer a oportunidade né? de poder divulgar um pouquinho da história da Bahia em Salvador principalmente... e nessa transição quando eu fui pra Bahia... e te parabenizar também porque as pessoas que são estudiosas com relação ao jiu-jitsu... é uma arte marcial que tem muitas histórias que tem muitas... divergências(...)

Entrevistador: SIM

Entrevistado: as pessoas às vezes quando elas citam a própria história do jiu-jitsu... ou da própria família Gracie né eu cito sempre como exemplo... éh... a gente hoje voa nesses aviões supersônicos nesses monstros que carregam quatrocentas... quietas... seiscentas pessoas... só que você não pode deixar de agradecer ao Santos Dumont né? que foi realmente quem começou lá atrás... e não fazer como os americanos que esconderam o Santos Dumont embaixo de uma pedra e dizem que foi dois irmãos americanos que inventaram o avião... todo mundo tem a sua contribuição na história né? é a mesma coisa do telefone celular... quem diria que hoje... lógico que na sua geração... você já nasceu aí com o celular correto né?

Entrevistador: sim

Entrevistado: eu só vim ter celular... só vim ter o meu primeiro celular em Salvador né? por volta de noventa e quatro... cinco(...)

Entrevistador: (...)eu fico impressionado... desculpa interromper mas eu fico impressionado como vocês desenvolveram e conseguiram divulgar informação do que é o jiu-jitsu... numa época que não tinha YouTube... cara.. é uma coisa muito doida isso né?

Entrevistado: então... tudo isso foi feito através de muito esforço... muita luta... muita dedicação... entendeu?

Entrevistador: eu não tenho dúvida disso

Entrevistado: que tem muita gente hoje que... você sabe disso... que as pessoas falam “ah.. eu tenho o jiu-jitsu como uma paixão... eu tenho jiu-jitsu como”... as pessoas que realmente amam o jiu-jitsu... elas têm que reconhecer a história do jeito que ela é né? então... isso indo lá atrás... quando meu avô aprendeu o jiu-jitsu japonês... através do Conde Koma... que foi o meu bisavô que, através do conhecimento dele... conseguiu que o campeão japonês que foi para(...)

Entrevistador: Gastão Gracie?

Entrevistado: Isso... ele resolveu... deu oportunidade de ensinar ao meu avô né? uma forma de agradecimento por tudo que meu bisavô fez pra ajudar essa colônia japonesa ir pro Brasil

Entrevistador: sim

Entrevistado: lógico que houveram muitas... eu não era nascido... essa é a história que vem... éh... dos meus avós... dos meus bisavós () que só realmente quem viveu a história ou cada tempo da história... é que pode realmente contar né?

Entrevistador: com certeza

Entrevistado: então... ele aprendeu o jiu-jitsu... ele era uma pessoa muito franzina né? e... como hoje você vê que toda filosofia do esporte né? éh... que meu avô inclusive falava pra gente... era que o quê? as pessoas mais fracas pudessem vencer as pessoas mais fortes para se defenderem na rua... então essa foi a... a::: filosofia de que meu avô trocou muitas técnicas... aperfeiçoou muitas técnicas... elas vêm sendo aperfeiçoadas até hoje (...)

Entrevistador: claro... sem dúvida

Entrevistado: né? éh::: então(...)

Entrevistador: mas ela só tá sendo aperfeiçoada hoje porque alguém lá atrás fez o esforço de fazer isso acontecer né? de expandir(...)

Entrevistado: exatamente

Entrevistador: de criar esse produto... não sei posso chamar dessa forma... se isso é pejorativo... mas entendo o jiu-jistu enquanto um produto... um produto brasileiro(...)

Entrevistado: é lógico... tanto é que... você vê... sem youtube... em facebook... sem instagram... celular... internet... essas coisas todas... o jiu-jitsu ficou muito conhecido... quando cheguei na Bahia em oitenta e seis... muita gente... mas muita gente falava ainda(...)

Entrevistador: oitenta e seis?

Entrevistado: oitenta e seis

Entrevistador: desculpa te interromper mestre

Entrevistado: (...) nada... em oitenta e seis muita gente falava pra::: ... pra mim... aquelas pessoas que chegavam pra(...)

Entrevistador: você veio direto pra Salvador mestre?

Entrevistado: fui direto pra Salvador... eu vou te contar como foi a minha transição pra... do Rio pra Salvador... então muita gente fala o que? da história... da luta do Helio Gracie contra o Waldemar Santana(...)

Entrevistador: (...) Waldemar Santana

Entrevistado: né? ahn... se eu não me engano foi no balbininho

Entrevistador: isso(...)

Entrevistado: foi isso

Entrevistador: (...) que não existe mais

Entrevistado: então... èh::: ... começou desde aquela época... cê vê que no Brasil inteiro né? através de rádio que não tinha televisão... essas coisas todas... então o jiu-jitsu foi crescendo... ele resolveu então ensinar pros outros quatro irmãos né? e::: até hoje é assim... então a nossa filosofia da família Gracie é que o jiu-jitsu... ela tem que ser olhada como um::: ... um tipo de arte marcial pra defesa pessoa... essa foi a filosofia do Carlos Gracie passada pros irmãos que foi passada pros seus sobrinhos e netos... então o que aconteceu? èh::: ... eu recebi minha faixa preta no comecinho de noventa e... de oitenta e cinco e... em mil novecentos e oitenta e seis eu fui a Salvador visitar quatro primos meus e a minha tia que moravam em Salvador... ali no::: Jardim Brasil né? então quando eu cheguei em Salvador... èh... época de verão(...)

Entrevistador: me permita uma dúvida mestre... só em relação a hierarquia da família... ahn... vocês só são permitidos a dar aula de jiu-jitsu sozinhos... assumir mesmo um ct... uma academia na faixa preta? porque assim eu vejo muito hoje em dia... muito faixa marrom dando aula.. faixa roxa... não desqualificando que eles deem aula... conheço muita gente boa que dá aula inclusive... muito dedicada... mas assim... eu queria entender como que a sua família tradicionalmente tratava isso... a questão da hierarquia das faixas... se você puder falar um pouco sobre isso...

Entrevistado: éh:: ... antigamente como não tinha muitos éh::

Entrevistador: muitas pessoas né?

Entrevistado: lugares... muitos professores pra darem aula né? essas coisas... geralmente nós só podíamos dar ou assumir uma academia quando faixa preta ou no mínimo... no mínimo faixa marrom mas sempre com supervisão...

Entrevistador: com preta

Entrevistado: (...) com mais graduado né? de um:: faixa preta da família essa coisas todas... eu cheguei a dar aula de faixa marrom né? éh:: ... num clube no Rio de Janeiro... na hebraica e... mas eu tinha a supervisão do meu tio né? quer dizer... eu não poderia graduar ninguém nem mesmo uma criação... éh:: ...

Entrevistador: quem era seu tio mestre?

Entrevistado: isso(...)

Entrevistador: qual tio que cê tá falando?

Entrevistado: (...) o... o Reilson

Entrevistador: Reilson...

Entrevistado: é... entendeu? Então... ahn:: (...)

Entrevistador: você recebeu a sua faixa preta do Reilson mestre?

Entrevistado: (...) recebi a faixa preta do Reilson... ahn:: ... inclusive o Reilson... tem o Reilson o Reison e o Relson... esses três nomes dão uma confusão danada

Entrevistador: sim... são parecidos né?

Entrevistado: é... as pessoas pensam as vezes que é o Relson ou é o Reison né? o meu tio Reison tinha duas academias... um no shopping center da Gávia e um em Ipanema... entendeu? E eu fui trabalhar lá com ele... e ele pow... um dos melhores Gracie em termos de defesa pessoal na época e eu tive a sorte de aprender todo curso de defesa pessoal éh:: com ele e lógico né? com as evoluções... enfim... então quando eu cheguei lá em Salvador em oitenta e seis... os meus primos tinham um grupo de amigos que:: conheciam um pouco do jiu-jitsu porque nesse grupo - - deixa só eu desligar o telefone aqui

Entrevistador: fica a vontade mestre... se quiser atender eu espero... na boa

Entrevistado: não... não... tudo bem... tem a secretária aqui... - - então o quê que acontece? tinha um grupo de cariocas... ahn:: e duas pessoas... nesse grupo... anh:: ... a maioria baianos queriam porque queriam aprender o jiu-jitsu né? e eu tava lá só de férias... e eu não queria me envolver com negócio de jiu-jitsu porque eu tava só de passagem né? porque antes teve meu tio... meu próprio tio Reison que teve na Bahia por alguns meses e ensinou a:: um grupo pequeno de pessoas lá

Entrevistador: Reison?

Entrevistado: Reison

Entrevistador: cê lembra quando ele veio aqui mestre?

Entrevistado: foi...

Entrevistador: cê lembra quando ele veio aqui? quando mais ou menos ele veio aqui?

Entrevistado: aí eu não sei... eu acho que é...

Entrevistador: mais ou menos...

Entrevistado: anos... ahn:: ...

Entrevistador: setenta?

Entrevistado: final de oitenta:: ... oitenta não, desculpa... começo de oitenta...

Entrevistador: final de setenta...

Entrevistado: é... começo de oitenta... mais ou menos que ele teve aí... então ahn:: ... esse grupo tinha alguns conhecidos anh::: ... no... no Yacht Clube da Bahia né? e... oh... no Yacht Clube não... desculpa... na::: ... no Clube Baiano de tênis...

Entrevistador: Baiano de Tênis... isso...

Entrevistado: é...

Entrevistador: e na Triathlon também... na Graça você deu aula... não foi?

Entrevistado: é... mais isso aí foi depois...

Entrevistador: foi depois

Entrevistado: (...) aí o que aconteceu? a gente abriu lá no Clube Baiano de Tênis né? no... começou com esse grupo e depois...

Entrevistador: mestre me permita mais uma vez lhe interromper... me desculpe

Entrevistado: não... não... pode interromper quando você quiser

Entrevistador: o Reison veio pra Salvador... essas coisas são muito importantes... essas pequenas informações... porque eu vou tentar também de alguma forma conseguir... achar mais informações porque isso é muito importante... a gente ter tido uma pessoa anterior...

Entrevistado: claro...

Entrevistador: o mestre Reison... ele teve aqui... você consegue ter informação de onde ele deu aula? foi em academia? dentro de um prédio? em casa?

Entrevistado: não... deu aula anh::: ... prum grupo de pessoa que na época era o dono da Alimba

Entrevistador: Alimba?

Entrevistado: é... Alimba... do Leite Alimba né?

Entrevistador: ah sim

Entrevistado: e ele aí... e essa pessoa... ele tinha o local né? onde o Reison dava esse::: ... essas aulas pra esse grupo... inclusive pro filho do dono da Alimba...

ele chegou a dar aula pro... pro próprio Juca Chaves... entendeu? aí quando o Juca Chaves morava aí na Bahia

Entrevistador: Juca Chaves né? pronto... já anotei aqui... pow que ótimo... aí você veio e começou a dar aula no (...)

Entrevistado: aí o quê que aconteceu? em oitenta e sei...

Entrevistador: (...) Baiano de Tênis...

Entrevistado: (...) oitenta e seis... oitenta e sete a gente começou com esse grupo lá no Bahiano de Tênis... e logo depois nós ampliamos lá pra academia da Triathlon na Graça, né? que era do falecido Rubão...

Entrevistador: sim

Entrevistado: eu dei aula nos dois lugares por alguns anos... e depois disso eu:: acabei indo pra Pituba, né? na academia de judô da Budokan e dei aula lá... ahn... de noventa e dois até::: noventa e sete... entendeu? e quando eu deixei a Triathlon... um ano... dois anos depois... o Guilherme Assad apareceu lá e resolveu se estabilizar também... estabelecer em Salvador né? e começou a dar aula na Triathlon

Entrevistador: só anotando aqui o que você tá falando pra não esquecer

Entrevistado: claro

Entrevistador: aí cê foi dar aula na Budokan... cê lembra mais ou menos quando você foi dar aula na Budokan mestre? mais ou menos... que num...

Entrevistado: eu não sei se foi em noventa e dois ou noventa e três

Entrevistador: ah... então você já tava dando aula há um bom tempo de jiu-jituso...

Entrevistado: já... já...

Entrevistador: lá no Baiano de Tênis e tal...

Entrevistado: já tava praticamente aí... dando aula desde oitenta e seis né? então:: ...

Entrevistador: porque assim mestre... éh:::

Entrevistado: e não tinha nenhuma... na época... é bom você.. você ter no histórico que não tinha na época nenhuma academia de jiu-jitsu aí da Bahia...

Entrevistador: éh... eu sei

Entrevistado: no estado inteiro...

Entrevistador: sim...

Entrevistado: tinha sim o pessoal do judô que treinava a parte de chão...

Entrevistador: sim

Entrevistado: que na realidade(...)

Entrevistador: é porque o judô antigo... ele é diferente né?

Entrevistado: (...) é... o que acontece... na realidade... que o judô tem a parte de chão né?

Entrevistador: sim

Entrevistado: mas não deixa de ser uma parte um pouco mais limitada... tanto...

Entrevistador: sim

Entrevistado: (...) que na academia de judô até hoje... não deixam o chão evoluir éh::: porque lógico... a técnica deles é em pé(...)

Entrevistador: é isso... eu venho:: ... eu venho estudando um pouco sobre essa:: ... sobre essa nossa raiz né? do Conde Koma - - você tá me ouvindo bem? tá tranquilo aí?

Entrevistado: tô

Entrevistador: massa

Entrevistado: cê tá me ouvindo?

Entrevistador: perfeito... tranquilamente... - - e o mestre Conde Koma... ele descende da academia do mestre Jigoro Kano... porque assim... essas... a construção das modalidades é um processo posterior... antigamente a galera lutava na porrada mesmo... era luta agarrada... mas os cara usava... enfim... implemento...

soco... etc... e aí com o surgimento das federações... a federação de judô... com todo respeito... mas transformou o judô nisso aí que é hoje... praticamente a galera nem treina mais chão... enfim ficou super limitado no que se refere a defesa pessoal né?

Entrevistado: é...

Entrevistador: aí querendo ou não... o jiu-jitsu manteve essa raiz... o que é bem legal assim

Entrevistado: éh... é a mesma coisa do jiu-jitsu né?

Entrevistador: sim

Entrevistado: a gente treina em pé né? mas não é como o pessoal do judô...

Entrevistador: sim... claro

Entrevistado: porque o jiu-jitsu... noventa por cento... setenta por cento... oitenta por cento...

Entrevistador: é chão

Entrevistado: (...) na academia é chão...

Entrevistador: claro

Entrevistado: né? então:: éh:: ... o que acontece é que na época... quando eu cheguei né? até os anos noventa... começo de noventa não tinha nenhum praticante de jiu-jitsu éh:: do judô entendeu? então o que a gente fez éh:: ... eu levei algumas pessoas... como a gente não tinha campeonato de jiu-jitsu... eu levei algumas pessoas... alguns atletas nossos pra participar de um campeonato de judô... daí eles teve um pouquinho de experiência pra saber o quê que era o jiu-jitsu... porque o treino de jiu-jitsu...

Entrevistador: [competição né?

Entrevistado: exatamente... e nós fomos muito bem recebidos entendeu? inclusive quem abriu as portas pra gente pra isso foi o professor Yoshida no Yacht Clube da Bahia

Entrevistador: mestre Kazuo Yoshida?

Entrevistado: isso... eu fui apresentado a ele... uma pessoa muito simpática muito humilde... entendeu? éh... com um experiência de vida muito grande... tenho um respeito muito grande por ele... e ele conseguiu...

Entrevistador: (...) não é só o senhor não... todo mundo fala muito bem dele enquanto ser humano... enquanto pessoa...

Entrevistado: isso

Entrevistador: que ele era japonês... era pescador e veio pra cá e tal... e aí...

Entrevistado: [isso

Entrevistador: começou a dar aula de lutas aqui... mestre Kasu já tive...

Entrevistado: [isso... então

Entrevistador: (...) ele dava aula - - desculpa mestre... ele dava aula no:: lá no:: ... cê falou Yacht Clube? Kasu Yoshida?

Entrevistado: não... não... eu não... falei Yacht Clube por cauda do Yoshida...

Entrevistador: não... Yoshida dava aula no Yacht Clube?

Entrevistado: isso... ele dava aula no Yacht Clube... de judô lá...

Entrevistador: [cê consegue lembrar mais ou menos o período? mais ou menos... que ele dava aula lá no Yacht Clube?

Entrevistado: eu acho que foi em oitenta e oito que... que.. que eu fui lá com... que eu o conheci né?

Entrevistador: [perfeito

Entrevistado: e inclusive éh:: fomos muito bem recebidos pelo pessoal do judô

Entrevistador: [sim

Entrevistado: pela federação de judô

Entrevistador: [eu peço licença pra falar uma coisa... eu entrevistei o mestre... sensei éh:: Jorge Sobreira que ele é diretor técnico da federação de judô... e ele falou muito bem de você

Entrevistado: [Jorge Sobreira

Entrevistador: falou muito bem de você

Entrevistado: queria saber o sobrenome dele... é o Sobreira... é isso

Entrevistador: [Sobreira

Entrevistado: é - - quando a gente fez os campeonatos... quando a gente começou a fazer os campeonatos de judô... a federação e Jorge Sobreira era quem dava o apoio... o tatame

Entrevistador: [massa

Entrevistado: pra organizar... foi a pessoa que me ajudou bastante aí e:: éh:: ... ele dava aula se eu não me engano... na... Clube de (Spartan)... uma escola em::: Amaralina se eu não me engano... ali perto daquele canal ali

Entrevistador: sim

Entrevistado: ele tinha o Clube (Spartan) de Judô... uma pessoa gente finíssima também entendeu? Jorge Sobreira... esse mesmo... e::: então quê que aconteceu? a gente aí:: éh... começou né? o jiu-jitsu a crescer um pouco mais... ahn:: a gente participou desse campeonato de judô... aí depois ahn... as pessoas foram começando a ver o quê que era o jiu-jitsu... mas foi um trabalho muito grande

Entrevistador: [sim... sem dúvida

Entrevistado: porque... muita gente não sabia o quê que era né? então não dava aquela atenção devida... e com a outra atividade que tinha no jiu-jitsu a gente ficava muito restrito... entendeu? mas o motivo pelo qual eu resolvi ficar em Salvador éh... porque eu fui pra lá pra visitar... não fui pra lá pra começar o jiu-jitsu... nada disso... o motivo que me levou a ficar em Salvador... é que eu fui tão bem recebido pelo povo baiano... eu gostei tanto de Salvador... da pessoas... do clima... uma série de coisas que eu resolvi me estabelecer lá... então eu fui pro Rio né? peguei minhas coisas... roupa... kimono... porque eu não tinha levado nada disso né? aí que resolvi mudar e fiquei por lá

Entrevistador: (...) mestre só um minutinho - - minha mãe resolveu furar a parede aqui na hora da sua entrevista... deixa eu falar com ela pra ela segurar um pouquinho aqui

Entrevistado: não tem problema pow... deixa ela ...

Entrevistador: pronto... minha mãe é artista

Entrevistado: [deixa ela

Entrevistador: ela tá sempre fazendo umas coisas... furando e tal... - - tá... vamos lá

Entrevistado: entendeu? então éh::: ... então foi isso... quer dizer... tive apoio das pessoas... tive apoio do... do... do...

Entrevistador: [da federação...

Entrevistado: das entidades aí entendeu? inclusive as academias de judô... que eles puxavam um pouco mais o treino... ahn::: também me receberam muito bem... me ajudaram... apoiaram lá pra poder montar a federação de jiu-jitsu porque precisava de um determinado número de agremiações

Entrevistador: [claro... claro

Entrevistado: que dizer... houve... houve uma união né? um consenso pra ajudar o jiu-jitsu a crescer aí... por essas pessoas que gostavam um pouco mais de explorar o chão no judô né?

Entrevistador: e também imagino né? não sei se eu to correto... não vivi na época... mas eu imagino assim... desde sempre o jiu-jitsu... essa marca... o peso do nome da Família Gracie né? ele é uma coisa que tem um peso no marketing muito grande... assim... o seu nome já nome já devia... não sei... até queria ouvir mais de você sobre isso... o seu nome devia se vender pra caramba né? no sentido de se dizer "pow... um Gracie e jiu-jitsu"... todo mundo queria treinar

Entrevistado: [é... o nome

Entrevistador: até o cara que seria do judô queria... pow... se aproximar disso... aprender... entender... enfim até pra ele dar aula um dia... sei lá... de jiu-jitsu... porque ele sabe que isso era mais bem visto pela população... todo mundo

queria conhecer esse jiu-jitsu Gracie que era imbatível... que arreventou todo mundo aí no vale tudo nacionalmente e tal... tem uma história de vitórias etc... não sei... é só uma impressão que eu tenho pelas coisas que eu venho estudando

Entrevistado: é... o nome... o nome... esse nome Gracie é muito forte

Entrevistador: [sim

Entrevistado: que na realidade você diz que não é um nome... é uma marca né?

Entrevistador: [é... uma marca

Entrevistado: é uma marca que representa muita vitória porque éh: todo esse esforço que começou lá atrás com meu avó né? e tá aí até hoje... lógico que o mundo do jiu-jitsu... das artes marciais... do vale tudo... essas coisas todas mudou muito... evoluiu muito... mas na época tinha que haver muito sacrifício né?

Entrevistador: sim

Entrevistado: porque você vê quantas pessoas hoje dependem do jiu-jitsu em termos financeiros?

Entrevistador: [vivem do jiu-jitsu

Entrevistado: trabalho... empresa... academia

Entrevistador: [meu professor vive de jiu-jitsu... vive bem

Entrevistador: [exatamente... roupa... material esportivo... árbitros... tudo... evento... tudo... então gera um... um... imagina isso há::: oitenta anos atrás...

Entrevistador: em dinheiro né?

Entrevistado: em vida... pra sobreviver né? Então éh... quer dizer... é uma paixão realmente... agora lógico que a gente tem.. anh:: ... o nome pode atrapalhar se você não fizer a coisa certa né?

Entrevistador: [claro... é uma responsabilidade muito grande

Entrevistado: exatamente... entendeu? e coisa... como você falou éh:: “esse nome”... “essa força no jiu-jitsu”... essas coisas todas trouxe muita gente das artes

marciais e do judô também... apesar desses onze anos que eu tive na Bahia... eu não tive nenhuma (...)

Entrevistador: [cê ficou aqui de oitenta e seis até noventa e sete?

Entrevistado: (...) foi até noventa e sete... eu me mudei pros Estados Unidos em setembro de mil novecentos e noventa e sete ... eu não tive nesses onze anos nenhum aluno né? que veio pra minha academia onde eu dava aula... faixa preta de judô pra querer treinar o jiu-jitsu... aprender o jiu-jitsu... aprender o chão né? ou evoluir mais as técnicas de chão... é o que a gente teve foi um certo intercâmbio... as vezes um ou outro vinha na academia dava...

Entrevistador: [fazer um treino

Entrevistado: que a gente tinha uma amizade... mas nada mais que isso entendeu?

Entrevistador: [claro

Entrevistado: então em onze anos que eu tive... desde oitenta e seis até mil novecentos e oitenta e sete... mil novecentos e noventa e sete... eu não tive nenhum aluno faixa preta de judô tá? então... éh::: a história do jiu-jitsu em termos de transição com o judô foi nada mais... nada menos que o mero treino... uma coisa desse tipo

Entrevistador: [sim

Entrevistado: ta?

Entrevistador: sim... sim...

Entrevistado: eu tive sim uma ou outra pessoa...

Entrevistador: [um apoio

Entrevistado: (...) do judô e que veio ser meu aluno... aí é diferente... mas nenhum deles do judô foram graduados por mim

Entrevistador: cê consegue lembrar de alguns desses alunos mestre? nomes deles? alguém? sabe se alguém ainda ta na cena... ainda luta... dá aula?

Entrevistado: rapaz... tem muita gente aí que éh:: que... agora... uma live que a gente fez aí com o Marcio... a gente unir mais uma rapaziada aí... mas teve uma rapaziada boa que é do meu tempo e que continua treinando... tem o próprio Luís Claudio Torres né? ele foi o primeiro faixa preta a ser graduado né? na Bahia em mil novecentos e noventa e oito tá? ele começou comigo faixa branca né? e:: ele recebeu a faixa preta do meu tio Reison em mil novecentos e noventa e oito... e teve outras pessoas... teve o Luís Augusto Barbosa que também chegou a faixa marrom comigo...

Entrevistador: mestre Rato

Entrevistado: isso... ele recebeu a faixa preta do meu tio Reison também... entendeu? mas ele

Entrevistador: [então o seu tio Reison... ele veio pra Salvador depois que você foi embora e ele continuou o trabalho aqui?

Entrevistado: é... é... o que aconteceu foi o seguinte... como eu tive essa oportunidade pra vim pros Estados Unidos... eu contactei com Reison porque eu não queria simplesmente fechar a academia e ir embora e largar pra lá um trabalho de onze anos... então o Reison seria a continuidade né? disso... desse trabalho

Entrevistador: [desse legado né?

Entrevistado: (...) e ele ficou aí por três anos... se eu não me engano por três anos... e nesse meio tempo quem foi praí pra auxiliar ele... foi o Mauricio Robbe né?

Entrevistador: tá aqui até hoje

Entrevistado: tá aí até hoje - - eu falei com ele outro dia - - ... entendeu? então...

Entrevistador: ele ficou em Salvador até os anos dois mil mais ou menos né?

Entrevistado: ele chegou em dois mil... ele chegou aí em dois mil... é um cara super-graduado... treina com:: ... treinava com meu tio Robbe... a gente treinava lá na Figueiredo Magalhães... então quer dizer... ele é um cara que tem muitos anos de estrada

Entrevistador: [sim

Entrevistado: e ele é muito bem situado nesse... nessa

Entrevistador: é ele é professor universitário aqui inclusive... o Mauricio Robbe

Entrevistado: isso... então quer dizer... a minha história em Salvador vai de oitenta e seis a noventa e sete né? e aí...

Entrevistador: meste... algumas dúvidas... me permita

Entrevistado: claro

Entrevistador: primeiro... o quê que te levou a vir pra Salvador? o quê que te fez dizer assim “eu quero morar em Salvador... cara”?

Entrevistado: éh... o que acontece é o seguinte... como eu te falei... eu tinha quatro primos aí que tinham se mudado pra Salvador e eu não via há muito tempo... e eu cresci junto com esse meu primo (Hiler)

Entrevistador: e eles treinavam... não?

Entrevistado: não... o Hiler treinava antes de se mudar né? ele treinava lá em Copacana com o Rolls... ali comigo e com todo mundo... a gente treinava juntos... quando eu... e ele se mudou muito cedo pra Salvador né? e um belo dia eu falei “vou lá visitar meu primo” né? e aí eu fui... porque o nome Salvador... o nome Bahia no Rio começou a crescer muito em termos de carnaval e essas coisas todas

Entrevistador: [foi a primeira capital né? e o Rio era segunda

Entrevistado: é... - - apesar de eu não ser de carnaval entendeu? mas foi aí que eu fui resolver passar lá um mês... falei pow... vou passar lá trinta dias... minhas férias da academia e acabei...

Entrevistador: [acabou ficando

Entrevistado: acabei ficando... falei “quer saber? eu vou ficar”... e aí acabei ficando...

Entrevistador: éh - - graças a você eu tô aqui hoje com minha faixa preta

Entrevistado: éh... eu só contribui né?

Entrevistador: [contribuiu muito

Entrevistado: você tem que fazer a sua parte

Entrevistador: não... sem dúvida... mas a gente precisa manter viva essa história... valorizar... queria mais uma vez (...)

Entrevistado: [é... talvez se eu não tivesse ido pra Salvador... outra pessoa iria né?

Entrevistador: sim

Entrevistado: mas o desafio é muito grande... você chegar num... imagina você chegar numa cidade do tamanho de Salvador ou estado da Bahia e não ter uma academia de jiu-jitsu... como é que você divulga? como é que você começa né?

Entrevistador: [começar do zero... né? cara

Entrevistado: é paixão... é... entendeu? é só com paixão que você consegue fazer um negócio desse entendeu?

Entrevistador: [como minha pesquisa... eu faço é uma paixão... cara... é uma coisa que eu tô fazendo...

Entrevistado: [exatamente... entendeu?

Entrevistador: então é graças a esse esforço... nosso... enfim... que o jiu-jitsu se tornou o que ele é hoje né? todo mundo contribuiu de alguma forma...

Entrevistado: [isso... exatamente... é por isso que... é por isso que sempre falo... o jiu-jitsu nada mais é... o sucesso do jiu-jitsu nada mais é do que a união de grupo de pessoas

Entrevistador: sim... perfeito

Entrevistado: porque ninguém faz nada sozinho... entendeu?

Entrevistador: sem dúvida... perfeito

Entrevistado: então - - o jiu-jitsu... quando eu cheguei aqui nos Estados Unidos em noventa e sete... o jiu-jitsu não era muito divulgado... tinha o UFC... as pessoas que gostavam de artes marciais... de vale tudo e tal... acompanhavam () ... era um sucesso... mas é::: não era ainda tão conhecido... e eu abri a academia

numa cidade que não tinha UMA academia de jiu-jitsu igual... nem na cidade e nem nas cidades ao redor... entendeu?

Entrevistador: qual foi a cidade... mestre?

Entrevistado: era um pouco afastado da cidade de São Francisco... entendeu? que é a cidade forte pra onde eu vim... no norte da Califórnia... mas hoje se você for ver... até hoje eu tenho a primeira... a minha primeira academia nos Estados Unidos... foi em David City... e eu tenho ela até hoje... eu abri ela em noventa e sete... logo quando eu cheguei aqui... eu abri logo

Entrevistador: caraca... eu tinha sete anos de idade

Entrevistado: e hoje... e hoje o que tem de academia de jiu-jitsu perto de onde eu tô... o quê que é isso? é o sinal de uma... de uma...

Entrevistador: [frutificou a árvore né? a árvore frutificou

Entrevistado: exatamente

Entrevistador: e não é só aí não... aqui em Salvador também... cara... vou te falar... você tem hoje em torno de quatro federações que tão... enfim... que tem suas histórias... que organizam campeonato... em tempos normais aqui é quase todo fim de semana evento... quinhentos... seiscentos... oitocentos atletas inscritos... muita gente de uma porrada de academia... treinando... vivendo do treino e amando o jiu-jitsu... enfim... - - o que você deixou aqui germinou que... eu não sei nem se você tem noção do quanto... é um trabalho que fica(...)

Entrevistado: [é... você quer ver um negócio? Imagina se essas quatro federações fosse uma só?

Entrevistador: [fossem uma só... é

Entrevistado: em vez de você ter quinhentos... oitocentos... mil atletas numa competição...

Entrevistador: [ia ter três mil cada uma

Entrevistado: três mil... quatro mil... e o jiu-jitsu só vence se você se juntar com alguém... quanto mais...

Entrevistador: [tem divergências econômicas... você sabe né?

Entrevistador: quanto mais praticantes... mais evolução do jiu-jitsu vai pra frente entendeu?

Entrevistador: me fala sobre a federação de jiu-jitsu mestre... porque assim... eu consegui encontrar na internet... um site... não sei nem se você reconhece esse site... mas deve ser um site oficial de vocês... se chama Gracie Seminars... acho que foi um site que vocês pensaram pra organizar seminários ao redor do mundo... ele tem um textinho assim... acho que de uns dois parágrafos falando um pouquinho sobre a sua história e aí bate certinho com algumas coisas que você tá me dizendo... tipo a data oitenta e seis cê chegou... oitenta e sete você começou a dar aula... e fala um pouco sobre a primeira federação de jiu-jitsu que foi fundada por você

Entrevistado: é... eu... eu

Entrevistador: [eu queria ouvir um pouquinho mais sobre isso

Entrevistado: o que eu fiz... éh... o que eu fiz foi o seguinte... quando a confederação brasileira de jiu-jitsu tava nascendo em noventa e quatro... e você éh:: ... pra oficializar mais o jiu-jitsu na Bahia e botar a Bahia num cenário nacional e internacional... eu resolvi montar essa academia... essa federação de jiu-jitsu... só que a federação de jiu-jitsu pra ser montada precisa por exemplo... umas três ou quatro agremiações né? pra elas serem a base de sustentação de uma federação... não posso abrir só com o meu nome... com a minha academia e esquece o resto pra lá... então eu tive a adesão de algumas academias de judô... que a gente se dava muito bem na época... com tem o Serrinha... como o próprio Ricardo Carvalho... como o Alex Cintra

Entrevistador: [sim...

Entrevistado: como o George e o Chico da Budokan... então a gente usou éh:: essas agremiações pra poder...

Entrevistador: [fundar a federação

Entrevistado: dar o passo inicial da federação... exatamente... tanto que tinha carteirinha na época... tinha estatuto... tinha uma série de coisas... só que pela dificuldade financeira na época né? de custo pra registrar

Entrevistador: [apoio ao esporte mesmo

Entrevistado: uma série... a gente foi deixando isso mais pra frente entendeu? e a minha intenção era em noventa e oito trazer um campeonato brasileiro pra Salvador... eu já tinha acertado com a confederação... tanto que o Reison seria essa ligação... que ele foi em noventa e seis éh:: a Salvador junto com meu pai pra assistir a Copa Fala Garoto que a gente organizou... e::

Entrevistador: noventa e seis?

Entrevistado: foi em noventa e seis... e isso - - é engraçado que tem pessoas que não acreditam... mas a administração do Shopping Barra éh:: ... eu procurei saber quantas pessoas eles tiveram... não lógico só para assistir o campeonato diretamente... mas pessoas que circularam no shopping pra compras e etc e olharam o campeonato... porque a gente fez o campeonato no Shopping Barra bem no centro do Shopping

Entrevistador: [e é o shopping até hoje... mais importante da cidade... mais bem localizado

Entrevistado: é... então de meio dia às cinco... cê olhava pra cima os três... quatro andares que tinham lá...

Entrevistador: [lotado

Entrevistado: lotado o dia todo... então... diz a administração do shopping que eu perguntei... que foram sessenta mil pessoa que circularam no shopping... entendeu? então eu tenho o que? sessenta mil pessoas olharam o quê que era o jiu-jitsu... entendeu?

Entrevistador: se interessaram... não só olharam... eles param pra assistir

Entrevistado: exatamente

Entrevistador: isso é ainda mais importante né?

Entrevistado: e a minha função ali... a minha visão ali era “poxa, esse é um palco excelente pra poder mostrar pro pessoal de Salvador o quê que é o jiu-jitsu”... porque mesmo em noventa e seis muita gente não sabia o quê que era... “aquela

luta agarrada"... "aquele negócio"... "aquele embola-embola" ... então foi muito trabalho que eu tive aí pra fazer o jiu-jitsu crescer

Entrevistador: nome desse campeonato foi Copa Fala Garoto... foi mestre?

Entrevistado: foi... Copa Fala Garoto... a gente teve aí na faixa...

Entrevistador: [Copa Fala Garoto de Jiu-jitsu

Entrevistado: naquela época a gente colocou quase quinhentos atletas... entendeu? pra competirem lá... porque já existia o pessoal do Guilherme Assadi... já existia o pessoal do (Manimal)... entendeu? tinha o pessoal do Yacht que:: era representado pelo Luiz Augusto Barbosa né? que também era do time Gracie... entendeu?

Entrevistador: sim

Entrevistado: então teve o pessoal do judô que colocou as pessoas para participarem... então foi muito banca... pow... foi um negócio... meu pai teve aí e o próprio Reison ficaram éh:: ...

Entrevistador: impressionados

Entrevistado: impressionados com a organização e com o volume de gente assistindo... e nós tínhamos só duas grades de tatames por isso que foi o dia todo... e foi o tatame da própria federação de judô... que... que o Jogre

Entrevistador: [Sobreira

Entrevistado: como é? esqueço sempre o nome...

Entrevistador: [SOBREIRA

Entrevistado: Sobreira... que ajudou... inclusive a gente tem fotos... eu tenho uma série de coisas...

Entrevistador: pow mestre... se você... se não for... obvio... muito trabalho pra você... algum momento que cê tiver na boa aí... cê tiver algum desses materiais... tiver umas fotos... puder mandar pra mim pelo instagram

Entrevistado: eu tiro as fotos dos jornais... tiro fotos do:::

Entrevistador: cê tem isso mestre?

Entrevistado: tenho tudo isso

Entrevistador: caramba

Entrevistado: tenho vários jornais da época que conta a história do jiu-jitsu... da federação... entendeu?

Entrevistador: que isso dá uma:: ... torna tão fidedigno a minha pesquisa... sabe mestre? só a sua fala... por si só já é uma coisa que tem um peso muito grande... mas eu pego a sua fala e coloco foto... coloco notícia de jornal... fica uma coisa tão poderosa em termos de pesquisa científica... sabe?

Entrevistado: é... - - então o que eu falo pras pessoas é o seguinte... éh:: porque aparece... aparece umas pessoa... “não porque em mil novecentos e setenta e pouco... mil novecentos e sessenta pouco... fulano... beltrano”... eu não tiro o merecimento de ninguém

Entrevistador: claro

Entrevistado: e eu não me intitulo... eu nunca me intitulei a pessoa que começou com o jiu-jitsu na Bahia... eu não... eu não...

Entrevistador: você começou com a organização do jiu-jitsu na Bahia

Entrevistado: é... eu não

Entrevistador: [mas antes de você outras pessoas treinaram

Entrevistado: é... exatamente

Entrevistador: [pelo menos eu vejo dessa forma

Entrevistador: porque “ah... mas levou o jiu-jitsu pra Bahia... não sei o que”... a realidade é o seguinte... pessoas treinaram... pessoas lutaram - - por exemplo o meu tio (Rolls)... éh:: lá pelos anos setenta ele teve em Salvador né? num carnaval e foi num baile de carnaval no Yacht Clube que ele saiu na porrada com umas três ou quatro pessoas... e só pararam ele aí quando deram uma garrafada nele pelas costas... na cabeça... entendeu? - - então quer dizer... ele treinou... chegou aí... passou na bahia... ele... tiveram pessoas que passaram aí

Entrevistador: sim

Entrevistado: mas estabele CER

Entrevistador: é isso... organizar

Entrevistado: [criar o vínculo... alugar um espaço

Entrevistador: [montar federação

Entrevistado: [dar aula... ter alunos... graduar... eu não conheço ninguém na história disso... entendeu?

Entrevistador: perfeito

Entrevistado: então eu acho que eu faço parte dessa história e foram aí onze anos de trabalho

Entrevistador: [com certeza você faz parte

Entrevistado: [é... entendeu?

Entrevistador: [com certeza

Entrevistado: então se eu não tivesse ido... isso que eu falo... talvez em cinco anos... seis anos... oito anos... dez anos... com certeza o jiu-jitsu chegaria éh:::

Entrevistador: [sim

Entrevistado: (...) aí no estado da Bahia... entendeu? só que eu antecipei... oficializei... criei os campeonatos e a federação né? e pessoas podem não... querer converter a história... dizer que é ou que não é... mas é aquela coisa... eu não preciso provar nada pra ninguém... entendeu?

Entrevistador: [claro... claro

Entrevistado: é o que eu falo sempre... eu não preciso querer me infiltrar na história... como você falou no começo... só com o sobrenome que eu tenho eu já nasci história do jiu-jitsu

Entrevistador: [sem dúvidas

Entrevistado: eu faço PARTE da história do jiu-jitsu... mesmo que eu não fizesse absolutamente nada... já se faz parte do jiu-jitsu... entendeu? da história... então éh:::

Entrevistador: [é o nome da aristocracia do jiu-jitsu

Entrevistado: exatamente... então é que eu falei que aprendi com meu avô que era uma pessoa muito sábia - - uma vez a gente tava na sala lá da casa dele né? primo... prima... irmão... que a família é grande demais... e a gente conversando alguma coisa né? de... de união... de porrada e não sei o que... aí ele veio... a gente tinha na época aqueles joguinhos caça-varetas... não sei se é do teu tempo

Entrevistador: sim

Entrevistado: e... ele pegou o jogo assim... passou a mão e falou “não... vocês estão discutindo isso e isso... peraí”... e passou assim e falou “fulano... corta isso aí”... aí pegou a varetinha e PAH... “ah... pow... isso aí é moleza”... “aé? então corta três... quebra três aí”... aí PAH... quebrou três... “pow... ta vendo aí meu avô? eu quebro tudo mesmo”... aí ele pegou um monte... botou todas as varetinhas juntas e me entregou né? e falou “ agora Charles tenta quebrar aí”... aí eu agarrei e tentei e falei “pow meu avô... agora ta duro pra cacete”... aí ele falou “meu filho isso é o exemplo do quê que é o jiu-jitsu... a união... um sozinho(...)

Entrevistador: [quebra fácil

Entrevistado: (...) não adianta nada... dois ou três tudo bem... mas se vocês não se juntarem vocês nunca vão ser fortes” ... então não é porque eu tenho o nome Gracie que eu sou o poderoso... que eu sou posso andar sozinho e crescer no mundo... preciso de todo mundo...

Entrevistador: [claro... claro

Entrevistado: todo mundo precisa de todo mundo... - - então foi o que eu falei... imagina se as federações que tem hoje no Brasil inteiro

Entrevistador: fossem uma só

Entrevistado: fosse uma só... quantas confederações a gente tem no Brasil? várias...

Entrevistador: sim

Entrevistado: né? então é isso que eu digo... quer dizer... cada um cria uma história... quer fazer parte da história... quer vencer por “merocracia”... sem merecer e acaba dizendo... fazendo uma outra qualquer...

Entrevistador: mas até os surgimento disse é responsabilidade da família Gracie porque vocês criaram um produto tão poderoso... economicamente... mercadologicamente falando... que óbvio vai ter um monte de gente querendo se apropriar disso... querendo lucrar com isso... querendo se dar bem com isso... isso acontece na história de qualquer coisa... é inevitável

Entrevistado: [exatamente

Entrevistador: esse é nosso trabalho enquanto historiadores do esporte... fazer o registro fidedigno... científico disso que ocorre e publicar nos cadernos científicos ao redor do mundo... pra deixar isso registrado de uma forma menos questionável digamos... da forma menos questionável possível... e é isso... éh:: não adianta

Entrevistado: [e eu...

Entrevistador: vá... pode falar

Entrevistado: e eu... por exemplo tem outra coisa... eu nunca tive preocupação ou receio de uma concorrência né? a gente vê muito isso no jiu-jitsu que as pessoas quando tem uma academia que abre muito próximo... ah... fica com receio... fala mal da pessoa... entendeu? uma série de coisas... que derrubar... quer isso e aquilo outro... pro mim se tivesse uma rua como em Las Vegas né? como a Carlos Gomes... porrada de academia de jiu-jitsu numa rua só... eu ia ficar super contente... sabe por que? porque todo mundo que quer aprender jiu-jitsu ia pra aquela rua... e você teria os melhores com mais alunos... os piores com muito menos alunos né? e fortaleceria o jiu-jitsu porque faria com que os piores melhorassem... e fazer

Entrevistador: [ou então caíssem fora

Entrevistado: e ou sair fora... lógico... ou fazer com que os melhores melhorassem mais ainda... entendeu? então... éh:: - - foi o que eu te falei... quando eu abri minha academia em Salvador... eu não fiquei com medo de concorrência... eu não fiquei preocupado com o pessoal do judô... eu não fiquei preocupado com o

pessoal da capoeira... fui muito bem recebido e todas as academias que vinham chegando eu ia ajudando a se estabelecer...

Entrevistador: que massa mestre

Entrevistado: entende? Então aqui nos Estados Unidos eu tenho onde academias de jiu-jitsu ta? são doze academias filiadas... que dizer... são vinte e três academias no total ta? e do lado de cada uma delas tem várias academias de jiu-jitsu... e eu... nessas que são filiadas as minhas... eu falo sempre pra eles “não fica preocupado com quem abrir do teu lado” entendeu? “faz o teu trabalho”... e se a pessoa não for boa competentemente... ela vai fechar

Entrevistador: [com certeza

Entrevistado: ela vai embora... entendeu?

Entrevistador: com certeza

Entrevistado: e tem muita academia aqui perto das minhas academias que eu sou dono... cobrando cinquenta por cento da mensalidade do que eu cobro... cê tá entendendo? o problema não é o quanto você cobra é o que você dá em troca... o que você oferece aos seus alunos

Entrevistador: é o serviço né?

Entrevistado: entendeu?

Entrevistador: claro

Entrevistado: então tem gente que “ah... vou abrir do lado... vou pegar aluno”... não acontece nada disso... entendeu? inclusive com outras artes marciais né? as vezes o pessoal do karatê fica preocupado se a gente abre do lado... eu falo “gente... são dois clientes diferentes... são dois tipos de alunos diferentes”... a pessoa que faz o karatê não vai se encaixar no jiu-jitsu... o do jiu-jitsu não vai se encaixar no karatê e por aí vai... entendeu? então quer dizer...

Entrevistador: [não é concorrente... não é concorrente

Entrevistado: essa é a filosofia da gente... entendeu? então quer dizer... - - a história mais ou menos é essa aí né? minha na Bahia

Entrevistador: [mestre só uma...

Entrevistado: (...) ainda teve outros campeonatos que a gente fez... o Luis Augusto mesmo organizou um no Baiano de Tênis... entendeu? a gente fez um outro campeonato no Campomar que também foi muito bacana...

Entrevistador: você consegue lembrar das datas desses campeonatos... mestre? cê tem algum registro disso?

Entrevistado: tenho... eu tenho nos jornais... eu vou te mandar

Entrevistador: depois você puder me mandar... eu vou lhe agradecer muito

Entrevistado: essas primeiros campeonatos foram em noventa e cinco... noventa e quatro... acho que noventa e ci: ... começaram os campeonatos de jiu-jitsu em noventa e quatro... eu vou te mandar isso tá?

Entrevistador: pow... que massa isso mestre... na moral... muito obrigado

Entrevistado: - - que aí eu fechei... eu fechei a minha estada na Bahia com o Vale Tudo né? que foi o extremo combate em noventa e sete no Balbininho né? e::: éh::: ... e depois disso que foi em julho né? foi no final de semana do meu aniversário né? e aí em setembro eu me mudei pros Estados Unidos... entendeu? anh::: então é isso... quer dizer... são onze anos de muita batalha... muita... muita dedicação... entendeu? pra poder estabelecer o jiu-jitsu e teve muita gente boa que passou pela minha mão porque a gente era uma família muito grande... entendeu? aí muito unida... muito forte... tanto no Baiano... depois passamos pra Triathlon e também na Budokan... teve muita:: gente boa... alguns já faleceram outros continuam treinando jiu-jitsu né? mas tem muito gente... tem o::: ... - - eu vou te mandar essa lista aí o::

Entrevistador: [cê lembra quando você deu aula na Budokan mestre... mais ou menos? mais ou menos quando você lembra?

Entrevistado: quando?

Entrevistador: isso

Entrevistado: é... comecei lá em noventa e dois... noventa e três até noventa e sete

Entrevistador: perfeito

Entrevistado: aí depois o meu tio Reison ficou lá...

Entrevistador: perfeito mestre... muito bom... nossa... você trouxe aqui

Entrevistado: [agora... o Marcio Tucano... ele pode te dar o nome das pessoas que treinaram comigo

Entrevistador: Marcio Tucano?

Entrevistado: é... o que tem o Blog Do Ezequiel... escreveu lá Estrangulamento Do Ezequiel

Entrevistador: deixa eu escrever o nome dele aqui... Blog Ezequiel?

Entrevistado: é... Estrangulamento Ezequiel... ele também é um estudioso como você... entendeu? começou... quis saber da história...

Entrevistador: [foi atrás né?

Entrevistado: hoje ele faz parte da... da... da Liga do Reconcavo Baiano de Jiu-Jitsu

Entrevistador: [que massa

Entrevistado: inclusive ele me convidou... fiquei muito lisonjeado que ele me convidou pra ser o presidente honorário da liga... porque eu tenho uma história no jiu-jitsu na Bahia

Entrevistado: [claro... claro

Entrevistado: achei muito legal e eu não pude deixar de aceitar... entendeu?

Entrevistador: [claro... claro

Entrevistado: então quer dizer... éh::: tem uma turma aí... eu posso o contato do Luis Claudio Torres né? que ele era o representante da Gracie Barra... agora ele tá com o próprio time dele aí... entendeu?

Entrevistador: que legal mestre...

Entrevistado: [quer dizer... é isso... agora eu tô aqui nos Estados Unidos a vinte e três anos já

Entrevistador: éh:: com trinta academias... vinte e tantas academias... seu nome aí... enfim... deixou uma história importante né? isso é uma coisa que deve ser muito gratificante... ter deixado a sua importância aí pra humanidade né? em vários aspectos

Entrevistado: é... e o mais importante... uma das coisas... são tantas coisas importantes... mas eu acho que o que eu sempre passo éh:: pros meus alunos e hoje eu tenho pra mais de quatrocentos faixas pretas... entendeu? o que eu passo sempre pros meus alunos é o seguinte... é a gratidão... éh:: a integridade...

Entrevistador: [claro

Entrevistado: a honestidade... tudo isso são valores muito importantes e eu não poderia deixar de ter com a Bahia e com os baianos uma gratidão muito grande... éh:: porque foi aí que eu realmente comecei... vamos dizer oficialmente a minha história no jiu-jitsu

Entrevistador: criou as suas asas né?

Entrevistado: é

Entrevistador: pra começar a voar

Entrevistado: [e:: éh:: ... foi aí que eu comecei a minha família... aí eu me casei né? minha esposa ela é carioca... mas eu a conheci aí na Bahia porque ela morava aí na Bahia... éh:: tenho dois filhos maravilhosos... um casal né?

Entrevistador: nasceram aqui?

Entrevistado: eles nasceram aí

Entrevistador: baianos

Entrevistado: [ele hoje é faixa preta segundo grau...

Entrevistador: que legal

Entrevistado: e praticamente ele toca todos os negócios... éh:: em termos técnicos né?

Entrevistador: sim

Entrevistado: rodas todas as academias... que dizer... me ajuda muito... entendeu? - - então quer dizer... é aquela coisa... a gratidão é uma coisa muito importante que eu passo sempre pra todo mundo né? e eu sou muito grato... e não posso deixar de atender... e não deixo de atender nenhuma pessoa quando é pra divulgar o jiu-jitsu porque eu sou muito grato... não só a Salvador como ao jiu-jitsu e como a minha família... e isso é uma coisa que eu devo e sempre vou dever o resto da minha vida... o que eu puder ajudar... eu vou tá sempre pronto pra ajudar...

Entrevistador: oh mestre... muito obrigado

Entrevistado: [de nada

Entrevistador: obrigado pelo seu tempo... obrigado pela sua:: enfim... pela sua honestidade... pela sua boa vontade... pelo seu respeito com a Bahia né? e sem dúvida essa pesquisa vai ser uma pesquisa muito interessante... desde já me comprometo a enviar pra você com antecedência tudo que eu vou escrever em relação as suas falas... em relação a:: a tudo que você tá colocando aqui pra que isso... enfim... inclusive pra que eu possa publicar as suas falar e o que você tá me dizendo aqui... eu preciso inclusive de uma autorização... isso porque o comitê da pós-graduação me exige isso

Entrevistado: claro

Entrevistador: eu vou depois inclusive redigir um documento pra enviar pra você e eu vou colocar junto com esse documento o que você disse pra que você autorize... não vou fazer absolutamente nada que não seja da sua autorização... inclusive me exigiram isso... meu orientador nem me deixa defender se eu não fizer isso... então é isso que eu queria dizer pra você

Entrevistado: [lógico

Entrevistador: é uma pesquisa que não tem nenhum fim lucrativo... é uma coisa que eu tô fazendo por amor a modalidade... e vou continuar fazendo

Entrevistado: [é o que eu te falei...

Entrevistador: [vou continuar fazendo

Entrevistado: é o que eu te falei... eu que agradeço e pow... agradeço não só pelo... pela tese que você escolheu esse tema e te agradeço também por todo esse

trabalho que você tá tendo pra divulgar a história do jiu-jitsu né? então... vê o quê que mais você precisa... com certeza você vai ter mais algumas perguntas

Entrevistador: sim

Entrevistado: éh::: eu vou ver o quê que eu tenho aqui de... de...

Entrevistador: de material né?

Entrevistado: de material... de fotografia... de negócio de jornal...

Entrevistador: perfeito

Entrevistado: entendeu? eu vou tirar umas fotos e te mando e se não ficar boa... fica a vontade... entendeu? me avisa o quê que você precisa que eu te ajudo nisso aí - - espero que a tese seja cem por cento aprovada

Entrevistador: [vai ser... vai ser... eu pretendo ir ao Rio também ver se eu consigo pegar uns materiais de jornais antigos... conseguir mais algumas coisas pra construir essa relação né? porque não tem como falar de jiu-jitsu sem falar de Rio de Janeiro... na minha opinião

Entrevistado: lógico...

Entrevistador: porque primeiro o Rio de Janeiro ele é a cidade de referência pro esporte brasileiro... e não seria diferente de que lá surgiu efetivamente o jiu-jitsu Gracie... foi de lá que se desenvolveu né? porque havia lá um(...)

Entrevistado: [olha... se você for ao Rio de Janeiro éh::: ... depois que acabar esse negócio de pandemia e etc...

Entrevistador: sim

Entrevistado: você me avisa que eu vou botar você em contato com meu pai

Entrevistador: caraca mestre... seria uma honra

Entrevistado: tá? muita história... hoje ele é o patriarca da família... ele é o presidente da Federação do Estado do Rio de Janeiro... a primeira federação do mundo de jiu-jitsu

Entrevistador: sim

Entrevistado: ou vamos dizer... do Brasil né? e::: tem muito conhecimento...

Entrevistador: eu vou lá... pode ter certeza

Entrevistado: então se quiser pegar... resgatar isso lá::: de trás...

Entrevistador: eu vou fazer isso

Entrevistado: eu boto você em contato com ele e também com Reison... se você quiser concluir mais alguma coisa...

Entrevistador: eu quero sim

Entrevistado: e se você precisar de mais alguma coisa... com a própria federação do Rio

Entrevistador: perfeito

Entrevistado: que a minha irmã trabalha lá... e caso você precise incluir mais algumas pessoas na tua pesquisa... você me avisa que entro em contato com eles lá e...

Entrevistador: muito obrigado mestre...

Entrevistado: (...) e faço essa ponte pra você poder ser atendido lá

Entrevistador: muito obrigado viu mestre? muito obrigado pela sua honestidade... pela sua vontade... e com certeza eu vou no Rio... pode avisar o pessoal que assim que acabar a pandemia... vou pegar meu avião e vou lá... pode ter certeza

Entrevistado: tá... cê me avisa que eu marco tudo direitinho pra você lá com antecedência

Entrevistador: tá bom... muito obrigado mestre... uma boa tarde pra você...

Entrevistado: [se precisar de alguma coisa você me liga

Entrevistador: muito obrigado mesmo mestre

Entrevista 2 –**Entrevistado:** Jorge Sobreira**Data:** 09/04/2019**Local:** SESC - Aquidabã**Entrevistador:** Luan Alves Machado

Entrevistado: ...Jiu-Jitsu, mas o professor Ciro, do Itapagipano, era também voltado para... veio do Ceará...

Entrevistador: Cirão? Pai de Ricardo Carvalho?

Entrevistado: veio com o Judô mais pro lado de Jiu-Jitsu, era só chão. Depois de um tempo evoluiu, veio o professor Carlos Lopes... era a trinca: Ciro, Carlos Lopes, Ari Correia Dantas... que se falava em Jiu-Jitsu... eu era garoto, tinha 15 anos.

Entrevistador: eu tive uma pessoa que entrevistei também, que falou que praticou Jiu-Jitsu com um cara... lá na Faculdade Amec Trabuco que nem existe mais, na década de 70... dois caras que cuidavam de carro no estacionamento brigaram, aí um pegou a faca pro outro... ele veio de lá tomou a faca dos dois e resolveu a situação. A galera ficou assim, sem entender nada. Ele, “não, sou faixa preta de Jiu-Jitsu, vim do Rio de Janeiro e tal... treinei lá com os Gracie...” era aluno de Hélio o cara... e aí ele botou uma aula de Jiu-Jitsu na faculdade, a galera começou a treinar com ele e tal, mas teve uma época que ele foi embora.

Entrevistado: o que acontece... é... da minha época... eu comecei em 1973. Quando eu comecei a competir, 78 e tal, foi quando eu comecei a frequentar as outras escolas, aí foi que eu ficava sabendo das histórias... professor Ciro, que já falava de Jiu-Jitsu, falava de luta greco romana, luta livre olímpica... a polícia militar tinha um tatame, entendeu? Mas, não se falava muito no Jiu-Jitsu. Não era tão assim como é hoje. Até porque vieram dessa época... eram dois japoneses pra Bahia... Shiozawa e professor Yoshida, que como você sabe o japonês...

Entrevistador: Shiozawa veio pra cá também? Você consegue lembrar o período, mais ou menos?

Entrevistado: é... nos anos 80. Yoshida veio antes até... um veio no final dos anos 70 e o outro nos anos 80, não sei se o Shiozawa ou o Yoshida. O fato era que eles não gostavam de luta de chão. Tanto é que eu me lembro que eu era da equipe e ele falava assim: “você ganhou de quê?” ...“eu ganhei de *uchi mata*” ... a gente tomava estrangulamento, viu? Aí, com o passar do tempo, Ricardo Carvalho, na época ele já era 4º dan de Judô, ele foi um dos que começou com o movimento... tinha uma novela na rede Globo, a Malhação... começou a, ouviu-se falar de Jiu-Jitsu. E o professor Ricardo, viu uma maneira mais fácil de se projetar, ganhar dinheiro, porque o Judô não dá dinheiro, até hoje não dá dinheiro... O Jiu-Jitsu, pra se ter a ideia, uma mensalidade... hoje... uma mensalidade mais cara do Judô, digamos é 100 reais. Jiu-Jitsu no Rio chega a 500/600/700 reais.

Entrevistador: chega mesmo... E na Europa tem ainda mais caro.

Entrevistado: Eu fui técnico de Daniel Valverde. Ele era faixa marrom de Judô, passou pra preta, entrou pro lado de Jiu-Jitsu, foi pros Estados Unidos, pergunte se ele quer voltar pra cá... tem uns cara que são detentor de cinturão nos Estados Unidos que são alunos dele, treina no centro dele. E é dólar, tudo lá é dólar. Então é o seguinte... o que eu quero dizer com isso também... tenho dois alunos: Lauro e Marcos, que o irmão tá dando aula de Jiu-Jitsu, são faixa marrom de Judô... tão dando aula de Jiu-Jitsu lá nos Emirados Árabes. Lauro dá aula no Yacht Clube... Lauro Fontes.

Entrevistador: Ahh, Lauro Fontes! Lauro Fontes é muito citado...

Entrevistado: o que aconteceu na Bahia com a febre do Jiu-Jitsu, foi que... se você perguntar: “Sobreira, você conhece professor de Jiu-Jitsu da Bahia?”, todos que eu indicar a você, 90% é judoca. Porque viram uma maneira... aproveitaram o modismo e começaram a dar aula de Jiu-Jitsu e se deram bem.

Entrevistador: agora assim também, Sensei... o que eu acho, né? Uma hipótese que eu trago na minha pesquisa, é que assim, não foi uma transferência também abrupta. O Judô antigo, ao que me parece, não sou especialista em Judô... Era um Judô que não tinha, querendo ou não, a mesma roupagem, a mesma formatação que ele tem hoje. Era um Judô que na época, a galera treinava muita coisa que o Jiu-Jitsu treina, entendeu? Hoje você, por exemplo, não entra mais na queda catando a perna, mas antigamente...

Entrevistado: vou dizer uma coisa a você, o Judô de antigamente não tinha chão.

Entrevistador: Não?

Entrevistado: ninguém gostava de chão. Até porque os mestres, os professores não botavam pra treinar chão... Pra vc entender, na minha época só tinha um cara que era bom de chão. Era Neilton. As lutas dele ficavam indo tudo pro chão. O mestre ficava olhando assim: “Judô esquisito, Judô esquisito”.

Entrevistador: dizem por aí que o próprio Jigoro Kano não gostava.

Entrevistado: dizem não, é verdade. E torcia... Ele não gostava do estilo Tenchi Shino Ryo. Ele só colocou pelo comprometimento que teve com os outros mestres dos estilos Ryo na época. Mas ele não gostava. E isso, eu vivi isso na Bahia, durante a minha época de atleta, que não tinha valor. Então não se treinava chão. Então eu me lembro que se quisesse treinar chão, ia pra academia Jigoro Kano com o professor Ari Correia Dantas. Depois...

Entrevistador: aqui em Salvador?

Entrevistado: Aqui em Salvador. Ficavam ali na Calçada, no antigo corpo de bombeiros. Ficava ali, era a academia Jigoro Kano.

Entrevistador: Ele ainda mora aqui? Tá vivo?

Entrevistado: Olha, se não me falha a memória, ele mora na Baixa do Bonfim. Professor Ciro é muito amigo dele.

Entrevistador: Ari Correia Dantas?

Entrevistado: Ari Correia Dantas. Era um cara assim... Inclusive ele foi o primeiro 6° dan de Jiu-Jitsu da Bahia. Ele mesmo se graduou. Então ninguém falava.

Entrevistador: O Judô também era assim, Sensei?

Entrevistado: Houve uma época em que não havia professores graduados. Aí o cara falava assim... Tinha o professor Pereira que hoje é 8° dan. Ele veio do Rio e no Rio ele jogava todo mundo. Só que na Bahia, ele já chegou dizendo: “sou 2° dan. Meu Judô é Judô de 2° dan” Quando ele pegou Shiozawa, tomou uma escova e disse: “Meu Judô é de 1° dan”. Ele conta isso no livro dele. Então eram assim as

graduações. Na minha época, a gente fazia muito trabalho de explosão, velocidade... era por exemplo, a gente treinava 3 horas em pé e meia hora de chão. Tanto é que, muitas vezes, até hoje, você vê atletas que quando caem no chão vão ficar em pé. Hoje acontece muito menos. O que acontecia era o seguinte, quando surgiu a era Flavio Canto... Flavio Canto era muito bom e era faixa preta de Jiu-Jitsu, muito bom de chão. Chamou a atenção dos japoneses e começou a mudar.

Entrevistador: ganhou uma Olimpíada derrubando todo mundo da mesma forma...

Entrevistado: é... A FIJ tirou as catadas de perna, por causa de muitos campeões japoneses... catando perna... a FIJ tirou. E aí os cara pensou: "o que vou fazer?". Se fazia de tudo, principalmente no Leste Europeu, se fazia de tudo, menos Judô. Era Sambô, Wrestling, Luta Livre Olímpica, Greco Romana... Agora os cara pegava na tora, principalmente os gregos...

Entrevistador: Vieram da tradição do Pancrácio...

Entrevistado: Os gregos, rapaz... Cazaquistão, Uzbequistão, Geórgia... Japão começou a cair. Porque os caras decidiam a luta no chão. Faziam o Tomoe Nage e partiam pra luta de chão.

Entrevistado: aquela que coloca o pé no quadril, né?

Entrevistado: não era falso ataque... era condução ao solo, era válido. E no chão era chave de braço, estrangulamento... Amassavam, acabavam... E os japoneses... chamado Kashi Wazaki, foi campeão mundial... sabe qual é a técnica dele? Yoko Shiho Gatame... Imobilização.

Entrevistador: Controle lateral, 100 kilos...

Entrevistado: era o golpe principal dele... eu tenho um DVD dele que são duas horas e meia só de trabalho de chão. Aí eu ganhei um outro DVD de De La Riva e comecei a comparar, era a mesma coisa. O trabalho era o mesmo. Só que ninguém gostava de lutar chão. Judoca não gosta... Mas hoje...

Entrevistador: profissionalizou demais, né? O pessoal treina tudo...

Entrevistado: O pessoal treina chão como uma válvula de escape muito grande. E muitas lutas estão sendo decididas no chão. Se você for comparar o Judô

de hoje com o Judô de minha época, são dois Judôs completamente diferentes. Um era Tachi Waza, era projeção. E hoje é, 30% projeção, 20% trabalho físico de força e 50% chão.

Entrevistador: mas Sensei, vou te falar uma coisa, pela minha experiência no Jiu-Jitsu... O cara que dá uma boa queda no Jiu-Jitsu já cai numa posição boa...

Entrevistado: e tem uma coisa, o pessoal do Jiu-Jitsu, que faz Jiu-Jitsu puro não sabe cair. E quando cai, cai numa posição ruim, as vezes até se lesiona, entendeu? Por isso que... eu me lembro quando Ricardo Carvalho fundou a Federação de Jiu-Jitsu, as reuniões eram lá na Budokan, na Pituba, onde eu dava aula e quem era o diretor técnico da Federação Baiana de Jiu-Jitsu, era Charles Gracie.

Entrevistador: esse é o nome principal da minha pesquisa. Porque assim... no meu trabalho o que é que eu faço... eu entevisto as pessoas e cruzo com as informações de jornais antigos, outros materiais de época... confrontando as histórias, pra chegar numa história...

Entrevistado: é trabalho, hein?

Entrevistador: é trabalhoso, mas é muito gratificante.

Entrevistado: se descobre tanta coisa...

Entrevistador: é... essas histórias estão se perdendo. Se alguém não registrar ela vai morrer. Porque, assim, Charles Gracie já é uma pessoa quase inacessível.

Entrevistado: ele tá nos Estados Unidos.

Entrevistador: é... já adicionei ele no face, já mandei mensagem, mas até hoje ele não viu... não conheço ninguém que conheça ele pessoalmente...

Entrevistador: você conheceu ele, Sensei?

Entrevistado: conheci sim...

Entrevistador: e foi ele, Ricardo, ou os dois juntos que fundaram a primeira federação?

Entrevistado: Ricardo Carvalho. Se fala em Jiu-Jitsu na Bahia hoje, te digo na natureza da alma, o percussor foi Ricardo Carvalho. Ele que articulou, ele que montou... O escudo foi desenhado por ele...

Entrevistador: pensa num cara que me ajudou nessa pesquisa... Ricardo Carvalho.

Entrevistado: ele é fora de série. Ele é 4º dan de Judô, muito técnico... Ele pelejava me arrastar pro Jiu-Jitsu... “Venha ganhar dinheiro, rapaz. Esse negócio de Judô não dá dinheiro não. Eu tô ganhando dinheiro”. Ele bota o tatame na Barra, dia de sábado de tarde e lota... O Charles Gracie dava aula de Jiu-Jitsu na Budokan. Eu dava aula de Judô e ele dava aula de Jiu-Jitsu. Então fizemos amizade. Ele conversando comigo... como eu era o diretor técnico da Federação Baiana de Judô... ele tinha um projeto de organizar uma Copa de Jiu-Jitsu na Bahia. Eu disse: “vamos, eu ajudo”. Eu tinha muita influência no pessoal de marketing do Shopping Barra. Aí eu fiz a primeira Copa “Fala Garoto de Jiu-Jitsu da Bahia”. Primeira e única. Na época, pra se ter uma ideia, Minotauro, Daniel Valverde, Lauro eram tudo faixa branca. Inclusive Daniel Valverde ganhou o peso e Minotauro ganhou o absoluto pra Lauro Fontes. Pra se ter uma ideia, eu consegui o patrocínio da Coca-Cola, consegui o patrocínio do Shopping pra colocar o som, montei os tatames da Federação... na época Charles me graduou 3º dan de Jiu-Jitsu.

Entrevistador: ele te deu?

Entrevistado: ele me deu. Deu a mim e a Francisco. Ele falou: “qual é a sua graduação no Judô?”. Eu disse: “Sou 4º dan”. Ele disse: “então você vai ser 3º dan de Jiu-Jitsu”. Então eu montei tudo, montei o som, anunciava as lutas...

Entrevistador: ajudou a organizar a coisa, né?

Entrevistado: organizei.

Entrevistador: você se lembra quando foi isso?

Entrevistado: Eu tenho um material que tem a data. Eu vou te dar a data certa desse campeonato. Se Lauro vier, ele vai lembrar. A luta final do absoluto, eu coloquei pros caras descer pelo elevador. Pra se ter uma ideia, eu ganhei tanto brinde dos caras das lojas, camisas, kimonos, luvas... Todo mundo no em torno assistindo e perguntando quando teria outro... Pra se ter uma ideia, deu 9h da noite

do sábado as cantinas não tinham nada mais pra vender, vendeu tudo. Sabe o público estimado rotativo? 60 mil pessoas. Foi o público estimado de acordo com o marketing do Shopping. As inscrições eram mais ou menos 60/70 reais... Esperei o shopping fechar, o caminhão estacionou no fundo do shopping, desarrumei tudo... O evento terminou pra mim segunda feira 4 e meia da tarde.

Entrevistador: deixa eu pausar aqui a gravação...

Entrevistador: então quando Luiz Rato voltou a se aproximar do Jiu-Jitsu, isso a uns 5 anos atrás, ele começou com um horário de treino na academia de mestre Leônidas, aqui na Federação (bairro). Aí era um dia na semana que ele dava essa aula... não tinha espaço no tatame... o cara chegava ensinava duas posições... era informação nova de verdade...

Entrevistado: ele tinha uma didática fantástica.

Entrevistador: e tem outra coisa, ele é um cara de 60 kilos, magrinho e sabe fazer as posições de uma forma que parece que ele é um peso pesado. É impressionante. Ele foi muito próximo a Charles aqui, ele foi aluno de Charles...

Entrevistado: treinava na Budokan.

Entrevistado: Rato, Minotauro, Lauro... Lauro tem uma didática fantástica. Lauro é top.

Entrevistador: ele ainda treina aqui?

Entrevistado: treina. Daqui a pouco ele deve tá aí. Eu tenho um aluno também que é faixa preta 3º dan de Jiu-Jitsu, Ângelo. Ele é professor no Anchieta (escola).

Entrevistador: ele foi aluno de quem?

Entrevistado: rapaz, eu não sei, não lembro. Sei que ele é 3º dan de Judô... Ângelo Garrido. Ele viaja pra campeonato... Grand Slam... Ele é muito bom. Então o Dojô era lotado, só que o Charles, ele passava uma coisa assim, bem simples e róla.

Entrevistado: hoje estão ganhando dinheiro com o Jiu-Jitsu pelo trabalho que ele fez (Ricardo). Pessoas que ele trouxe pro Jiu-Jitsu... Uma vez ele me levou pra um campeonato na AABB e eu via as pessoas na arquibancada gritando: "mata ele, quebra..." coisas desse tipo, que nada, aquilo ali não é meu ambiente não. As

peessoas entrando e saindo do tatame, não tinha ritual, não tinha nada. Quem colocou as regras e etiqueta no Jiu-Jitsu foi Ricardo. Aí ele chamou esse outro professor pra ir fazer parte da Federação de Jiu-Jitsu. Se perguntar a história... Esse professor foi e montou outra federação.

Entrevistador: eu sei quem é. É o dono da academia Corpo e Mente.

Entrevistado: acertou.

Entrevistador: eu vou dizer o nome dele...

Entrevistado: Humberto.

Entrevistador: tem um presidente de uma nova federação aí, o Vovô, que ele resgatou essa coisa que você fazia no passado, campeonato em shopping e bomba, é bem bonito os campeonatos.

Entrevistado: eu fiz no shopping barra, no aeroclube plaza show, paralela shopping... eu já fiz no playground do Dique do Tororó... O pessoal carregava os tatames no meio da rua, porque os tatames ficavam na sudesb, ali na fonte nova, os tatames ficavam ali embaixo... A gente carregava os tatames, montava no playground... dia de sábado, final de tarde... a caixinha de som... A Vina Real dava apoio, fazia degustação de logurte e tal... dava medalha e troféu pros meninos, eu fazia ali e era um sucesso. Hoje o pessoal tem centro de treinamento pan americano...

Entrevistador: Sensei, Luiz Rato me falou... ele falou muito bem de você... mas ele me falou uma coisa que me chamou muita atenção. Ele me falou que você tinha um certificado de 8º dan de Judô de Kazuo Yoshida guardado.

Entrevistado: de 7º dan.

Entrevistador: de 7º dan. Você tem mesmo, Sensei?

Entrevistado: eu tenho, mas tenho que procurar... Emprestei esse certificado...

Entrevistador: se você achar e conseguir uma foto pra mim, ótimo. Mas se não achar, não tem problema. Eu queria saber de você o seguinte, eu tô com uma dificuldade enorme de achar fontes que falem sobre a história de Kazuo Yoshida. Eu

queria saber sobre ele, entendeu Sensei? Ele com certeza foi um cara muito importante pro esporte aqui na Bahia, em Salvador, entendeu? Assim, Rato me falou que ele era pescador, que ele veio do Japão, que na verdade ele não gostava muito do Judô, que ele gostava do Boxe, mas ele acabou indo pro Judô e que o pessoal lá do Japão falava: “rapaz, ele vai pra lá, mas traga ele de volta porque ele é uma jóia preciosa.

Entrevistado: inclusive ele foi estivador também.

Entrevistador: estivador também, né?

Entrevistado: é e ele, quando ele veio pra cá, veio através de Anis Shimen... Deraldo Grandemota também foi outro que ajudou a trazer... não sei se foi ele ou Shiozawa. O fato é que, Yoshida era uma pessoa muito tranquila, ele tinha um ateliê de massagem, de acupuntura... uma pessoa muito quieta, muito calma, muito pacata... igual a Shiozawa... o hobbie era pescar, realmente... pescavam... tanto é que Shiozawa quando veio do Goiás... o filho dele sempre falava: “meu pai foi pescar... meu pai tá pescando... eles gostam dessas calmaria”.

Entrevistador: Shiozawa era parente de...

Entrevistado: não, eram amigos. Ele era amigo de Yoshida. Eu acho que eu tenho uma relíquia, vou me lembrar onde eu guardei, dele... raridade você encontrar uma foto dele usando essa faixa... ele não usava... eu tenho essa foto... ele de corpo inteiro. Vou procurar.

Entrevistador: eu digitalizo pra você.

Entrevistado: esse certificado, eu tenho pra mim que eu guardei ou eu doeie a federação numa época, nos 40 anos da federação, que foi pra... Na época deram pra ele o 7° dan... cerimônia e aquela coisa toda... e eu sentado do lado dele... aí, terminou a cerimônia... ele dobrou e colocou no bolso. Eu: “SENSEIII, SENSEEEE! SEU CERTIFICADO DE 7° DAN!”. Ele: “Não, não... Com federação, não... Quero Kodokan. Certificado Kodokan”.

Entrevistador: ele veio da escola Kodokan, né?

Entrevistado: ele dizia que só aceitava o certificado de Judô Kodokan.” E até hoje tem alguns mestres antigos, que muitos professores... bateram, bateram e

conseguiram... por exemplo, hoje o 6° dan, quem dá é a Confederação. 7° dan, já é a Federação Internacional. A Confederação, com o aval da Federação Internacional. E o 8° dan, já é o diploma da FIJ. FIJ e Kodokan. O 9° dan que é vermelha, é Kodokan. Tanto é que não vem o diploma, vem um quadro. É um cerimonial muito bonito. Privilégio para poucos... Eu tenho 45 anos... só de faixa vermelha e branca eu tenho 20 anos e ainda sou 7° dan. Ainda faltam mais... daqui a uns 12 anos, talvez... Então é uma honraria pra poucos. Eu tinha uma preocupação de ser promovido para o 6°dan/7°dan... velho, que não serve pra nada. Eu quero estar ativo, porque eu penso o seguinte, eu sou a fonte, onde as pessoas vem beber, matar sua sede. Eu não posso estar uma fonte vazia. Por isso preciso estar bem. Por isso faço musculação, eu fiz bariátrica, eu pesava 138 kilos... Eu me cuido, pra poder... Eu chego nos cursos, eu mostro... Faça assim, vou lá e mostro como é...

Entrevistador: e gosta de treinar, né?

Entrevistado: gosto. Agora, chegar com 70 anos, cheio de escoliose... O tempo, deixa eu ir bater o ponto.

Entrevista 3 –**Entrevistado:** Luiz Augusto Barbosa de Souza, “Rato”**Data:** 20/05/2015**Local:** Residência do entrevistado**Entrevistador:** Luan Alves Machado

Entrevistado: cada uma vem desses estilos, tá? Só que o Jigoro Kano era melhor na parte de queda. Quando começou a parte de chão a ser treinada mais, quando vem um cara... o jiu-jitsu era um estilo... se eu não me engano... tem muito tempo que eu estudei isso... fazia a mesma coisa que os Gracie fazem, pegava no kimono, pé na virilha, os cara não tinha como... já tavam no chão já...

Entrevistador: raspava... ficava por cima...

Entrevistado: pronto... o cara ganhou de todo mundo, aí os caras do Judô começaram a treinar chão... os dez da Kodokan, né? Shiro Saigo, Tamachi... se você ver os vídeos de Judô antigo, só tem queda, Jigoro Kano dando queda. Então começaram a treinar chão a partir daí. E aí, no Japão formou-se dois estilos: Kodokan e o Kosen.

Entrevistador: Kosen é bem chão, né?

Entrevistado: o Kosen é igual Jiu-Jitsu da gente.

Entrevistador: Sim, eu já vi alguns vídeos de Kosen...

Entrevistado: qual é a diferença? O Kosen treina em pé também e a gente não treina.

Entrevistador: é, a gente treina pouquíssimo...

Entrevistado: e a regra, a regra diferencia... então, o Jiu-Jitsu Brasileiro ele se desenvolveu a partir de certas habilidades... tipo assim... de guarda... a estratégia é toda de ganho de posicionamento... você vai ver que queda vale dois pontos; passou a guarda, três; montou, quatro; pegou as costas quatro. As costas se você colocasse cinco, seria mais adequado.

Entrevistador: porque ela é melhor do que a montada. Uma posição de domínio maior.

Entrevistado: Exatamente. Entendeu? Eu tô ali atrás, o cara fica a vida toda ali... se quiser segurar o cara...

Entrevistador: ele não sai.

Entrevistado: tá ali preso, entendeu? Então, é... O Jiu-Jitsu Brasileiro tomou essas características, né? Depois mudaram a regra e o que faz muito a luta, é a regra. Essa regra daí tem desvirtuado um pouco do Jiu-Jitsu, pensado como aqueles caras antigos pensavam o Jiu-Jitsu. O Hélio, o Carlson, outros... que eram o Jiu-Jitsu voltado pra arte marcial, não adianta fazer pontinho, tem que finalizar.

Entrevistador: Lutar...

Entrevistado: o Rolles... esse Jiu-Jitsu hoje é muito mais esportivo, né? E tá se perdendo a parte de marcialidade do Jiu-Jitsu. Então o cara vai ter que treinar, né? Claro que tem também as valências físicas...

Entrevistador: então, mestre... me fala um pouco sobre a história do Jiu-Jitsu daqui de Salvador.

Entrevistado: Rapaz... o primeiro contato do Jiu-Jitsu com a cidade de Salvador foi na antiga Faculdade Amec Trabuco em 1973. Meu irmão, Ricardo, estudava Administração na época, quando aconteceu uma situação muito inusitada... aconteceu numa quarta-feira quando dois irmãos que tomavam conta dos carros lá na faculdade brigaram, e chegaram a puxar a faca um pro outro. Foi nessa que um cara chamado Paulo Fiuza, um colega de meu irmão, se meteu na situação e neutralizou facilmente, e apaziguou a situação. Aquilo chamou muita atenção, né? E a partir daí Fiuza se apresentou como um faixa preta de Jiu-Jitsu Gracie... e que ele estava afim de juntar uma galera interessada pra formar uma turma e praticar. Essa turma aconteceu, meu irmão Ricardo foi um dos primeiros alunos, e manteve os treinos até 74, quando Fiuza precisou ir embora pra Ilhéus... abandonou o curso de Administração e também os treinos.

Entrevistador: interessante, mestre. Seu irmão ainda tem contato com ele?

Entrevistado: acho muito difícil... depois vou ver com ele.

Entrevistador: te agradeço muito!

Entrevistado: Então... mas os primeiros contatos mesmo com o Jiu-Jitsu em Salvador... que realmente firmaram a arte marcial na cidade, foi em 1987 quando Charles Gracie veio morar aqui. Charles era filho de Robson e aluno de Rolls... ele montou as suas primeiras turmas pra dar aula aqui em fevereiro de 87 no Clube Bahiano de Tênis, na Barra, e depois em março ele montou outra turma na Triathlon, na Graça. Eu fui aluno dele nessa época. Eu já treinava Judô e fui um dos primeiros alunos dele nesse período. Em 88... aproximadamente... Charles se afastou dos treinos por motivos pessoais. Nesse meio tempo, eu já era faixa azul de Jiu-Jitsu, tinha passado uns meses no Rio... treinando na Carlson... já treinava Judô há muito tempo, resolvi comprar uns tatames e montar um treino na minha própria casa.

Entrevistador: Que massa, mestre.

Entrevistado: passei um tempo lá no Rio, aprendi muito, treino duro lá na Carlson.

Entrevistador: rapaz... esse treino da Carlson simplesmente fez os melhores lutadores de Jiu-Jitsu e MMA do mundo durante um período.

Entrevistado: fez mesmo. Belfort, Minotauro... Os mais conhecidos e famosos que você vê por aí...

Entrevistador: sobre isso que você tá falando, eu me lembro de uma história que Jadyr contou, na verdade eu tava nesse campeonato... eu tava lutando... Jadyr tava arbitrando uma luta... e aí foi uma luta do absoluto e foi uma luta em que tinha um cara de 100 kg e outro de 70. E já tinha a questão das vantagens e etc. Só que o cara não fez vantagem... a luta foi pau a pau, só que obviamente o cara de 100kg atacou mais do que o cara de 70. Terminou a luta Jadyr levantou a mão do cara de 70kg.... A galera reclamando, xingando ele... ele saiu, chegou pro professor, não disse o nome por uma questão ética e falou: "professor, obrigação de seu aluno, com 30 kg a mais, era no mínimo pontuar. O cara tem 30kg a menos que seu aluno e ele empatou inclusive na pontuação. Vc acha justo que eu levante a mão de seu aluno? Diga isso aí pra seus alunos.". Saiu e deu as costas. Foi foda a situação.

Entrevistador: continuando esse debate que você tá trazendo... o esporte descaracterizou a arte marcial. Arte marcial hoje não existe mais.

Entrevistado: é pq tem regras.

Entrevistador: é isso, arte marcial é um instrumento de guerra.

Entrevistado: quanto mais regra você põe, mais você torna esporte e quanto menos regra...

Entrevistador: mais próximo...

Entrevistado: então, aquela regra antiga do Jiu-Jitsu, era uma regra de estratégia, que foi preservada um pouco, mas não tinha negócio de vantagem. Não tem vantagem. Que vantagem? Pega uma meia guarda e é vantagem? Não! Não tem estratégia aí, você não passou a guarda. Você não efetivou a posição, você foi um quase. Esse quase é empate.

Entrevistador: quase não é.

Entrevistado: o quase não é! Entendeu? Tipo assim, tinha uns desafios antigamente que duravam uma hora, que não tinha ponto...

Entrevistador: era até finalizar.

Entrevistado: se você me escovasse e não me finalizasse, a luta era empate. Porque a minha defesa foi tão forte quanto o seu ataque. Então era defesa e ataque.

Entrevistador: Embora você tenha sofrido danos ali, você tá em pé, tá vivo.

Entrevistado: Eu tô ali vivo, então era a questão de sobreviver. Um mais forte fisicamente e um outro mais fraco. O mais forte foi pra cima, dominou, mas o mais fraco se defendeu a tal ponto, que não foi finalizado. Saiu ileso. Então isso é considerado empate. Olha você não me finalizou, entendeu? Você não pegou meu braço, entendeu? Você me imobilizou, mas eu saí da imobilização. Você pegou minhas costas, mas eu saí das costas. Minha defesa foi tão boa quanto o seu ataque. Seu ataque não foi efetivo pra me submeter a uma finalização. Então tinha esse conceito antigamente. Os caras tinham esse desafios, né? Então quanto mais você põe regras, mais...

Entrevistador: esportiviza a modalidade.

Entrevistado: você, tipo assim... hoje o que deviam fazer, na minha opinião? Deixar a regra mais simples para o público entender. Porque quanto mais complicada é a regra, fica mais difícil pro povo entender.

Entrevistador: fica mais televisivo, digamos...

Entrevistado: não, fica até mais televisivo com a regra simples.

Entrevistador: é isso!

Entrevistado: vai entender o que tá acontecendo. Afasta muita gente do Jiu-Jitsu essa complexidade da regra. A regra é tão complexa, que se o cara não entende ele não vai assistir aquilo que não entende.

Entrevistador: e essa coisa das várias federações? Tem muitos detalhes diferentes...

Entrevistado: também! Tem que voltar para a regra antiga e os árbitros, como tem três árbitros decidirem na combatividade. Que aí o cara vai ver, aquele cara lá foi mais combativo.

Entrevistado: eu tava parado já... aí eu botei meu sobrinho, Fred. Que depois foi campeão de Jiu-Jitsu.

Entrevistador: sim, conheço Fred... treinou comigo já...

Entrevistado: eu botei pra treinar na Associação Atlética onde eu tava dando aula. Eu só tinha três aluninhos... Ele foi meio que suicida o cara, era impressionante... E aí eu levava... aí um dia, eu fui perguntar uma posição, eu tava de calça Jeans e aí ele começou a treinar de calça jeans, sem camisa e eu de kimono. Aí ele mandou eu... levar... é... o kimono no próximo dia. Aí quando eu cheguei lá tinha um faixa preta de Judô. O cara tinha sido terceiro lugar no brasileiro, e tinha... tipo assim... dez, doze, treze quilos mais pesado do que eu. Eu sempre fui muito magro. E... eu montei, ele me finalizou três vezes, eu montado.

Entrevistador: caraca... atacava o quê? Mão?

Entrevistado: ele mais forte do que eu, atacava gola... tipo assim, eu não tinha maldade, ainda. Apesar de ter sido treinado no Carlson, eu não tinha maldade. E eu finalizei ele, ele chegando a desmaiar. Eu fiz uma laçada de pescoço e quem teve que bater pra eu soltar foi Yoshida.

Entrevistador: ele não bateu?

Entrevistado: ele não bateu, ele desmaiou... e eu fiquei lá, até o Yoshida batendo em mim e eu soltei. Eu era novo, eu tinha 21 anos... alguma coisa assim... Já tava os dois sem treinar.

Entrevistador: queria até saber quando você nasceu, para eu anotar aqui...

Entrevistado: e aí, o Yoshida, no outro dia falou pra mim que eu já era faixa preta de chão. Que eu precisava treinar mais em pé. E aí eu fui treinar no Yacht. Quando eu cheguei no Yacht, pra treinar, era o treino de faixas pretas da Bahia. Onde treinavam todos os faixas pretas. Se juntavam ali, treinavam com o Yoshida terça e quinta de noite no Yacht. E eu fui lá de faixa branca... aí o que é que os caras faziam... eu era o mais leve, disparado.

Entrevistador: todo mundo queria escovar você.

Entrevistado: eu treinava de pau a pau... aí ficava um faixa preta esperando, não tinha tempo... 20 a 30 minutos eu treinava...

Entrevistador: rolando...

Entrevistado: as vezes eu não aguentava nem pegar no kimono...

Entrevistador: cansado?

Entrevistado: de cansaço, entendeu? E eu era o mais leve. Teve um dia que o rebentão me pegou um dia pra fazer Osotogari. Eu tomei umas 50 quedas. Ele tinha 110 kilos, porra. Eu falava assim:” porra, o cara vai me matar aqui.”. O Yoshida corrigindo queda nele e me jogando... Eu vou sair daqui aleijado.

Entrevistador: essa noção de saúde não se tinha tanto na época, né?

Entrevistado: não!

Entrevistador: era guerra total.

Entrevistado: os caras se estouravam e... entendeu?

Entrevistador: uma coisa que eu tenho muita vontade de fazer, mestre, é falar sobre o cotidiano dos treinos. Falar sobre... tem tantas figuras no treino, pessoas tão importantes. Que as vezes não foram competidoras, não foram campeãs, mas tem uma história de vida muito interessante em relação a arte marcial.

Entrevistado: pois é. Na minha opinião, o cara que sabe mais Jiu-Jitsu na Bahia, é o Lauro.

Entrevistador: Lauro Fontes, né?

Entrevistado: Você pegar o Jiu-Jitsu de Lauro... ele sabe muito! Essas posições fantasia...

Entrevistador: essas coisas novas...

Entrevistado: ele sabe até algumas coisas, mas é um Jiu-Jitsu que ele desenvolveu dele, diferente. Um Jiu-Jitsu, Jiu-Jitsu.

Entrevistador: ele veio da Greco Romana também, do Wrestling...

Entrevistado: é Jiu-Jitsu, Jiu-Jitsu... de pegar, finalizar, posição de eficiência...

Entrevista 4 –**Entrevistado:** Ricardo Carvalho**Data:** 28/03/2019**Local:** Academia Edson Carvalho Team - Barra**Entrevistador:** Luan Alves Machado

Entrevistado: na verdade... na Bahia todo processo começa com o mestre Kazuo Yoshida. Um japonês daqueles “casca grossa”. Aí ele foi e passou pro meu pai, o mestre Ciro... só que ele dava aula de Judô, só que o Judô dele era muito bom de chão.

Entrevistador: um Judô tradicional antigo, né? Não é esse Judô atual, formatado pelo Comitê Olímpico.

Entrevistado: Isso... então rapaz a história começa aí, eu tinha 2 anos de idade.

Entrevistador: Então seu pai foi aluno dele?

Entrevistado: meu pai foi aluno dele.

Entrevistador: Qual é o nome do seu pai, mestre?

Entrevistado: meu pai é o mestre Ciro.

Entrevistador: então seria Ciro Carvalho?

Entrevistado: Não, Ciro Carvalho é meu irmão. O nome dele é Francisco Magalhães, mas é mais conhecido como mestre Ciro.

Então, meu pai começou a dar aula eu tinha 2 anos de idade, eu praticamente nasci no tatame do Judô. Eu e meu irmão. Nós crescemos nessa base. E o mestre Yoshida era um mestre tradicional. Ele era tão tradicional que poucos ficavam com ele, poucos.

Entrevistador: Ele tinha aquela visão bem de guerra, né?

Entrevistado: Tanto é que eu, na categoria juvenil, com 16/17 anos eu cheguei ainda a treinar com o mestre Yoshida. Que meu pai foi discípulo dele. E ele

estrangulava e botava pra dormir, depois acordava, aquela coisa muito dura que hoje em dia não se usa mais. Hoje em dia a coisa é bem diferente.

Entrevistador: é, não se usa mais.

Entrevistado: Então, ou o cara ficava bom, ou ficava bom. Ou ia embora. Ficava duro.

Então a gente cresceu nesse meio de luta, né?

Entrevistador: Isso aqui em Salvador?

Entrevistado: Aqui em Salvador.

Entrevistador: lembra aonde, mestre?

Entrevistado: aqui, mestre Yoshida ensinou em vários lugares, o mestre Yoshida... ensinava no Yacht, Associação Atlética, Baiano de Tênis... E o meu pai fundou uma academia lá no Bonfim, Itapagipano de Judô, ainda existe.

Entrevistador: vc consegue se lembrar de mais locais?

Entrevistado: Associação Atlética, Baiano de Tênis, Espanhol... e tinha uma no centro da cidade que ele fundou chamada Caraíba.

Entrevistador: será que tem relação com a empresa do Pólo Petroquímico? Caraíba Metais?

Entrevistado: Se houver, não sei.

Entrevistador: Você consegue se lembrar do período, mestre? Qual ano?

Entrevistado: Rapaz, se eu sou de 64, isso foi na década de... final de 60... início da década de 70. Meu pai fundou a academia em 66... eu nasci em 64... mestre Yoshida chegou na Bahia em 71... isso é história lá de trás.

Entrevistador: Antes disso você não se recorda de nenhum registro de Jiu-Jitsu por aqui em Salvador?

Entrevistado: O que existia aqui na Bahia foram lutas do passado como Waldemar Santana... lutou com Carlson Gracie aqui no Balbininho... na época era luta livre. Carlson Gracie versus Euclides Pereira, lutaram lá no Balbininho lá no passado.

Bom, como é que a parada... o Jiu-Jitsu entrou de verdade... o meu irmão Edson morava aqui em Salvador. Ele foi embora, com o mestre Lacerda... e aí levou ele pro Rio de Janeiro... Ele era um cara que lutava em pé, chão... Aí ele começou a lutar lá em Carlson, e começou a lutar campeonatos lá no Rio de Janeiro... ganhou vários campeonatos... e isso foi se tornando a história. E eu, por tabela, fui seguindo por tabela.

Entrevistador: Oss!

Entrevistado: Oss! E aí nasceu o Jiu-Jitsu aqui na Bahia. Aí eu montei academia, fui dando aula em algumas academias...

Entrevistador: Você também é graduado no Judô, né mestre?

Entrevistado: Judô e Jiu-Jitsu. Eu, meu irmão, todo mundo.

Aí eu comecei a dar aula lá no Baiano de Tênis, comecei lá, academia Budokan, na Pituba, em 1990.

Entrevistador: Ah, já estamos em 1990.

Entrevistado: mais recente, né? Também lutei vale tudo em 96... vale tudo...

Entrevistador: Você se recorda, mestre. De outras pessoas... Sensei, melhor... você se recorda de outras pessoas que treinaram com seu pai, discípulos de Kazuo Yoshida?

Entrevistado: Ah, tem muitos...

Entrevistador: Você se recorda?

Entrevistado: Esse legado que ficou na Bahia é desde o mestre Yoshida. Eu sou consequência dele, como se fosse um neto, né?

Ah, tem... por exemplo, o próprio Serrinha, meu pai, Carlos Lopes...

Entrevistador: Carlos Lopes?

Entrevistado: Carlos Lopes, que é da Judokatas hoje... Manuel Paixão, que é um grande mestre da polícia militar... tinha um campeão mundial, chamado Boneca. Oswaldo Simões, campeão mundial... naquela época, que eu era guri, né?

Entrevistador: Você tem conhecimento da vinda de algum Gracie para Salvador, em algum período?

Entrevistado: Aqui em Salvador teve Charles Gracie... e aí passou um tempo aqui e foi embora...

Entrevistador: Ele chegou a dar aula aqui?

Entrevistado: Ele chegou a dar aula aqui... é, teve até alguns conflitos porque eles vinham de uma tradição de botar o cara pra brigar na rua e começou a dar merda... aqui na Bahia... eu vi o nascimento do Judô, o Jiu-Jitsu nasceu do Judô.

Entrevistador: Existe toda uma lógica ética, né?

Entrevistado: Claro! E começou a dar problema.

Entrevistador: Você se lembra a época?

Entrevistado: Entre 95 e 2000, por aí... ele foi até meu amigo, depois teve conflito na academia, porque aqui na Bahia, isso não existia... eu lutei em 96 o vale tudo, no Balbininho, aquela coisa toda... até entrou em contradição... os cara não gostavam, né? Aqui tá na Bahia.

Então aí, eu 1996, nós fundamos a Federação Baiana de Jiu-Jitsu, meu irmão que fundou... com o lema Jiu-Jitsu contra as drogas... o trabalho pelo social, acima de tudo... e aí, comecei a fazer eventos esportivos, fui crescendo, né? Tinham poucas entidades, poucas academias na época aqui, foi desenvolvendo... nessa época tinham poucos graduados...

Aí fomos fazendo eventos, até que em 2004 fiz um mundial aqui na Bahia.

Entrevistador: ouvi muito falar... Werdum lutou aqui, foi um dos maiores da história...

Entrevistado: é, Margarida lutou aqui.

Entrevistador: Margarida!

Entrevistado: tenho tudo isso documentado... só no absoluto faixa preta deu 70 faixa preta...

Entrevistador: Caraca!

Entrevistado: Esse menino, Aldo lutou aqui na faixa roxa na época... Jacaré lutou... Werdum... Xande Ribeiro...

Entrevistador: é, os melhores lutaram.

Entrevistado: Então foi assim, a federação estourou.

Entrevistador: Como foi que vocês conseguiram trazer esse campeonato pra cá?

Entrevistado: Existia a Confederação Brasileira...

Entrevistador: A CBJJ?

Entrevistado: A CBJJ. Teve uma quebra deles...

Entrevistador: Um racha interno?

Entrevistado: Um racha lá deles. Aí surgiu a Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu Olímpico...

Entrevistador: A CBJJO?

Entrevistado: A CBJJO.

Entrevistador: Ela existe até hoje, né?

Entrevistado: É, mas hoje está fraco... Mas quando nasceu, nasceu forte... porque houve uma quebra, na CBJJ... política lá dentro, entendeu?

Entrevistador: Sim.

Entrevistado: Aí, eu fazia parte dos dois... eu tive lá em um campeonato... eu quero levar o mundial pra Bahia. Só que esse mundial da Bahia valendo premiação em dinheiro alto. O campeão faixa preta leva 5 mil.

Entrevistador: Por categoria?

Entrevistado: Por categoria! Eu dei 110 mil reais só de prêmio. Então isso... deu 2 mil atletas, deu mais de 200 mil só de inscrição... minha parte era organizar isso aqui... e o diretor lá topou trazer... e eu trabalhei muito... no Ginásio SESC Piatã... foram 5 dias lotado... foi o que despontou.

Só que aí nasceram novas Confederações... no Brasil tem 5 Confederações, então... tudo bem, cada um trabalha... eu acho que tem que trabalhar... então o Jiu-Jitsu tem essa história que veio... por que existia essa necessidade de montar uma Federação? Por que existia muitos professores dando aula e a coisa solta... então criamos uma organização que criasse uma unidade.

Entrevistador: Me deixa te fazer uma pergunta. Você que tem uma longa experiência, tanto no Judô quanto no Jiu-Jitsu, o que você pensa sobre transformar o Jiu-Jitsu numa modalidade olímpica? Quais são os aspectos positivos e negativos? Em relação ao Judô, por exemplo, houve muitas mudanças nas técnicas utilizadas.

Entrevistado: O Judô mudou muito, no sentido da adaptação, a própria regra, se tornou um Judô mais bonito.

Entrevistador: Melhor de assistir, né? Mais televisivo...

Entrevistado: Evoluiu muito, né? Por outro lado, a parte de chão deixou muito a desejar. O Judô tinha muito chão, chave de braço, estrangulamento, imobilizações... isso foi deixando um pouco de lado mais, a nível de desenvolvimento mundial...

Entrevistador: Profissionalizou, possibilitou que muitas pessoas vivessem do esporte...

Entrevistado: Exatamente, o Judô tá na Olimpíada a muito tempo e se organizou pra isso acontecer. O que acontece com o Jiu-Jitsu? O Jiu-Jitsu merece estar na Olimpíada, mas com o conhecimento que eu tenho sobre Olimpíada, ele tem que estar presente em 70 países, de maneira organizada. Ou seja, tem que ter confederações em cada país.

Entrevistador: E a gente ainda não alcançou isso, né?

Entrevistado: Exatamente. Nós já alcançamos muito, no mundo inteiro, mas não tá nessa organização. E segundo, tem várias confederações, qual vai ser a do comitê olímpico? Então existe a confederação nacional, que é a confederação brasileira e as federações estaduais. O Jiu-Jitsu, ele não existe a federação, ele existe a equipe. Por exemplo, a nossa equipe lá na Confederação é a Team Carvalho, tem a Nova União, existe a Gracie Barra, mas não tem a Federação

Baiana, a Federação Sergipana, Federação Paulista... então o que tá faltando é uma organização a nível político nacional. Eu acho que será uma grande guerra, mas o esporte cresceu muito no mundo inteiro.

Entrevistador: Agora uma coisa, mestre. Eu percebo que o Jiu-Jitsu, mesmo não sendo olímpico, alcançou um espaço muito grande no mercado. Existe a Copa Pódio, que passa no Premiere Combate. Existe o ADCC, financiado pelos Sheiks árabes.

Entrevistado: sim e lá na arábia está presente em todas as escolas o Jiu-Jitsu.

Uma coisa que foi bom é que o Jiu-Jitsu se adaptou muito a filosofia do Judô. Se adequou a disciplina, a hierarquia... se não tivesse feito isso...

Entrevistador: Se desvinculou da imagem bad boy...

Entrevistado: Com essa adaptação o Jiu-Jitsu alcançou esse espaço. Olha aí, muita gente vivendo disso lá fora. Então eu acho que cada vez mais que se organize, profissionalize o esporte como educador, cada vez mais e depois competição. A minha ideia é que vai chegar a Olimpíada, não vai demorar não. Mas vai ter que se adaptar.

Entrevistador: Mestre, você tem algum material dessa época? Alguma fotografia? Jornal?

Entrevistado: De qual época?

Entrevistador: Dos primórdios do Jiu-Jitsu daqui de Salvador.

Entrevistado: Eu tenho fotografias lá no Baiano de Tênis dando aula, com Minotauro sentado assim oh, de faixa branca.

Entrevistador: Do seu pai? De Yoshida?

Entrevistado: Tenho de mestre Yoshida. Vou tentar conseguir pra você isso.

Entrevistador: Eu ficaria eternamente grato.

Entrevistado: Depois me passa o seu contato.

Entrevistador: Eu gostaria muito de aprofundar os meus estudos sobre o Jiu-Jitsu e esse material seria de grande valor.

Entrevistado: Sim e o Jiu-Jitsu é mais fácil de ser praticado, né? Porque é de chão. Treino de queda lesiona muito, é mais complicado.

Entrevistador: Sensei, muito obrigado. Eu vou te adicionar no zap, se você permitir.

Entrevistado: De nada.

Entrevistador: Precisamos registrar e documentar tudo isso. Porque podemos chegar a um ponto em que as pessoas que tem esses registros, essa memória viva vão falecendo com o tempo, e isso se perde.

Entrevistado: Eu estou documentando, vou em breve escrever um livro sobre isso aí.

Entrevistador: Já tem alguém escrevendo esse livro?

Entrevistado: É, sobre o Judô. Eu vou tentar pegar o que eu tiver lá e passar pra você.

ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Luan Alves Machado, acadêmico do Curso de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia (UFBA) realizo uma pesquisa intitulada: A Formação do Jiu-Jitsu Brasileiro em Salvador e no Rio de Janeiro: um estudo histórico comparado. Tal estudo é parte da produção de uma dissertação de mestrado, no referido Programa e tem a orientação do Prof. Dr. Coriolano Pereira da Rocha Junior.

Nesse sentido, gostaríamos de entrevistá-lo e, portanto, convidá-lo a fazer parte desta pesquisa. As perguntas que serão feitas durante a entrevista se referem ao tema em estudo, não são invasivas e não oferecem qualquer tipo de risco e exposição. É importante mencionar que caso aceite participar da pesquisa não terá gastos materiais e/ou financeiros como também o pesquisador estará garantindo a disponibilização de todas as informações referentes à pesquisa, a qualquer momento, através de explicações compreensíveis e do esclarecimento de eventuais dúvidas, por meio dos contatos de telefone/WhatsApp: +55(71)988-347-284 ou no e-mail: luanxmachado@hotmail.com. A participação deverá ser voluntária, podendo se retirar do estudo a qualquer momento, com exclusão das informações prestadas, sem que seja submetida a qualquer penalização.

A participação no presente se dará a partir de respostas a um instrumento de pesquisa específico, uma entrevista. Para tanto, solicitamos a autorização para a aplicação e análise dos dados, que serão utilizados apenas para os fins de investigação, sendo tratados apenas pelo acadêmico e pelo orientador. As perguntas se referem ao tema em estudo, não são invasivas e não oferecem qualquer tipo de risco e exposição. Caso haja a cessão de algum material, esta deve ser espontânea e da mesma forma, só será usada como fonte de pesquisa, podendo só ser reproduzida e/ou publicada com o devido consentimento.

Para efeito de melhor identificar vossa posição na pesquisa, pedimos resposta a estas questões:

1 – É de vosso interesse e gosto conceder a entrevista?

Sim () Não ()

2 – A entrevista pode ser gravada (apenas o áudio)

Sim () Não ()

3 – Vosso nome pode ser utilizado na pesquisa como informante, identificando no texto as respostas?

Sim () Não ()

4 – Caso haja cessão de algum material ou imagem, pode haver o seguinte uso:

Fonte de estudo () Reprodução () Publicação ()

Salvador, 17, de junho de 2020.

Orientador Prof. Dr. Coriolano Pereira da Rocha Junior

Acadêmico: Luan Alves Machado

Participante da pesquisa